Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia

VII

A Religião e a Arte

POR

JOSÉ AGOSTINHO

CASA EDITORA de A. FIGUEIRINHAS

Depósito Geral:

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª, Suc.

119, Rua do Almada, 123—Pôrto

5/56 8.

A RELIGIÃO e a ARTE

—— Composição e impressão ——
— Empresa Gráfica «A UNIVERSAL» —
DE FIGUEIRINHAS & MOTTA RIBEIRO, L.DA
—— Rua Duque de Loulé, 111—Pôrto ——

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/religiaoearte00agos

Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia

VII

A Religião e a Arte

POR

JOSÉ AGOSTINHO

CASA EDITORA de ANTÓNIO FIGUEIRINHAS

DEPÓSITO GERAL:
Livraria Portuense, de Lopes & C.a — Suc.or
119, R. do Almada, 123
Pôrto — 1912

Algumas palavras

IZEM-NOS que alguns críticos, decerto fortificados por sinceras crenças, nos acusam de, nêstes livrinhos apologistas da existencia de Deus, usarmos bastante de sofismas e de declamações. Não duvidaremos aceitar a acusação desde que ela seja austera e rigidamente provada, e portanto deveras benemerita porque, ao menos, evitariamos êsses lamentaveis defeitos.

E — sem excessiva vangloria — julgámos merecer essa lealdade desde que bastantes materialistas intransigentes têm confessado quanto sômos avêssos a expedientes sofisticos, e que só damos curso a afirmações dogmaticas depois de produzirmos outras que não

requerem fé, mas sim conhecimentos scientificos, nunca mesquinhamente scientistas.

De resto, seria curioso que, acusando-nos de sofistas, de dogmáticos e de declamatorios, o fizessem, afinal, em tom assim dogmático sem apontarem, discutindo-os honestamente, os pontos que devem ser quarentenados como suspeitos do morbo de anti-scientificos.

Tal procedimento equivaleria a uma, decerto involuntaria, mas muito pouco edificante falta de lealdade, bastando ela para que todos deixassemos de ver a verdadeira critica, digna de consideração e respeito, em quem tal procedimento usasse e depois a quizesse impôr como legitima.

I

A Arte, expressão e encanto da Vida—Falta duma completa definição da Arte—A Arte adulterada, tida como pura—Quadros, estátuas, edificios, partituras, apezar das lições de Massenet, Mascagni, Glinka, Beethoven, Wagner, Chopin, Listz, Schumann, e a poesia—Petronio, Virgilio e Homero—A Arte pela Arte e Brunetière—O livro de Tolstoï sobre a Arte—Os positivistas, Teixeira Bastos e a Arte pela Arte—Os eternos esgaravatadores de Heredia, Flaubert, Bainville, Gautier, Mendés e Remy de Gourmont—Eça, Castilho e Camilo—Afirmações de Tolstoï—A definição de Platão—Aristóteles—Não nos detemos nas opiniões de Plotino, Santo Agostinho, Leibnitz, Wolf, Baumgarten, Goëthe, Kant, Schelling, Hegel, Jouffroy, Lamennais, Winkelmann, Cousin, Pictet, Spencer, Madame Staël, Schiller, Montesquieu, etc.—A definição de S. Tomás d'Aquino—Como, ao pé dela, fica bem o pensamento de Tolstoï—O velho distico de Boileau—Classificação de Camilo Beaupuy—Porque discordâmos dela—A obra de Taine sobre a arte na Grecia—Uma teimosa convicção nossa—O espiritual abrangendo o passional—A beleza e a moral austera—O caminho da Beleza artistica—O verdadeiro e o moral—Tolstoï e a urgente cristianização da Arte—O valor idealizante da Arte—Opinião de Artur Bauer—Opiniões de Ruskin, Male, Pichat e Dubufe—A Arte mais valiosa do que a Sciencia—Durkheim—Conclusões lógicas—A Arte, tendo de ser religiosa, será forçosamente cristã.

Nunca podemos pensar sem perturbação estranha na Arte. E' que a Arte, encanto da Vida, é mais do que isso, e o que poucos mostram ver: é uma das mais positivas e assombrosas expressões da mesma Vida. Comtudo, rara é a teoria estetica que nos satisfaz a todos nos pontos principaes, nas proprias linhas basilares.

Definem muitos a Arte, e ninguem até hoje parece ter dado dela uma definição perfeita.

Tanto é certo que não basta o caráter positivo dum assunto para que seja definido com precisão pura. Singularidade incontestavel! O positivo, na sua melhor acepção, é tão complexo, por mais simples que o apontem, que se impõe sempre ao intendimento humano com qualquer coisa de indefinivel, como que de misterioso. No fundo da propria melhor analise, ainda que prodigiosa de penetração, ha sempre um ponto interrogativo, a projeção duma sombra aonde não chega a luz directa do nosso espirito.

Está dissecado o verme, autopsiado o foramínifero, o proprio microbio: mas a molecula? o atomo? E depois do atomo? E esta dificuldade, esta barreira, este limite, opõem-se fatalmente ao intelecto humano em todo o seu trabalho, em todo o seu estudo, no infinitamente grande e no infinitamente pequeno.

Entretanto, a Arte, incompletamente definida, é, talvês por isso mesmo, com facilidade adulterada. Corre, demais, como boa Arte, o que é apenas uma chinezice meticulosa, esteril, o narcizar-se com ar amimado e dengue nas volutuosidades anemicas duma paciencia, mais feita de debilidade e ócio do que de bom gosto e força. E é ver o quadro de tintas vagas, ou estravagantes, precioso de florescencias aguadas e átonas, modelo de desenho ás vêses impecavel, mas frio, com figuras duma redondeza de cêra, cheia de nicotina e nevoeiro, com os eternos poentes alambicados a fingirem simbolos de estados intimos, de novidades psiquicas, que não passam de estafadas ficções e abortos de sentimento.

E é ver a estátua, modelada com uma monotonia mais enfadonha ainda do que esteril: com cabeça, e parecendo acéfala; com peito e não evidenciando um coração; com membros, ás vêses corretissimos, e não mostrando os nervos na, embora exagerada e brutal, evidencia dos musculos; com ventre, por acaso alto-relevando carnadura de imagem grega, — e não inspirando, nem por sombras, a ideia da casta, mas saudavel fecundidade: ou então, se a estátua pretende exprimir dôr, doença, angustia, sem aquelas nitidas e naturais tonalidades, aquêles vincos, aquelas contorsões carateristicas que deixam no proprio abdomen de todos que sofrem, fisica e até moralmente, o vestigio certo da influencia das tempestades da alma e do corpo sobre a paz, a estetica, a consolidês das entranhas.

E é ver o edificio — santo Deus! em Portugal ha tanto disso! Não tem frontispicio que procure as nuvens: atarraca-se, sob o pretexto de que é preciso evitar os terremotos, e disfarça a falta d'azas do artista no florão banal, cópia triste de velhos monumentos lapidares.

E assim, sem cabeça que procure Deus, o Infinito, ao menos o sol, arredonda-se num corpo tão massiço e banal, que parece um barracão, um alpendre, o disfarce dum armazem, o qual apenas se aprimora em colunas, que, afinal, lembram as pernas, um tanto rendilhadas e bastante grossas, dum corpo de esquimó decepado. Tem janelas pretenciosas, dirieis olhos bistrados, com pestanas feitas de lentejoulas, com sobrancêlhas feitas de sanefas de mármore; e, se patenteia escadarias, magestosas algumas, átrios sofriveis, o seu conjunto é uma babel de primores doentios, despro-

porcionados, êrmos de pensamento e sentimento, carnais, achinezados, desconsolantes.

E é ver a partitura, sábia com Massenet, femininamente dolorida com Mascagni, singela e popular com Glinka, aprofundando-se nos canones de Beethoven e Wagner, delirando em Chopin e Listz, adelgaçando-se em Schumann, cristianizando-se na restauração do Canto Gregoriano, e, comtudo, sem o genio daquêles mestres, daquelas fontes, colecção de farrapos, acrobatismo de dificuldades orquestrais, ora adoçada até á leucorreia acustica, ora estapafurdia até aos peores momentos do teatralismo de Meyerbeer, fingindo-se catadupa e sendo apenas pantano cortado a remo de vime e apedrejado com torrões de barro, fingindo-se lago e não passando dum cuspidor a trasbordar.

E é ver a poesia, encharcada em diminuitivos assucarados, cheia de estribilhos moles e lambidos, com singelezas forçadas ou com sibilinismos paranoicos, a fingir dôr e a mostrar cinismo, a arremedar o sentimento e a exibir a cantilena, ondulosa, mas flácida e inutil, a inculcar pensamento, filosofia nova, visão estranha, e apenas á pesca de efeitos inesperados, e ignorante por completo da vida das almas, da fé pura, da sciencia verdadeira, e sem uma inspiração real, devéras artistica e humana, a acusar livre sentimento, volição saudavel, intendimento da Vida.

Artes objectivas e artes subjectivas — não falaremos da dança, nos nossos tempos reduzida, a rigor, a uma degeneração ridicula — tudo que é, ou se diz, Arte, é hoje menos indefinivel do que adulterado e com tanto maior facilidade, quanto a baixeza moral da Civilização vigente permite mais

os exagêros de Petronio, ao imitar Virgilio, do que os rasgos novos de Virgilio ao tomar como modelo Homero.

E isto mais dificulta, mais perturba, naturalmente, a áção critica de quem estuda a Arte.

Comtudo, podemos dizer sem mêdo que a pior Arte é aquela que só o é pela exclusiva preocupação de fazer Arte. A Arte pela Arte é, afinal, o que ha de mais banal e esterilmente artistico, aparente paradoxo que passa a ser verdade luminosa, se pensarmos nisto, que julgâmos indiscutivel: a Arte não é um fim, é um meio, a Arte é uma expressão e nunca uma essencia.

Porque suponhâmos a Arte como fim e como essencia. E' um objectivo mesquinho. Assim considerada, tem razão Brunetiére (A arte e a moral): — *Tem-se visto a arte entregue a si mesma e não procurando as suas regras se não em si; poesia, musiça ou pintura, degeneram rapidamente num conjunto de artificios para excitar a sensibilidade. Não lhe pedem mais nada então, e ela cuida apenas em agradar, custe o que custar, por todos os meios...*

Tal Arte corre parêlhas com as mundanas das avenidas de Babilonia, exibicionistas de carne e luxo, e foi ela certamente quem inspirou a Leão Tolstoï aquêle livro, tão excessivo, tão rispido, *Que é a Arte?*, traduzido, e lançado com escandalo dos maus artistas, no seio de Paris, por Teodoro Wyzewa, mas livro, sem duvida, iluminado a cada passo por auroras de pura e autentica genialidade. E ainda é certo que essa Arte, nêste tempo de perversão mental e estetica, é, por mau fado enorme, a mais aceite, a mais procurada, embora a menos capaz de ter sequer um arquivo de estima na posteridade imparcial.

A Arte como fim é tão absurda como o corpo considerado na acepção de essencia. Por mais que o gentil materialismo nos queira convencer de que a realidade e a beleza são todas exclusivamente plásticas, a sciencia e a consciencia demonstram-nos triunfalmente que não ha Beleza nem Vida sem o Espirito.

E, sendo assim, como admitir a Arte pela Arte, o amor exclusivo e mesquinho da Forma? Seria o mesmo que exibir nas trevas uma formosa lampada de jaspe... sem luz interior, e proclamá-la como astro dos astros, só porque a sua alvura se destaca, harmoniosamente um pouco, no escuro.

Mas, posto isto como evidente, e com o apoio dos proprios positivistas esclarecidos — entre nós, por exemplo, o finado Teixeira Bastos — nem por isso fica determinada a ação, a esfera pura, da Arte.

Os amimados, os derrancados, os pequenos egoistas, por mais que predominem ainda principalmente na imprensa, turibulando a degeneração da Arte, não pódem ser ouvidos a sério na questão. Ficam, pois, na penumbra justa, a esgaravatar nos primores dos Heredia, Flaubert, Bainville, Gautier, Mendés e Remy de Gourmont, a não discriminar o oiro do latão doirado na bagagem de Eça de Queirós, a repelir o que ha de genuino em Castilho e Camilo, louvando-lhe o que têm de sucata, e apregoando, entretanto, como a iniciados no Belo, os mil e um plumitivos, exoticos á força, que, donde a onde, acampam no vestibulo da apóteóse, lambidos pelo favor, pela ignorancia, pela sciencia do escandalo, ou pela devoção dos tarados e que se interessam, ás vêses, á custa de varias satisfações da sua vaidade, da sua gula,

ou da sua monomania. Ficam onde têm de ficar: na evidencia efemera de vagalumes, convencidos de que os vindoiros os tomarão, pelo menos, como estrêlas de segunda ordem — fé que pouco prejudica o mundo.

Mas, chamando a nós os conscientes e livres d'ânimo, teremos facilmente uma luz positiva sobre a Arte? Talvês, pelo menos quanto é possivel ao criterio humano dentro da atual evolução mental e moral.

Tolstoï, á frente dos mais anti-simbolistas, contesta que a Arte seja tudo que produz a Beleza. Segundo o grande pensador, o objecto próprio da Arte é *evocar em si mesmo um sentimento já experimentado, e, tendo-o evocado, comunicá-lo a outrem por meio de movimentos, de linhas, de cõres, de sons, de imagens verbais.*

E, a páginas 58 do seu belo livro, diz ainda: — *A arte é uma fórma da atividade humana, consistindo em transmitir a outrem os seus sentimentos, consciente e voluntariamente, por meio de certos sinais exteriores.*

O que Tolstoï amplia ainda nos capitulos V, VI e VII, afirmando que a Arte *é, por essencia, um meio de união entre os homens, devendo, porisso, ser acessivel não só ás classes cultas, como ás multidões, ao povo. Essa é que é a verdadeira Arte.*

Infelizmente, se a Arte não póde dar a perfeita beleza sem o influxo moral, não deixa de ser verdade que ela não póde ter, como *objeto proprio*, o comunicar essencialmente emoções e sentimentos. Decerto, pelo menos a nosso ver, será fálsa a Arte que se limitar á perfeição plástica: mas, tambem segundo o nosso humilde juizo, não lhe

basta o reflexo vivo e puro moral para que seja autentica.

Não está longe da verdade o eminente Platão, considerando a Arte *um lampejo do Ideal*, *uma reminiscencia da Beleza Suprema*... Mas é preciso ver, antes de mais nada, que a Arte é um *meio* e uma *expressão*.

Como *meio*, para ser perfeita, deve ser *essencialmente* bela: como *expressão*, para ser bela, deve ter, na nitidez plástica, profundamente impressiva dos sentidos, que são os caminhos para chegar á consciencia a vida exterior, o forte cunho da vida da alma.

Assim, a Arte será pura, quando dér um nitido reflexo do Belo, mas tanto mais valerá quanto melhor possa exprimir o que é abstrato no maior primor do concreto.

Não nos deteremos, a propósito, com Aristóteles, o qual chega a não estabelecer diferença entre a experiencia e a arte *(Aristoteles, por Gastão Cole, Alcan, Paris, 1912)*, e que encontra o Belo na *ordem e harmonia das partes*, o que levaria a incluir como artisticas varias máquinas industriais, por exemplo.

Deixarêmos Plotino, que deu, aliás, uma definição progressiva, das melhores da antiguidade, e pediremos licença ao genio de Santo Agostinho para não nos contentarmos com a *ordem* e a *conveniencia* — muito bem diz Gauckler, qual a *conveniencia* duma tempestade? —, licença que pediremos identicamente a Leibnitz, Wolf e Baumgarten, — teoristas da *perfeição* — a Goëthe, com a sua *lei do fenómeno*, a Kant, que parafraseia apenas Platão, a Schelling, todo ensarilhado no Infinito assim como Hegel, a Jouffroy, bastante perto em-

bora da verdade, a Lamennais *com o seu verdadeiro tornado sensivel*, a Winkelmann, de quem o nosso Eça importou a conhecida imagem da *transparencia da verdade;* emfim, a Cousin, muito próximo do mais aceitavel, a Pictet, com o seu *utilitarismo* — Bentham tem daquêles parceiros —, a Spencer, a Madame Staël, a Schiller, a Montesquieu, etc. etc. A legião é quási infinita.

Deter-nos-êmos, sim, diante de S. Tomás d'Aquino, e até nêstes assuntos, a velha escolástica, apodada de rançosa pelos cartesianos, vai retomando um imperio espantosamente legitimo, curioso de tom scientifico.

Diz S. Tomás: — *O fim proprio, especifico, da Arte não é o aperfeiçoamento moral do homem, mas a boa e justa execução da obra.* Numa palavra, *a Arte é um fator da Beleza.* Parece, á primeira vista, porém, agora, que a Arte pela Arte é digna de louvor. Mas a verdade é que, tendo a Arte como *fim principal* produzir a Beleza, nunca a produzirá, pelo menos superiormente, se, através da sua perfeição, não transparecer a vida espiritual, beleza e verdade superior — sem que êste objectivo seja o seu próprio.

Diz muito bem, entretanto, Tolstoï: *a Beleza não é, a rigor, tudo que agrada. Definir assim a Beleza é não dar uma verdadeira definição.* E, entretanto, vem a titulo de exactidão o distico batido de Boileau:

Só é belo o que é verdadeiro

Mas que é o verdadeiro? E' só o Concreto? só a Fórma? E que valem o Concreto, a Fórma, se não exteriorizam o Espirito? A propria pedra,

a flor, um punhado d'argila, têm vida, encerram uma força, como que um espirito, que dá fisionomia, mais ou menos nitida. Que é a dôr, rigorosamente, se não o reflexo duma essencia espiritual? Notemos, pois, isto: o Concreto é nulo sem o Abstráto, ou, pelo menos, sem atingir o seu grau quintessenciado.

Portanto, a Arte visa especialmente a *exprimir:* mas, se apenas se dedica ao primor concreto da expressão, se põe de parte demais o espirito, substituindo-o, por completo, pelo pormenor plástico, tão exclusivamente euritimico, que não deixa na observação do critico mais do que uma sensação de justeza linear, ou, quando muito, de opulencia da natureza, encarada sem sentimento puro, a Arte não exprime o *verdadeiro*, porque o *verdadeiro* depende sempre duma essencia espiritual, patente ou latente na Materia, e, assim, não exprimindo o verdadeiro, não é fator da Beleza.

Camilo de Beaupuy chega, nisto, porém, a lembrar-nos que ha tres especies de beleza: a das fórmas corporaes, a beleza passional — como o foi a da Renascença — e a beleza moral ou cristã.

Quanto a nós, não concordámos em absoluto com esta classificação, se lhe dérmos fóros de diferenciadora estetica.

A Arte grêga passa por ser a cultura exclusiva da beleza, das fórmas corporaes. Pensâmos, sim, que os grêgos deram muito predominio a essa Beleza. Assim lho impunha a sua Civilização. Taine escreveu um livro célebre *Filosofia da Arte na Grecia* para o demonstrar com analise profunda. Nenhum esteta deixou de ler essas 170 páginas, luminosas e audazes. Mas Taine não nos póde

dissuadir, do que, muito independentemente julgâmos um facto soberanamente positivo: *é que nenhuma Civilização, por mais antiga, ao cultivar a Arte, deixou de objetivar ao mesmo tempo, as tres especies de Beleza, de que fála Beaupuy—a corporal, a passional e a moral.*

A diferença está no predominio que a respetiva Civilização deu a qualquer dessas especies de Beleza. E' claro que a civilização grêga impôz muito o predominio da beleza corporal: mas a sua Arte não o seria, devéras, se as restantes belezas não fôssem por ela exteriorizadas e significadas. E isto é natural e humano, se pensarmos que a Arte, como tudo, evolute e progride.

Porisso, é admiravel a Arte grêga, mas inferior á Arte Cristã, progresso indiscutivel, porque a arte grêga deixou inferior expressão da vida da Alma, e a Alma vale mais do que o Corpo, a Fórma. O que não quer dizer que não lamentêmos o excessivo desleixo da Fórma em muitos cultores da Arte Cristã, porque—numa palavra—*a melhor Arte será a mais perfeita de plástica, mas exprimindo, com nitidês de sentimento, a vida espiritual.*

Porém, a vida espiritual a exprimir terá de ser impecavelmente moral? Espiritual, no nosso caso, é tambem o que é passional. A paixão depende do espirito, por mais que a desperte ou até a origine o corpo. O espirito tem paixões: o corpo sugere-as, provoca-as ou determina-as: mas o espirito, segundo a sua indole, acólhe-as ou repele-as. E outras ha que êle possue e exerce, como que instrumentando-as por meio do corpo.

E' que o livre-arbitrio é um facto, já hoje confessado pelos proprios que, como Artur Bauer pretendem *que a consciencia coletiva póde substituir*

a Religião. O livre-arbitrio, na sua possibilidade dentro dum certo determinismo mesológico, é perfeitamente explicável, encarando-se a Arte, e muito especialmente a Música e a Poesia. Não obedecem o músico e o poeta a regras fixas e soberanas? E quem mais do que êles vôa livremente pelos paramos do Ideal?

Voltando, porém, ao assunto: o espiritual expresso pela Arte deverá ser austeramente moral para ser rigorosamente artistica a sua expressão?

Na essencia, não — confessêmo-lo. Podemos achar inferiormente espiritual e nada moral o que, comtudo, é infinitamente artistico, embora nunca essa beleza possa passar além do que é só passional. A *beleza do pecado,* por desgraça, existe — e assim se explica o perigo das tentações nas mais elevadas e puras almas.

Comtudo, isto é muito relativo e tanto menos positivo, quanto maior fôr o progresso moral das sociedades.

Numa palavra, pois: o Belo artistico caminha cada vês mais para o verdadeiro, e o verdadeiro é progressivamente moral. A Arte, portanto, deve evolutir como as Civilizações, do culto predominante da beleza corporal para o da beleza passional e, por fim, para o da beleza moral sem que daquelas belezas deixe de ficar a expressão bastante, inapartavel da relatividade humana, por mais que as Civilizações progridam.

E' esta a nossa fé, e depois de consultarmos, quanto possivel, os tratadistas da especialidade.

Mas Tolstoï não terá, pois, razão, pretendendo que a Arte deve cristianizar-se já, apezar da degenerescencia atual e materialista ou simbolista, insinuadora dos trabalhos artisticos? Não pedirá êle

o que, por agora, é em parte imposivel, porque nada se faz de golpe, e assim um movimento artistico, austeramente moral, e que tem de vir com a radiosa e próxima vitoria do neo-cristianismo, não seria talvês forçar e falsificar um tanto a propria Arte?

Tolstoï, comtudo, tem razão. O Cristianismo, até como inspiração artistica, não é uma conclusão nova: é o resurgimento duma complexa verdade moral e mental que foi proclamada ha 20 seculos. O materialismo fê-la parar, e como que esconder, apenas no seculo XVIII e em parte do seculo XIX. Não a matou, porque o não poderia fazer: interceptou-a. Tem ela de resurgir, e, realmente, um dos melhores meios de reconquistar o mundo das ideias numa civilização, ébria de falso gosto artistico, está na Arte, que, como o mesmo Tolstoï nota, perdeu no nosso tempo a clareza á custa de falsos simbolismos, tornando-se indecifravel para a alma do povo, o que nada admira desde que deixou de ser cristã e, portanto, democratica.

Porém, seja como fôr, tanto poder terá a Arte como elemento de reconquista do mundo das ideias?

Abrindo alguns livros, publicados neste mesmo ano de 1912, fertil em tratados criticos, lêmos diversos hinos á Arte até nos mais rigidamente moralistas.

O acima citado Artur Bauer diz-nos *(A Consciencia coletiva e a moral, Paris, F. Alcan): — A Arte, sob as suas multiplas fórmas, é uma fonte inexgotavel de prazeres delicados . . . E' pela Arte que o homem aprende a simpatizar com a naturesa e a ver nela um conjunto de objetos naturais, proprios*

para matar a fome e para procurar um domicilio... Com o socorro da Arte, esta vida, por assim dizer, não tem nenhum limite... Além disso, póde afirmar-se, não é o belo uma fórma superior do bem?

Neste ponto, Artur Bauer não navega longe da austera barca de Tolstoï. O moralista, o septico em Religião, quer evidentemente que a Arte cultive a Beleza Moral para ser boa Arte, o que é a convicção profunda do genial pensador russo.

Na Arte esplendida das catedrais leu Ruskin ideias, sentimentos, a Historia mais nitida e fiel.

Emilio Male *(A Arte Religiosa no seculo XIII, em França, Paris, Colin)* traduz, na Arte arquitetónica, o mesmo manancial de principios e crenças, que assombrou Ruskin, e por sinal corrigindo ásperamente famosos devaneios de Vitor Hugo, tornados essencia duma teoria de Viollet-le-Duc.

A Arte — diz-nos dogmaticamente Lourenço Pichat *(A Arte e os Artistas em França, Paris, Paguerre) é a procura do Belo, a realização do Verdadeiro.*

Nada mais rapido nem mais profundo. Nada mais carateristico de verdadeira força a favor do Ideal.

Mas muito mais apoteótico, porque é exclusivamente fanático pela vida artistica, é Guilherme Dubufe *(O Valor da Arte, Paris, Ernesto Flammarion).* O seu interessante livro rompe por estas palavras — *A Arte é a grande testemunha do mundo, a mais sincera, a mais bela e, até hoje, a mais veridica.* Quer dizer: é a melhor Verdade, a melhor Beleza, a melhor Crença.

E Dubufe não hesita em julga-la superior á Sciencia. A Arte adivinha tudo que a Sciencia depois descobre, e vê o que os sabios não sabem

nem pódem ver. A Arte dá emoções e a Sciencia pretende dar certezas. Ora estas, como o prova a experiencia, são mais falsas do que as emoções. Pela emoção, que tem sempre uma razão de ser logica, descobre-se, pois, muito mais a Verdade do que pelas afirmações positivas da Sciencia que, todos os dias, reconhece ter sido simples hipótese o que julgára solida tese.

Segundo Dubufe, pois, a Arte é tudo, ou quasi tudo. Para êle representa um papel necessario, e nunca baseado no espirito de falsidade, como a proposito das religiões argumenta Durkheim *(As Formas elementares da vida religiosa, Paris, F. Alcan)*, provando que nem as cria o terror, nem o proposito de mistificação e exploração, banalidades que o vulgar livre-pensamento se tem fartado de propagar á custa da maior ignorancia filosofica e sociologica.

Mas, sendo tanto a Arte, a verdadeira Arte, Tolstoï tem constantemente, superiormente, razão.

Assim o julgamos, nós que estabelecemos, aliás, as maiores reservas sobre varias afirmações do seu livro, principalmente nas, tão arbitrarias, que dedica á Musica.

E, estabelecido e verificado isto, duas conclusões se oferecem logo dentro da logica: a *1.ª é que a Arte, evolutindo, tem de se tornar cada vez mais religiosa, sem, comtudo, deixar de ser perfeita na plastica nem pôr de parte os assuntos passionais; 2.ª Que, tornando-se religiosa, só será devéras superior, sendo cristã.*

Vejamos devagar a primeira conclusão. A Arte — como quanto á Sciencia afirma o insuspeito Durkheim — procede da Religião desde os primeiros tempos da Humanidade. Porisso ela,

mesmo com o predominio do plasticismo grêgo, acusa sempre, e tanto mais nitidamente quanto mais bela, um espirito religioso. E' certo, como nota Dubufe, que, apartada da Religião, não tarda a procurar de preferencia os objectivos mundanos.

Mas, se tal se dá, devido á reação materialista em que resvalam morbidamente as melhores civilizações, reação que a verdadeira Sciencia irá tornando cada vês menos possivel de exclusivismo cego, devemos ponderar que, assim como as religiões se humanizam dentro, por exemplo, das fórmas dos cultos, assim a Arte póde preferir a expressão da vida pessional e mundana sem perder o *quid* espiritualista e até rigorosamente moral dessa expressão. Deus não duvidou tomar em Jesus-Cristo fórmas humanas e assim a Verdade Suprema se tornou mais acessivel á grosseria da vida terrena.

A Arte evolute, e isto basta, porque evolutir é espiritualizar-se. Da Arte da Grecia á da Renascença ha um enorme caminho percorrido e, se a Arte da Renascença deprimiu muito o espirito cristão, laboriosamente quintessenciado na Edade-Media, não foi tão pagã como a classificam, ou, pelo menos, acusou um progresso espiritual que, por minimo nos seus exageros reacionarios, basta para dar base e alento á proxima futura arte neo-cristã.

Quanto á segunda conclusão, quasi superfluo é observar que, sendo o Cristianismo a mais perfeita das religiões, a Arte, ao atingir o pleno desenvolvimento do seu carater superior, ou o carater elevadamente religioso, tem de ser cristã.

E assim é cristã a Religião a que nós referimos, quando a pômos na presença da Arte. Im-

põe-nos isto não só a supremacia da Fé cristã como a filiação de toda a verdadeira beleza artistica no espirito do Cristianismo.

Para o verificarmos, basta ver, como iremos vendo, que os melhores progressos da Arte vêm daquela incomparavel Religião.

II

A melhor Arte é elevadamente religiosa — A Arte na Grecia acusa já o poder da Religião — Crentes e ateus diante da critica pura — Causas da miopia critica dos ateus — A vida religiosa perante a Sciencia Moderna — Um trabalho de Emilio Durkheim — Afirmações significativas — A Religião base de toda a vida humana — Reparos faceis que não prejudicam a pureza da tese — A Religião e a Sciencia — Os falsos sabios condenados á mais deploravel incompreensão do positivo — Os erros pessoais que provam contra os principios? — Como a Sciencia Moderna tambem prova que a Religião nunca foi produzida pelo terror — Palavras do mesmo Durkheim — Conclusões suas sobre o valor das crenças religiosas — William James e o seu livro **The Varieties of Religious Experience** *— A Religião, Mãe da Sciencia e Mãe da Arte — A celebre definição de Vitor Cousin — A nulidade da Arte pela Arte — A perfeição artistica e o espirito religioso — Justiça ao teorismo de Tolstoï — A urgencia da cristianização da Arte — Um asserto de Dubufe — Cada progresso do Ideal é um progresso da Arte — Mas a Arte nem só nos povos civilizados é digna de consideração — Os adeptos do totemismo já tem os seus monumentos artisticos — A Arte no homem primitivo — Deixando, com tudo, as mais antigas civilizações — Lembrando um livro de Gustavo Le Bon — A Religião e as suas duas filhas queridas — A Moral, irmã da Religião — Lição pura dos factos — A constante supremacia do espirito religioso — A Arte na Grecia — O seu formalismo — O seu carater mesológico — O solo grêgo — Notas de Chateaubriand e About — Opinião de Taine — A lógica superficialidade dos grêgos — Boas observações de Taine — Conclusões, porém, a favor do espirito religioso — Lapso de Taine e de Dubufe — E' preciso ver no proprio plasticismo grêgo a beleza de Psiqué — Ao que deverá a Arte grêga a sua provavel eternidade — O papel do Cristianismo — Sem a Arte Cristã não conheceriamos a grêga — Verdade de Renueci — Restrições — O valor da Arte na Grecia, se o Cristianismo principalmente a* **renovou** *— Sempre o valor da Arte segundo o espirito religioso — Justiça á arte grêga sem prejuizo da cristã.*

Do que deixamos dito, depreende-se, pelo menos, esta verdade imparcial: o ideal da Beleza é tanto mais superiormente expresso pela Arte quanto maior, mais pura e verdadeira, é a vida do espirito religioso.

Portanto, a Arte depende fundamentalmente da Religião, tesoireira maxima do Ideal.

Mas, para o provarmos, e com justiça absoluta a favor da Religião das Religões, do Cristianismo, não devemos levar a nossa intolerancia, embora muito bem intencionada, até negar todo o valor da Arte, como legitima expressão do Ideal, nos tempos anteriores aos da admiravel vitoria do Cristianismo.

A Arte, nos tempos pagãos, exprimiu naturalmente de maneira muito incompleta o Ideal, assim como, em civilizações ainda inferiores ás da Grecia e Roma — a inferioridade nada tem, a cada passo, com a cronologia, porque, por exemplo, Roma foi inferior á Grecia, ao Egito, á India, em nobre idealismo — assim como a Arte, diziamos, em civilizações, inferiores ás da Grecia e Roma, foi naturalmente mais incompleta do que nestas duas grandes civilizações. Como não seria assim, se o Ideal era menos perfeito e puro?

Por isso mesmo que a Arte vive primacialmente da Religião, o espirito religioso, emquanto esperava a supremacia do Cristianismo, não podia permitir a superioridade incontestavel da Arte moderna — que é cristã, e por vêzes, quando atacada de excessivo naturismo, numa tendencia regressiva. Mas tambem, por mais imperfeita que fosse a Arte durante essa evolução, calunia seria negar-lhe beleza e, de relampago, como que a visão genial da Verdade pura, porque, se o fizessemos, decerto

negaríamos gratuitamente o proprio caminho evolutivo do fundamental espirito religioso.

Sócrates, bem o sabem, avistou Jesus-Cristo. Platão avistou genialmente Santo Agostinho. Ora estes genios supõem excecionais artistas, seus coévos. Toda a Sciencia pura tem a Arte pura ao seu lado.

Entretanto, não são decerto os crentes os que menos entendem estas serenas verdades, tolerantes e justas. Os ateus sistematicos, tendo grudado no cérebro varios e rigidos scientismos com que tanto pretendem calar a sua consciencia como envernizar a sua ignorancia, são flagrantemente os que menos admitem na Arte um produto da Religião, do espirito religioso que eles detestam tanto em Buda como em Moisés, tanto em Confucio como em Jesus-Cristo, porque odeiam tudo que, bem ou mal, se baseia na soberana e basilar existencia de Deus.

Mas, apezar dêles, a vida religiosa não é já, aos olhos da Sciencia Moderna, por mais indiferente á Fé, o mito, a utopia, a *exploração mesquinha* que o falso scientismo, fortificado pelos erros dos religionarios menos coerentes com a fé apregoada, se têm enchido de trovejar, apontando tudo aquilo como causas unicas da religiosidade humana.

Já nos referimos acima a um livro de Emilio Durkheim, lente da Universidade de Paris, e um dos sabios que, embora reagindo ainda contra o largo neo-espiritualismo, evidentemente vitorioso na verdadeira Sciencia contemporanea desde ha vinte anos, têm, comtudo, a probidade de, perante os frutos das livres investigações scientificas, confessar com franqueza principios incontrastaveis,

embora vendo-os conducentes, todos os dias, ao triunfo, á supremacia completa das crenças religiosas.

Nesse livro — *As fórmas elementares da vida religiosa*, ha destas afirmações, (a paginas 3), que poucos erros, ou facilmente apontaveis, revelam: — *Mas, sob o simbolo, é preciso saber atingir a realidade por êle figurada e que lhe dá a sua verdadeira significação. Os ritos mais barbaros, ou os mais extravagantes, traduzem qualquer necessidade humana, qualquer aspeto da vida, quer individual quer coletiva.*

As razões que o crente dá a si mesmo para os justificar pódem ser, e até o são muitas vêses, erróneas; as verdadeiras razões não deixam de existir e é a Sciencia quem deve descobri-las.

(Isto na generalidade aplica-se, sem injustiça, a todas as religiões que não são o Cristianismo.)

Mas Durkheim continua: — *Não ha, pois, no fundo religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que por diferentes maneiras, a determinadas condições da existencia humana.*

E' facil restringir e depurar. Claro é que, sendo o Cristianismo a verdadeira Religião — bastando, para o afirmarmos, atender á divindade do Fundador — as religiões que não são o Cristianismo têm de ser falsas. Mas o que não é falso é o espirito religioso, *deveras exigido pela vida humana*, embora mais ou menos grosseiramente evolutivo até á vinda do Divino Mestre, de Jesus-Cristo. Durkheim mesmo, na essencia, não póde afirmar, um dia, outra coisa, desde que, abandonando a indiferença sistematica do sociologo, aplicar ao estudo das religiões nas suas fontes puras o seu

muito estudo e realmente poderoso criterio investigador e comparativo).

E a prova de que Durkheim, com a Fé, atingirá a Sciencia pura, lógicamente religiosa, está no que a sua observação vai descobrindo de real, de scientifico, a favor da primazia das religiões.

Diz o notavel professor e publicista a pag. 12 do mesmo livro: — *Ha muito se provou que os primeiros sistemas de representações que o homem teve do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não ha religião que não seja uma cosmologia, ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as sciencias nasceram da Religião, é porque a Religião começou por ocupar o logar da Sciencia e da Filosofia. Mas o que tem sido menos notado é que a Religião não se limitou a enriquecer com um certo numero de ideias um espirito humano, preliminarmente formado; contribuiu para o formar mesmo. Os homens não devem só á Religião, duma maneira notavel, a materia dos seus conhecimentos: devem-lhe ainda a fórma pela qual se elaboraram êsses conhecimentos.*

Todo o espirito claro discrimina nestas palavras o que ha de puro do que póde vir com laivos de racionalismo crónico, afinal em Durkkeim muito pouco eivado de fanatismos negativos. Reforça, pelo menos, o que em outros opúsculos temos dito sobre a origem da Sciencia, a Religião, origem e meio de vida e de progresso e para a qual a Sciencia se volta como um rio para a sua nascente e para o seu leito normal e natural.

A Religião, dando origem á Sciencia, encaminha-a e fortifica-a, e, por mais que ela se desvaire num orgulho vão, espera por ela para a con-

solidar, depurar, e rehaver como sua filha, sempre querida e muito bela, apezar dos desvarios da sua conduta.

Ora, se a Sciencia é filha legitima da Religião — como o não seria, *se a Religião*, como diz ainda Durkheim, *é uma coisa eminentemente social?* — quem não verá que a Arte, expressão do Ideal, daquilo que a Sciencia verdadeira procura definir o mais concretamente possivel, tambem o é por necessidade e por indole?

Mas não o podem compreender talvez ainda os meio-sabios que predominam nas turbas ingenuas á custa de cuja ignorancia e paixões vivem material e moralmente, como super-homens — aliás, já um poucochinho desacreditados. Para êles a Religião é, como acima dissémos, uma *exploração mesquinha* do analfabetismo e da credulidade. Em que baseiam a falsidade dela? No imoralismo de varios crentes... o que, a ser legitimo, devia converter um diamante, quando fôsse apresentado por uma suja mão, enlabuzada em lodo, em pedaço de lodo, e deveria fulminar todos os principios democraticos... só porque ha democratas duma imoralidade digna dos vatuas e doutros primitivos.

E outra base — vamos dizendo isto, ainda que muito de passagem — apregoam ainda os scientistas para a sua guerra á Religião. Entre nós, parafrazeando êles servilmente o dogmatismo sediço dum homem como Teofilo Braga, incompativel deveras com a Sciencia Moderna, a cada passo repisam *que a Religião é filha do terror*, o que noutro nosso opúsculo tentámos destruir á luz do simples bom senso.

Pois, estudando nós — e perdôe-se a digressão

— em Durkheim, o notavel sociólogo, tudo que, sobre o espirito religioso, póde dizer a Sciencia independente para objetivarmos dentro de noções positivas o que á religiosidade deve a Arte, encontramos a paginas 307 do citado livro do lente da Universidade de Paris estas palavras, gratamente confirmativas do que, contra aquela pretenciosa inepcia, dissémos no opúsculo *Deus Provado pela Siencia: — Têm-se atribuido muitas vêses as primeiras concepções religiosas a um sentimento de fraqueza e de dependencia, de terror e de angustia, que se teria apoderado do homem ao pôr-se em contacto com o mundo. Acabamos de provar que as primeiras religiões têm uma origem diversa. A famosa fórmula* **Primus in orbe deos fecit timor** *por fórma alguma é justificada pelos factos.*

E, realmente, Durkheim prova dentro da Sciencia o que afirma, como o podem e devem ver os que são incrédulos de boa fé, e como o transcreveriamos largamente, se o objectivo do nosso trabalho não fosse outro.

Mais: o notavel lente e homem de Sciencia, depois do seu monumental trabalho, que consta de 600 e tantas páginas, sempre rigorosamente scientificas, conclúe *que as crenças religiosas não se apoiam em ilusões; que, baseando-se numa experiencia especifica d'alto valor demonstrativo, essa experiencia não é inferior á experiencia puramente scientifica.* E francamente cita, para com êle concordar, William James e o seu livro *The Varieties of Religious Experience*, ou seja, uma das mais recentes e vivas apologias da fé, do imortal sentimento que os scientistas ora agridem a tiro ora a girandolas de sarcasmos vesanos.

Mas, seja como fôr, a Religião, como se evi-

dencia nos estudos verdadeiramente modernos e scientificos, é tanto a fonte suprema do Util e Positivo como do Belo, e sendo assim a Mãe da Sciencia em todas as suas manifestações fecundas, necessariamente o é da Arte, expressão do Ideal que, de resto, é o alvo incessante e lógico da mesma Sciencia, e ainda talvez o seu melhor e mais puro, guia e estimulo.

Depois disto, nada nos violenta admitir a profunda e recta definição de Vitor Cousin: — *A expressão é a suprema lei da Arte. O que ha a exprimir é sempre o mesmo: é a ideia, é o espirito, é a alma, é o invisivel, é o infinito.*

Portanto, onde fica o valor da Arte pela Arte? Portanto, não é a Arte tanto mais perfeita quanto mais progressivo o espirito religioso? Portanto, não avulta menos o exagero, e mais a justiça, das teorias esteticas de Leão Tolstoï? Portanto, emfim, cristianizar a Arte não estará sendo tão urgente como cristianizar a vida politica e social?

Mas não digressêmos mais, embora repetindo o que desejariamos ver persuadente e demonstrado.

Vejamos, sim, quanto possivel, e num rapido lampejo, o caminho paralelo da Religião e da Arte.

Para o apontarmos á luz da Realidade, basta verificarmos a profundeza positiva dêste asserto de Dubufe: — *Toda a obra d'arte será uma vitoria, maior ou menor, do pensamento sobre a obscura resistencia da materia.*

E notemos ainda estas palavras do mesmo autor: — *Sempre que uma ideia se levantar no mundo,* **o artista vencerá com êsse sinal...** *E' o eterno recomeço do mundo e a eterna marcha para o* **cen-**

tro simbólico *que seria a Beleza, talvês celula inicial da Verdade.*

Realmente, esta marcha das Artes é um dos mais interessantes fenómenos da vida dos povos civilizados...

O criterio destas palavras é justo. A cada progresso do Ideal corresponde um progresso artistico. Nêsse progresso do Ideal, a Materia, dando a forma, é vencida e secundarizada, mas ganhando, afinal, maior beleza.

Assim a Carne, depois de dar vivenda ao Espirito de Jesus Cristo, ganhou uma fisionomia superiormente bela.

E' o eterno recomeço do mundo, diz Dubufe. E' antes a eterna progressão, embora cortada de regressões e até de bruscos despenhamentos na barbaria, quando a soberba humana, julgando no requinte da civilização a antropolatria triunfante, procura furtar dos ólhos de Deus o pensamento e o sentimento.

Mas nem só os povos civilizados têm, na sua vida, como o indica Dubufe, o fenómeno da marcha progressiva das Artes.

Se até a perfeição plástica é, a rigor, de secundario alcance, nós dizemos que não é impossivel achar já arte progressiva nos povos mais primitivos. Será toda simbólica, por vêses monstruosa, absurda, desconexa: mas tambem se revela, frequentemente, com um vigor espiritual que demonstra o palpitar vivo e irresistivel do espirito religioso.

Ha verdadeiras progressões artisticas nos próprios adeptos do *totemismo* que Mac Lennan estudou com elevação e que outros solidarizaram com a organização social por meio dos *clans*.

O homem primitivo, apenas em contacto com o mundo, foi religioso, quanto possivel á sua inteligencia e sentimento e, ao mesmo tempo, foi artista, não começando decerto pela arquitetura e menos pela pintura, — uma caverna era uma casa, a natureza não sugere télas, embora rudimentares, ao selvagem, — mas pela musica — florestas e prados, mares e rios, tudo é um cantico — e logo pela poesia — ha ritmo em toda a vida terrena, — e pela dança.

Tudo isto, pouco a pouco, bem o sabemos, mas intensamente, e antes de atingir-se uma civilização preliminar, embora os criticos digam que dessa música e dessa poesia não subsistem documentos, o que é um facto áparte.

Mas deixemos o homem primitivo, a edade de pedra, a propria China com os seus deuses desconformes e grotescos, a Caldeia, mãe provavel da Arte, a Assiria, o Oriente.

Deixemos o Egito e a India, e, deixando-os, deixamos voluntariamente dois enormes tesoiros de Arte e flagrantemente demonstradores da supremacia da inspiração religiosa.

De sobejo é conhecida a obra do dr. Le Bon *Leis psicológicas da Evolução dos povos*, e nela, por exemplo, se alto-relevam com verdade e profundeza as manifestações artisticas da India e da Persia, ao mesmo tempo que, como em todas as obras de Gustavo Le Bon, se faz ao espirito religioso sempre a justiça da primacialidade e indispensabilidade não só estetica como social.

Levar-nos-ia muito longe tal estudo, aliás feito em trabalhos copiosos e diversos, facilmente consultaveis, e muito divulgados.

O que, entretanto, se depreende da vida de

tantos povos, de tantas civilizações — sucessoras, por sinal, doutras que modernos estudos provam terem sido scientificamente superiores em tudo á nossa — e notoriamente nos progressos materiais com que tanto nos envaidecemos — o que se depreende, diziamos, é que o espirito religioso não só é origem principal da Arte, como seu instrumento, constante e superior, de vitalidade, progresso e fixação de destino.

A Religião evolute acompanhada constantemente por duas manifestações, profundas e como que intimas aliadas, da alma humana: a Arte e a Sciencia. Mas essa marcha evolutiva é precisamente a da Mãe fecunda e generosa que caminha com as suas duas filhas mais queridas.

E não chamamos á Moral filha da Religião, porque a Moral é antes sua Irmã, como que o que na Terra justifica a visão absorvente da vida do Céu, visão impossivel sem uma concepção religiosa, scientifica na base, artistica na expressão.

Evolute a Religião, com o prestigio de sciencia dos destinos humanos. Que faz ela em beneficio da Humanidade?

Rasgar horisontes sobre o abismo da Vida, de maneira a conhecermos algo do Absoluto.

E então é Sciencia.

Mas, rasgando êsses horisontes, simboliza aspirações, visões, verdades pouco a pouco entrevistas, extasis, principios puros, sonhos e até delirios, e ao mesmo tempo as paixões do homem que pretende dominar a Materia, que, ora vencendo-a, ora por ela vencido, se aproxima de Deus até quando mais julga só aproximar-se da Natureza.

Bem sabemos que, dizendo isto, estamos em

grande desacordo com estetas varios e dos mais cotados. Mais de desacordo ficaremos ainda com os scientistas, carroças de sofismas e, comtudo, furiosos pescadores de razões sofisticas em tudo que os contrarie.

Mas o inaplauso seja de quem fôr, ainda que provindo de estetas consagrados, não basta para anular a lição magistral e triunfal dos factos.

Ora esta lição, para quem não se prender com apriorismos, deriva com pureza e justeza a favor da supremacia do espirito religioso em toda a vida psiquica da Humanidade, e afinal segundo o cotejo de todos os documentos que o mesmo scientismo não póde contestar serem belas, integras e honestas conquistas da Sciencia verdadeira e pura.

Não pretendendo nós excavar no sub-sólo estonteador das Civilizações, na grande, incomparavel e tão desconhecida vida oriental, faremos como quási todos: analizar a Arte na Grecia, Arte que, passando sobre a fria e prosaica ponte do sentimento romano, se esconde na Edade Média, resurgindo na Renascença para ficar, com o que lhe é devido no seu valor plastico, precisamente formal, ora nas regressões pagãs ao naturismo sceptico e sensualista, ora nas boas regras artisticas dos que, sem deturparem o Ideal cristão, progresso radioso, aceitam, comtudo, com bom senso, com inteligencia filosófica, a mais primorosa exteriorização da Alma Divina.

A Grecia — é vulgar verdade — capichou na Beleza da Fórma. Força e graça nas linhas. Desenho puro, duma correção impecavel e, ao mesmo tempo, como que palpitante de saude. Tudo quanto de belo, vigoroso e sedutor de graciosidade

póde encerrar-se ou destacar-se no Corpo. Fulgor e, ao mesmo tempo, simplicidade. Uma Arte viva, luminosa, que fica bem ao ar livre, que nasce do sol e procura o sol, que pede o firmamento sem nuvens, a doçura e a tonicidade do Mar Egeu, toda a calma, todo o perfume e alegria da vida helenica, de Corinto ao Peleponeso, a Atenas, sorridencia pura, vegetação abundante que as ventanias da Trácia, que o proprio *siroco*, mal perturbam.

Sim, visivel influencia dos arômas tónicos e puros duma como que encantadora alma da Terra, emergente dum belo sistema orografico; o Pindo, como nucleo, como pontifice de pedra e urzes, e logo, em prolongamento meridional, os relevos pitorescos do Otrys, do Aeta, do Parnaso, do Hélicon, do Citeron, descendo ao istmo, adensando-se na beleza e calma do Peleponeso. Torrentes delgadas, até sêcas, como as notou Chateaubriand, como as descreveu About, mas com fachas de cultura viçosa, embora predominando o rochedo calvo em que a luz bate com força, pureza e alegria singular.

Numa palavra: mais ar puro do que vegetação; mais horisontes luminosos do que sombras embalsamadas; mais linhas admiraveis de montanha alcandorada do que prados humidos, vales frescos, florestas misteriosas.

E nesta natureza, cortada de mil murmurios do mar a ferir a terra em enseadas, golfos, recortes continuos, cheios de capricho e imprevisto, tudo isto poetizado e até perfumado pela vizinhança de arquipelagos que parecem constelar a imensidão transparente das águas — caminho de tantos argonautas de todo o mundo — uma raça

que não é o produto fatal do seu *meio*, como queria Taine, como pretendem ainda mais rigidamente Laponge — pretensão hoje completamente anti-scientifica, apezar do genio de Montesquieu, o patriarca de tal teorismo —, mas que, dominando, ao adaptar-se a ela, a sua vida ambiente, nos apareceu sempre em concordancia harmoniosa e fecunda com o seu *habitat*.

Sim, a sua Arte é assim dentro desta observada harmonia, e tambem dentro daquêle infantilismo que um sacerdote egipcio notou a Lebon, dentro daquela superficialidade brilhante — muito natural no apaixonado pela Fórma — com que os seus melhores sabios cumpriam a sua missão, colhendo *a flor de todas as coisas*, como diz com felicidade Taine; nada para profundezas — como lho permitiria a leveza do espirito religioso? — sem tenacidade e abnegação experimental, o brilho acima do saber, o sofisma perto do argumento, pouco de elevado, muito de mordente, e, ao mesmo tempo, amavel, tudo pela exterioridade bonita e pelo amor de passar a vida á custa das flores, dos balsamos, da luz do sol, da vida caprichosa das vagas, de quanto na Terra é beijo, fecundidade plastica, devaneio de brisa, a qual, entretanto, mesmo a brincar, leva o pólen, a semente da flor e, como que por acaso, o germen dos frutos loiros e aromatizados, dignos duns deuses que não se envergonham de comer e até dormir com os seres humanos.

Mentalidade, pois, não muito para ascensões ao Ideal Maior. Preocupação predominante da Fórma em tudo. O argumento vale principalmente pelo acrobatismo da dialetica. As convicções ocupam um logar secundario, pois que, acima de

tudo, estão as *expressões*. Não se hesita diante dum circunlóquio, logo que seja brilhante. A limpidez, quasi ingenua, da verdadeira Sciencia é suplantada pela verdadeira astucia do retórico, do artista pela Arte...

Assim era, realmente, a Grecia, pelo que Taine pode dizer com verdade: — *Com efeito, os gregos brincaram com a vida, com todas as coisas graves da vida, com a religião e com os deuses, com a politica e com o Estado, com a filosofia e com a verdade.*

E Taine tem, ainda razão ao definir assim: — *Os gregos tiveram a encantadora liberdade de espirito, a superabundancia de alegria inventiva, a graciosa embriaguez de imaginação, que impelem a criança a fabricar e a manejar incessantemente poemetos, sem outro fim que não seja dar curso ás faculdades novas e demasiado vivas, que de repente se pronunciam dentro dela... Delicadeza da percepção, aptidão para colher as relações delicadas, senso das gradações, eis o que lhe permite construir conjuntos de formas, de sons, de côres, de acontecimentos, numa palavra, de elementos e de pormenores tão vinculados entre si por laços intimos, que a sua organização é uma coisa viva e excede no mundo imaginario a profunda harmonia do mundo real. Necessidade de clareza, horror ao vago e ao abstrato, desdem pelo monstruoso e pelo enorme, gosto pelos contornos determinados e precisos, eis o que leva a encerrar as suas concepções numa fórma fácilmente perceptivel para a imaginação e para os sentidos, produzindo obras que todas as raças e todos os seculos podem compreender e que, sendo humanas, são eternas. Amor e culto da vida presente, sentimento da força humana, necessidade de serenidade e de alegria, eis*

o que leva a evitar a pintura da enfermidade física e da doença moral, a representar a saúde da alma e a perfeição do corpo, a completar a beleza adquirida da expressão, etc.

Mas tudo isto acusa, afinal, uma consideravel progressão do espirito religioso, por mais que o Ideal pareça esquecido, na sua essencia, em beneficio do esplendor da Fórma.

Não o quer ver Taine. Não o viu muito o próprio Guilherme Dubufe. Mas a Arte grêga, bela, a mais longeva da antiguidade, porque foi muito *humana* — e não só pela plástica esplendida, como pelo que de espiritual ha, comtudo, no seu caráter óptimista — a Arte grêga vive principalmente da Religião da Grécia.

Religião ainda inferior na doutrina, mas progressiva na expressão, na Fórma, o que, por certo, significa a progressão, lenta mas fecunda e evidente, do espirito.

Contornos belos. Mas a sua bêleza poderia ser como que eterna, se atravez daquela harmonia, daquela serenidade, só cheia de indiferença aos ólhos dos septicos, não transluzisse a imortal Psiqué, evolutiva, porventura bastante despreocupada, bastante contente com o exterior, mas, na realidade, já muito solicitada pelo sonho, serenamente luminoso embora, de Platão, pelo lampejo alto e novo da alma precursora de Sócrates?

Emfim, ao que deve a Arte grêga a sua grande longevidade? Ao primor do que na Fórma menos acusa o espirito? Não.

A *saúde da alma*, de que fala Taine, é o segredo da beleza superior da Arte na Grecia. Ora essa saúde da alma é, realmente, como que imposta pelo vigor gracioso da plástica, pela saúde

do corpo, mas, se só esta se afirmasse, a Beleza ficaria tão inexpressiva, que não resistiria ao decorrer de algumas gerações.

Seja, pois, a Arte grêga como admiravel lampada de jaspe, muito espêsso ainda para deixar passar toda luz de Psiqué, mas emfim já tão transparente na fisionomia, duma maneira direta, como nos membros, que menos parece carecerem de alma, porque a própria perfeição dêles é devida sem a menor dúvida a uma consideravel, radiante e, portanto, religiosa progressão psiquica.

Assim, o Divino já palpita na Arte grêga. O cristianismo, porisso, aproveitou dela a Fórma, que é muito cheia de Alma, embora sem a luz superior e completa, e converteu a palpitação calma em sentimento pleno, vivo e, á luz da realidade humana, pessimista, doloroso.

Nós até não acreditamos que, sem esta revolução cristã, a Arte grêga, tão desvirtuada pelo, para nós, detestavel espirito romano, vivêsse até á nossa civilização, que tanto a estuda e elogia, afinal sem a compreender dentro da sua verdadeira vida.

A Arte da Grecia, sem o cristianismo, seria uma progressão religiosa mutilada, um esplendido formalismo plastico que esqueceria por não haver como que uma luz comentadora a trazê-la para a admiração humana com o valor de documento, ao menos, desta constante rivalidade, secular e irreprimivel até hoje, do Corpo com o Espirito.

Mas o que é positivo é que a Religião já na Grecia, ou mesmo na Grecia, fêz a Arte, sendo o seu principal elemento de vitalidade, embora, como é logico e justo, com inferior nitidez de predominio, explicavel inferioridade, visto que em tudo a vida humana tem obedecido a uma pro-

gressão da Verdade e, portanto, a uma Sciencia evolutiva, exteriorizada, ás vêses, em verdadeiras ante-visões, por uma evolutiva Arte.

E, como em toda a parte, a Religião fês quanto pôde como essencia, e, conforme tambem o seu progresso na visão do Ideal, deixou na Fórma o que sempre deixa, por maior que seja o naturismo do artista, — de espiritual óptimismo quási indiferente na Grécia: — mas, afinal, reflexo, nitido duma progressão psiquica, pois que a serenidade do óptimismo não é, como tantos julgam, a indolencia espiritual, podendo até ser extasis, sonho que da Terra vê, na imaginação, a vida supra humana, o que constitue uma atividade flagrante, essencialmente criadora.

E esta atividade, consideradas as reais condições da vida terrena, vem lógicamente a conduzir ao pessimismo e, depois, á dor como verdade e musa. Evolute então a vida religiosa, como Deus o determina. Vem, por exemplo, o Cristianismo. Que papel desempenha êle na Arte? Lógicamente o que desempenha na Sciencia: o da Moral principalmente, o do aperfeiçoamento da Beleza no Bem. Sepultará a velha Arte? Não: completá-la-á, avigorando-lhe e depurando-lhe a inteligencia da vida cósmica, e logo a noção da Causa Primaria, delicadizando o sentimento, levando-o a abrir o caminho positivo das ideias pela liberdade maior, pela pureza mais completa, dos seus vôos.

Assim, a Arte Grêga, por menos que pareça inspirada pelo espirito religioso, dêle foi uma obra evolutiva muito consideravel, e devéras nitida até no que mais parece exclusivamente formal, plastico.

Tem, a proposito, razão Renucci, entretanto,

ao escrever: — *A dizer a verdade, a Arte sofria nisto a sorte de todo o sistema filosófico, que é, precisamente, não poder, como o faria uma religião, dirigir-se a todos.* Mas restringiremos. A Arte grêga, a nosso ver, não foi tão vedada, como o insinúa Renucci, ao grande publico. Não. Se o fôsse, como teria razão Taine, dando-a como eterna, embora ao epiteto demos a razoavel latitude? A Arte na Grécia, pensamos nós, não pôde ser compreendida e como que *vivída* por todos como foi depois a cristã, mas não porque ela não significasse nada de espirito religioso. Concordêmos, todavia, com Renucci em que a Arte grêga foi muito prejudicada pelo que o mesmo publicista afirma: o que houve de progressão religiosa, muito digna de louvor, ficar como que num ocultismo timido, dentro da filosofia de Platão, sem poder vencer, pois, o que se afirmava excessivamente materialista. Mas essas verdades platonicas quereria Deus achá-las oportunas, Ele que tem revelado toda a Verdade, desde Moisés, sempre conforme á progressão mental da Humanidade? O povo grêgo estava lógicamente nas condições que o mesmo Renucci pinta nestas palavras: — *D'aí o persistente materialismo da sua religião... Nesta questão particular da Arte, era impotente para elevar o artista acima da imitação da Natureza, idealizada — ou antes embelezada — nêste sentido em que tendia a reproduzir a fórma, não servilmente e como, na realidade, a via, mas como a figurava a si próprio segundo um tipo materialmente mais completo, retificando, segundo êste criterio, as imperfeições da natureza, conduzindo-a a uma proporção rigorosamente exacta, a uma harmonia de linhas e a um conjunto mais perfeito; pondo de parte, comtudo, por não o ter conhecido, — e assim*

teria atingido a perfeição — esse sentimento da beleza interior que ilumina a Arte, renovada pelo Cristianismo.

Diz Renucci: *Renovada pelo Cristianismo.* Dizendo-o, está plenamente connosco. Se o Cristianismo *renovou* a Arte, que herdou da Grécia, é porque aproveitou muito do que a sua legataria possuia: e, se aproveitou muito dela, a ponto de *renovar* e não *criar* dêsde os alicerces, é, incontestavelmente, porque a Arte na Grecia acusava um nitido e já muito adiantado espirito religioso.

Renucci continúa: — *E, na verdade, que esperar duma religião como a dos grêgos? Que inspiração, que grandeza, que ideia, podia ela trazer á Arte? Divinização, no principio, das forças da natureza, depois, das paixões humanas, os seus deuses representavam homens dotados dum ilimitado poder — com os seus defeitos e vicios, porque nêles predominam os mais maus — do que sêres duma essencia superior, acima da humanidade, de toda a distancia do relativo ao absoluto, e separados d'ela por todo o abismo do finito ao infinito... A sua mitologia, sem elevação, não podia oferecer á imaginação do artista senão assuntos desprovidos de todo o alcance moral...*

Ficou, pois, a Arte reduzida a mascarar o vácuo da ideia religiosa sob o ritmo da frase, sob a graça e a pureza da linha, incapaz de receber dela esse aumento de força, esse nervo, esse poder que lhe permitem elevar-se, da admiração da Fórma, até á visão da beleza perfeita, e pôr nas suas obras algo dessa perfeição ideal que desperta em nós a ideia do infinito e do divino.

Mas isto tudo como que nos parece superfluo. Quem duvida da superioridade incomparavel da Religião Cristã? E, sendo assim, como é que a

Arte cristã se não revelaria estonteadoramente superior á grêga? O nosso caso não é, evidentemente, comparar duas religiões, e muito menos quando uma delas é admiravelmente divina. Mas é nosso dever de consciencia notar que a Religião já mostrou o poder do seu influxo na propria Grecia, e notoriamente na sua Arte, como sucede em todas as civilizações. O nosso dever, emfim, é não relegar demais para um plano secundario uma Arte bela, embora inferiorissima á cristã, e tão bela, e tão progressiva relativamente ás suas antecessoras que, como o confessa o mesmo Renucci, dela é a arte cristã uma justiceira *renovadora*. E que esperar, entretanto, da arte como da religiosidade grêga, antes da vinda de Jesus Cristo?

Entregue a Humanidade a si própria, sem o vislumbre, apenas vago em Platão e Socrates, duma Pura Moral, não é prodigiosa devéras a Arte na Grecia, não merece, melhor do que um excessivo desdem, o elogio independente que nada prejudica, aliás, o muito mais que merece a Arte cristã?

Como poderia a Grecia ver a Beleza superior, se artistas cristãos só evolutivamente, ao compenetrarem-se das divinas verdades do Cristianismo, a puderam exprimir, quanto possivel, e alguns, e tantos depois da Renascença, descaindo a cada passo ainda num naturismo fortemente pagão?

O que nos importa é notar que a Arte grega, essencialmente imperfeita, mas formalmente admiravel, revelou, tanto nas imperfeições da essencia como nos primores da forma, o grande, o indispensavel, o fundamental espirito da Religião.

Com excessivo culto da Forma? Com um otimismo estranho na expressão? Mas, nem por isso,

Psiqué desapareceu debaixo dos contornos, e logo que Psiqué assista, embora aparentando uma serenidade de quem está feliz e radiante com o exterior, a Religião palpita, como que descançando no que ha de efemero para evolutir até o que é eterno e só se conquista por meio da Dôr.

Indiferença? Perdôe-nos Renucci. Nós conhecemos alegrias radiosas que são nitidos preludios da angustia. Algo temos visto da Arte grega. Nunca encontrámos, porque seria impossivel, uma expressão cristã: mas seria facil apontar qualquer coisa de precursor do novo sentimento, porque a Arte da Grecia não é só a Venus de Milo nem as ruinas do Partenon, como não é só a escultura, por mais que ela predominasse na civilização de Atenas.

Então a poesia, e por vêses a que mais parece passional e mundana? E o que se perdeu de documentos em mármore e em telas, o bastante, porêm, para, segundo nosso juizo, dar vida, dar ilusões de vida á Arte de Roma que reputámos tudo quanto ha de menos espontánio, de mais *snob*, de mais discordante da idiosincracia do povo que foi chamado *grande*, só porque fês a Arte civil e em tudo preparou o despótico esmagamento do mundo?

Numa palavra: a Arte na Grecia afirma quanto toda a manifestação artistica exige o influxo, o poder, a força genesica e exclusiva da Religião.

A Religião é imperfeita? A Arte, por ela inspirada, tambem o é, embora, como sucedeu na Grecia, o espirito religioso pareça confuso e grosseiro em demasia, o que não quer dizer que a Psiqué humana, parecendo contentar-se com a

doutrina inferior da sua Moral, não aspire a maiores progressos e os não represente mesmo, com exterioridades optimistas, em concepções formais que, por serem primorosas, já se aproximam da vida dos espiritos.

III

Uma declaração de Stendhal — Parcialidades correntes — Lourenço Pichat — Taine e o espirito religioso na Grecia — Insistindo na influencia da religião na Arte grêga — Panteismo que tem as suas vantagens — A excessiva impenetrabilidade do espirito religioso no Egito — Naturismo que, afinal, revela espirito religioso — Divinizar o corpo já é confessar, embora mal, o Divino — O Apolo de Belvedere — Um verso de Byron — A luz, elemento como que imaterial, sugere Deus nitidamente — Não é a exuberancia da Natureza, contudo, que cria ou eleva á Arte — A região esplendida de Java — O Cristianismo não rebaixou o corpo humano — A verdade de que o corpo é o carcere da alma — A lição do secundario valor da arte romana — Roma, a **filha da Loba** *na frase de Lemaître — A sua Monarquia, a sua Republica, o seu Imperio — A Grecia e Sócrates, Platão, Pitágoras — Roma sem um ideal elevado, deveras humano — Catão, um corruto, — Virgilio, Horacio e Petronio — Cicero — Marco Aurelio — Tacito e Salustio — Roma, a decadencia constante — Um Povo-Rei que não vale a actual Suissa ou a actual Belgica — A Alemanha contemporánea — A superioridade de Roma foi copiar na Grecia o que teve de prestigioso para a Consciencia Humana — Razões etnograficas e mesológicas? — Sua muito secundaria importancia — Roma não compreendeu o Oriente, nem ao menos como a Grecia — A idolatria da Lei — A Moral romana acusa tanto como a Arte o pequeno espirito religioso — Catão, Sócrates, Tito Vespasiano A Arte em Roma — O culto da força brutal — Virilidade grosseira — O frio utilitarismo — Os templos romanos — O Estado-Deus — Desproporção e confusão artistica — A influencia da Arte na Fé — Huyssman e Gomes Leal — Um casamento civil em Mangualde — A Lei não substitue a Religião — O que ha de religioso na arte romana — Constantino e o Cristianismo — A superioridade da Arte Cristã — Como valorizou as suas antecesoras — O Cristianismo e o Passado pagão — A Arte moderna sempre influenciada e orientada pelo Cristianismo.*

Dizia Stendhal: «*Declaro-me parcial. A imparcialidade nas artes é, como a razão no amor, dominio dos corações frios e frouxamente interessados.*»

Esta parcialidade não é só pertença do espirito meio realista e meio romantico daquêle paradoxal romancista e critico d'arte, sinceridade, quanto a nós, mais que duvidosa, e muito mais evidente amor do destaque até por meio do escandalo.

Lourenço Pichat, frequentes vêses dum meio-termo luminoso, sofrivel de clareza e profundidade, e ainda mais de justeza, não fugiu tambem á influencia da parcialidade, ainda que sem grande cunho original, enfileirando com os pontifices e semi-pontifices da rotina criticante... hoje mesmo ainda em predominio na imposição dos mesmos principios e definições em tom de catedra.

E foram estes criticantes que decretaram ha muito, quanto a Arte grêga só objetiva o corpo humano, não pensando, nem por sombras, em espirito, em alma, em ideia religiosa. Renucci parece ter sido, pois, bastante influenciado—embora com intuitos superiores — pela célebre teoria critica que Taine prestigiou muito com o seu famoso livro determinista. Entretanto, Taine não se pronuncia manifestamente contra a evidencia dum espirito religioso na Arte da Grecia. Se o fizesse, diria uma mentira, aliás.

A grande predominancia da perfeição plastica, repitámo-lo, não quer dizer que a Religião é dispensada na verdadeira Arte.

Facil, alêm disso, era provar ainda por varias considerações, e até á saciedade, que a Arte grêga foi como foi, mas rigorosamente segundo a Religião que a inspirava. Ora a Religião grêga, imen-

samente inferior quanto ao cristianismo — como já seria superfluo demonstrá-lo — é muito notavel de superioridade em relação a outras religiões suas antecessoras, excedendo-as sem dúvida, no progresso das suas concepções e simbolos, o que, afinal, se traduz com brilho e pureza na mesma Arte, na simplicidade elegante dos templos, na arquitetura como na escultura e como decerto na pintura. Amor ardente da Natureza, do sol claro, das linhas rectas, ou das curvas harmoniosas, do que é nada confuso e estonteador, do que é singelo, mediano, como que *verosimil?* Assim é, e isto parece, na verdade, procurar apenas o concreto, o humano, mais do que o fez a Arte egipcia, por exemplo, tão monumental e esmagadora, tão esfingica, tão sedenta do divino.

Seja como fôr, a, embora demasiada, humanização do espirito religioso não quer dizer, afinal, ausencia da Religião. Se indica, como aviso de fraqueza idealista, a progressiva predominancia dum culto da Natureza, nada nos autoriza a supor, e menos a afirmar, que nêste culto excessivo não palpita ainda, e até procurando uma fórma nova e pura, um fecundo espirito religioso. Panteista? Como quizerem. Mas justo é notar que êsse panteismo, apezar da sua fatal inferioridade, é pelo menos, superiorissimo ao materialismo estreme — negativo de toda a verdadeira Arte — e que, olhado praticamente, e em comparação do profundo ocultismo oriental, fechado e impenetravel, mais favorece, nas obras artisticas, o advento do espiritualismo puro, por ser muito mais acessivel, no pouco que tenha de espiritualista, aos espiritos das multidões. E, com isto, não contestamos por fórma alguma a superioridade doutrinaria, mas destinada

apenas a uma especie de Conselho misterioso, que possa haver no fundo da Religião do Egito, por exemplo, nem até a grandeza da Arte correspondente, mas só compreendida pelos iniciados, e pelos serenos depositarios das doutrinas que êles sistematicamente guardavam, na sua essencia, longe do intendimento popular, talvês porque, a rigor, não passavam de presentidores confusos da Verdade Maior, depois revelada maravilhosamente por Deus.

Insistimos, pois, em que a Arte da Grecia, sendo soberanamente naturista, acusa — até por isso mesmo — um nitido espirito religioso, nada valendo contra tal verdade os excessos volutuosos de varios artistas grêgos, como contra o caracter da arte cristã não valem os desvios pagãos de muitos artistas que deveram sempre, comtudo, ao Cristianismo o *quid* de eterna beleza que dá a verdadeira Arte.

Pichat diz, entretanto, *que os Gregos glorificavam o corpo humano, e que os cristãos o rebaixavam.* Velho logar-comum. O que, nos corpos grêgos, parece a tantos *divinização* não passa, afinal, do bom reflexo do ideal da Divindade, dum original espirito religioso, pois. Onde a plástica sugere a concepção do *divino*, não está o efeito nitido da Religião? A perfeição mais admiravel dum produto artistico é a que lembra, clara ou indirectamente, Deus. Haverá perfeição, por maior, e possivel dentro das forças humanas, que nos arrebate sem exteriorizar qualquer coisa da alma, ou duma particula luminosa do Infinito Ser?

Vejam o celebrado Apolo de Belvedére. Byron canta-o, num extasis:

The sun in human links array'd...

Quer dizer: *é o sol revestido de membros humanos.* Conclúem os vulgares teoristas: *Eis um verdadeiro especime da Arte grêga.* Mas, se o é, poucas obras provarão melhor a bastante influencia do espirito religioso. O Apolo de Belvedére fala á alma a linguagem da luz tranquila, impassivel, e, comtudo, deslumbrante e fecunda. Não nos reflete, porêm, mesmo assim qualquer coisa de Deus? *O sol revestido de membros humanos* será, a rigor, uma existencia normal, vulgar, terrena? Apolo é um deus fabuloso, d'alma egoista, orgulhosa, desdenhosa? Mas a riqueza da sua luz astral fala, e muito, de Deus, do Invisivel, da como que essencia da Luz, da pura Beleza, que o Senhor criou de subito nos Céos. E essa Luz gerou em todas as almas o vago misterio que póde refletir no mármore da famosa estátua o que a esta dá o encanto de sempre.

Porque o Apolo de Belvedére, sem a influencia como que imaterial do sol, da Luz que apenas tocámos com a visão, nem tinha aquêle mármore radioso, nem podia ser concebido na beleza viva das suas linhas.

E quem ensinou o artista a procurar aquêle efeito divino, aquela imitação do maior prodigio da Criação, se não o espirito religioso, pois que, sem êle, em vão o ambiente é cheio de luz, perfumes e canticos, se o homem sem Religião dormita animalmente e animalmente vive, produzindo apenas o mediocre, o correcto, o indispensavel á vida vegetativa? Por acaso a esplendida natureza de Java, só porque o é, deu alguma vês um Apolo de Belvedére? Não, porque não ha em Java a

Arte. E porque a não ha? Porque não predomina um elevado espirito religioso, e porque, sem êle, nenhuma Arte, como nenhuma Sciencia, é possivel.

Mas *o Cristianismo rebaixou o corpo humano*, diz Pichat. *O corpo para os artistas cristãos*, continúa êle, *é uma prisão da alma*. Rebaixou o corpo humano? Na arte dos seus primeiros artistas tratou-o sem corrécção, como é natural: esqueceu-o talvês demais pela expressão exclusiva da alma. Mas que admira? Queria Pichat uma Arte essencialmente *renovadora, mas com uma orientação até aí desconhecida*, tornando-se logo *matemática no justo acordo entre o que ficava da maneira grêga e o enorme e profundo espirito novo?* O artista cristão considerava a principio o corpo só como um cárcere da alma. Ponto de vista positivo e justo, mas, pouco artistico na verdade, a ser encarado com vistas exclusivas. Comtudo, era preferivel ao antigo ideal, caminhando-se fácilmente depois para a como que necessidade de dar ao cárcere os belos reflexos da fisionomia da prisioneira, para que o vulgo intendesse melhor a nova Arte.

Mas isto seria, afinal, *rebaixar o corpo humano?* Nada mais belo do que o real, como é banal lembrar. Ora que mais perfeita realidade do que apresentar o corpo como êle é, encerro do espirito? A Arte virá depois aperfeiçoar as linhas do cárcere, torná-lo, quanto possivel, condigno da prisioneira, transigindo emfim com a fantasia, porque realismo perfeito, mas inacessivel ainda ao semi-paganismo dos povos, seria decerto não ligar ao corpo mais do que uma muito secundaria importancia.

Mas, se o parcialismo dos discipulos de Sthendal — Pichat não o é muito voluntariamente

— teima em apaixonar-se pelo naturismo arreligioso da Arte Grega, um facto significativo deveria esclarece-lo: é a inferioridade da Arte no povo qué da Grecia herdou a Religião e o gosto artistico — o povo romano.

Roma, a *Filha da Loba* — como lhe chama Julio Lemaitre — é, para nós, apezar de todo o seu ficticio esplendor, uma longa e ruidosa decadencia. Não a salvam a doçura, a pureza, a melancolia celtica, de Virgilio. A sua monarquia só tem uma grandeza tocante: Numa Pompilio. A sua republica só tem uma claridade, mas efemera: a do Monte Aventino. O seu Imperio, apezar de Marco Aurelio, de Tito Vespasiano, de Constantino, é um açougue... doirado, posto sobre um pantano ou sobre um sinistro deserto espiritual.

A Grecia, decerto, já era, apezar de tudo, uma degeneração, embora brilhante, visto que não soube e não pôde colher no Egito, depurando tudo com o seu brilhante talento divulgador, o que naquela civilização já havia de precursor, mas muito timidamente, da Verdade que Jesus-Cristo, por graça admiravelmente divina, viria prégar e santificar. Comtudo a Grecia — e isto prova sempre a relativa superioridade do seu espirito religioso — pôde ter Pitagoras, Sócrates e Platão, o que significa sem duvida uma corrente viva do Ideal e, portanto, uma Arte progressiva apezar da volutuosa plasticidade que a fez mais conhecida.

Roma, não. A lenda da sua origem é o roubo e o fratricidio, a burla e a sede de conquista. O seu primeiro vagido é o da fera — *filha da Loba*. Rapina, carnificina, traição, dureza de alma. Na Grecia corre o sangue por influencia das paixões. Roma ensanguenta o mundo por cupidês, como

que a sangue-frio, sem fé elevada, ávida d'oiro, anciosa por uma emporocracia brutal.

Depois, as paixões intestinas não são ainda ardor pelos principios: são meros conflitos entre feras que disputam a mesma vitima. Ha no povo muito da alma pura que reflete o melhor do idealismo grego? Ha. Mais tarde será o melhor do cristianismo. Mas esse muito fica pouco diante da secular predominancia do *vicio nemrodico*, como lhe chama Saint-Yves d'Alveydre.

Tómem o melhor cidadão romano, como exemplar de virtude: sai um hipócrita. Catão, celebrado mais pela ignorancia do que pela admiração sincera, não passa na sua vida intima dum teimoso cheio de pustulas morais. Camilo provou-o com brilho. Salvam-se bastante os Gracos? Mas a doblês de Seneca chega a causar asco. Ao pé do suave Virgilio, ha o cinismo elegante de Horacio, e mais tarde a aridez, o preciosismo, a enfase forçada, de Petronio. Debalde se procura um Socrates. Cicero visiona a verdade, mas estrangula-a na ambição e até na hipocrisia, na preocupação dos grandes gestos, farejando a imortalidade ou o prestigio de momento.

Encontram em Roma Platão? Algum tanto em Marco Aurelio, mas numa evidente miniatura mental e moral. Só Homero é bem representado. Mas Virgilio é mais celta do que romano.

E não falemos nos austeros como Tácito. Taes os houve, que, flagelando Catilina, tinham latrocinado com infamia. Salustio foi um dêles.

Que é Roma? A decadencia humana dentro duma civilização postiça, brutal de indole. Como por acaso, recebeu o pólen mental e moral de Atenas. Mas nunca o assimilou bem. Assim su-

cede ainda a muitos povos que se confessam cristãos. Não intendem profundamente o Cristianismo, e por isso a mais anã das Politicas ousa legislar a favor do ateismo, ruina certa da vida social. Entretanto, chamam ao povo romano o Povo-Rei. Porque? Porque dominou o mundo? Quanto mais o não domina a pacifica Suissa, ou a progressiva Belgica, pelo prestigio da sua liberdade e moralidade? Vejam, ao seu lado, a tremenda Alemanha. Cheia d'oiro e polvora, temida e gigante, e vacila, e cada vês menos dirige o pensamento humano.

Roma teve mais força do que a Alemanha, porque dirigiu até o pensamento humano: mas, quando o fez, traduzia a Grecia, plagiando-lhe os proprios sofismas e outros defeitos, o que prova inconsciencia, incompetencia para a hegemonia, conquistada pela atrocidade, pela audacia e pela perfidia.

Mas donde vêem tantos defeitos? De serem os romanos braquicefalos em vês de dolicocéfalos? Do clima? Da configuração do sólo? Da alimentação? Hoje está provado... que nada disso faz prova fundamentalmente. Dolicocéfalo é o povo sueco e não predomina na Europa. Povos de climas quentes vencem na atividade outros de climas frios ou temperados. Raças que vivem na planicie, têm, pelo menos, o amor heroico da liberdade que distingue, segundo Montesquieu, os habitantes das montanhas. Nações onde se consome tanta carne como na velha Roma são batidas por outras que se sustentam principalmente de arroz. Comparem a Russia ao Japão.

E, analogamente, povos com um ambiente que devia excitar a ferocidade, são mansos. Outros, num meio favoravel ao espirito de paz, e sem ra-

zão etnica, ou de qualquer maneira mesológica, para penderem para a guerra, só estão bem trucidando e fazendo-se trucidar.

A inferioridade dos romanos está na tibieza da sua fé religiosa. A que devemos atribui-la? Decerto á sôma de muitos fáctores, o principal dos quais julgamos ser a incompreensão da misteriosa religiosidade oriental, incompreensão maior do que a dos grêgos.

E' que o Oriente, e com muita superioridade na Judeia, que aproveitou do Egito só o que êste tinha de, embora confusamente, impulsionador para Deus, realizara civilizações que cumpria continuar, e que nem a Grecia soube traduzir senão superficialmente. E Roma, copiando a Grecia, nem sequer intendeu a cópia da cópia. Onde havia o embrião do Amor e da Justiça, viu o germe do Poder, da Brutalidade, da Força. A Grecia deixou agonizar o prestigio da Lei, mas como que advinhando uma Lei Nova. Roma fês, da mais áspera Lei, toda a Base. A primeira como que presentia que ao culto da Beleza material se ia seguir o da Beleza ideal. A segunda, não o compreendendo assim, aprendeu só na quéda da Grecia a concentração, por todos os meios, das suas forças para dominar, sugar, devorar o mundo, e polvilhou a sua brutalidade com o que pôde copiar das ruinas grêgas.

Assim a Grecia — temos ainda de nos repetir — possuiu um notavel espirito religioso, apesar da sua volutuosidade de costumes: Roma, apezar da rigidês das leis, deprimiu a religiosidade herdada e logo, muito logicamente, em vez do defeito incontestavel da volutuosidade, ostentou a maior dissolução dos costumes, incompativel com a Arte

verdadeira. Já o dissemos: Catão era, a rigor, um corruto. O proprio Tito, *o amigo do Povo*, foi um algôs em Jerusalem. Não é preciso falarmos doutros, muito e muito piores. Esses, apezar de ter havido no mundo Socrates, e apezar de Virgilio ter cantado, eram monstros, féras inferiores em bondade ás que constituem as tribus canibalescas.

Tanto é verdade que a elevação do espirito religioso tudo é na vida humana. Ora que se podia esperar de Roma com a cópia autêntica e mal aprofundada da religiosidade grega?

E, afinal, é isso a Arte em Roma. Cópia piorada da Arte na Grecia. Em Roma, muito maior predominio da beleza fisica. Contestam-no, dizendo que Roma pretendia, sim, exteriorizar a força dos musculos? Mas confessam então o *quid* espiritualista das belezas grêgas. Na Grecia, na sua Arte, ha, como diz um publicista, *a graça, a frescura, a elegancia, a alegria, da adolescencia*. Sim, a adolescencia, o botão de rosa, o germinar do fruto, são muito ungidos de religiosidade. No como que incompleto da musculatura dos adolescentes está a superioridade da alma, a vitoria da expressão superior, adelgaçando a materia bruta do envolucro.

E o mesmo publicista continua: *na arte romana ha o vigor dum homem vulgar, homem feito.* E' isso mesmo. Ha uma como que degeneração da beleza pura: a ameaça prosaica do abdomen predominante, a monotonia da carne espessa que mal permite suspeitar-se da existencia dos nervos, instrumentos da alma, uma gravidade na face que mais traduz indiferença do que tranquilidade intima, mais bestialidade do que bondade.

Mais realismo dirão? Mais naturismo? O que

revela é mais septicismo, e vejam se tal Arte póde empolgar, sendo assim, como a da Grecia, apezar de imperfeita ainda de Ideal.

Em Roma é o culto da força fisica, quando na Helade era o da Arte pela Arte, a ser o menos, se algumas veses na Grecia o foi tanto a rigor, como criticos divulgam. Os grêgos tinham ideias, sentimentos esteticos: os Romanos mercantilizavam tudo isso, porque a sua depressão religiosa só lhes deixava ver a supremacia da brutal *utilidade*.

Assim, medianos embora, os templos da Grecia eram harmoniosos, simples, cheios de luz, — belo modelo é o Partenon — e, se não procuravam o Divino em complicados simbolos, em arrojos arquitetónicos como os do Oriente, exprimiam já uma fé, uma paixão ardente e generosa, um Ideal: os templos e monumentos de Roma eram reflexos apenas do Estado-Deus, pois que os deuses se viam suplantados pelos cesares, padrões tristes da ferocidade como os circos, quasi armazens de vanglorias como o *Forum*, tudo pobre ou de arte refletida e pesada, serenamente cultora dum pequeno Ideal, sem a vibração profetica, sem a sublime energia psiquica que carateriza o Sonho arrebatado e sincero.

Daí a desproporção, indicando o tumulto das pequenas paixões e não, como no Egito, o pesadêlo dum Divino formidavel, procurado ha dezenas de seculos, e sempre inatingivel, ou exclusivamente possuido por tradicionaes iniciados, talvez beneficiados por Deus, como Socrates, Platão e Pitagoras, com lampejos da Verdade que vai ser Verbo na Palestina, em Jesus-Cristo, no Mestre Divino.

A simplicidade elegante da arte grêga acusa-

ria muito de naturismo. Em Roma, é fruto duma animalidade que, evidentemente, foi amamentada pela Loba, recebendo dela assim os impulsos do salteador carniceiro, do legislador que raciocina como o lobo da fabula de Lafontaine.

Mas note-se como a inferioridade artistica tanto depende em Roma da inferioridade religiosa, que torna desertos os mesmos templos. Póde ser certo que nos templos grêgos mais êntre o religioso por causa da Arte do que o religioso por causa da Fé. No proprio Cristianismo sucede assim por vezes. Tem havido até conversões celebres, devidas ao encanto artistico do ritual. A conversão de Huysmann, se não estamos em erro, determinou-se desse modo, embora depois a influenciassem as austeras lutas intimas que, levando-o á Trapa, nem por isso lhe tolheram uma talvez demasiada benevolencia para com a idiosincracia mórbida de Verlaine.

A conversão de Gomes Leal, o nosso maior poeta depois de Antero, foi sem duvida muito principalmente devida ao espirito da sua veneranda mãe, mas crêmos — quanto no-lo permite o conhecimento do adoravel poeta da *Vida de Jesus* — que a reforçou poderosamente uma especie de atração artistica, empolgante, como só é avaliavel por quem confrontou já qualquer acto friamente civil com uma solenidade religiosa.

Sem o menor intuito politico — dia a dia, seja qual fôr o seu crédo, achamos a politica a pior coveira das nações — nunca póde esquecer-nos o incoercivel confronto por nós feito, de golpe, muito no nosso intimo, entre um casamento civil, como o vimos, ha pouco mais dum ano, celebrar

em Mangualde, e qualquer casamento religioso, por mais pobre, por mais aldeão e humilde.

Assistimos por acaso. O sacerdote era o administrador do concelho, dr. Valentim da Silva, nosso muito particular amigo, e, comtudo, muito nosso adversario em crenças religiosas.

O templo era uma salêta cercada de papelada. O altar, uma secretária. O Evangelho era a Lei civil. Os noivos e as testemunhas sorriam, como quem se não fia na eficacia do casamento. O sacerdote, um pouco embaraçado, parecia ancioso por dar fim áquela missão, que devia ser tremenda.

Para maior embaraço, o dr. V. da Silva é um espirito elevadamente artista, um escritor, como um orador, de pulso. No seu septicismo que, afinal, não prejudica em nada a nossa mútua e tolerante estima, germina até muito mais o espirito religioso do que êle o supõe. Dir-se-ia um sólo generoso que algumas urzes invasoras afastam dos beijos directos do sol.

Realizou-se a cerimonia, ou antes, a formalidade fria, apezar das pretenciosas delongas. Nem um rosto enternecido. Nuns, a expressão do riso irreverente. Noutros uma especie de tortura—decerto um dialogo interior. Em nós, uma decepção invencivel, que chegou a ser pungente. E em quási todos se entendia isto:—E' aceitavel o registo civil. Mas para que chamar-lhe casamento ou batisado? Para que o esforço por um tom solêne que não se consegue sem, ao menos, o auxilio prestigioso da Arte? E a Arte, que é toda Ideal, dispensará, ao unir duas almas, qualquer coisa que lembre um templo? Seria melhor registar friamente o contracto, como quem legalmente assegura um estado social.

Quanto ao mais, que cada um procurasse, ou nas igrejas, ou, se a Fé não existisse, na Moral mediocre que póde existir sem Religião, a especial ternura que abençoa o amor, ou o fruto do amor. Seria preferivel. Assim, todo o esforço pela grandeza do acto resulta ou cómico ou fastidioso. A união dos nubentes parece uma parodia inferior. O sacerdote assume as proporções, pouco invejaveis, dum intruzo. A Lei exorbita das suas atribuições, porque, em vês de tomar a declaração simples dos noivos e de lhes colher a êles, e ás testemunhas, as caucionadoras assinaturas, em vês de registar simplesmente, pretende ter prestigio religioso, prestigio que nem o local, cruelmente despojado de toda a Arte, permite nem sugere.

Assim civil, nulo apezar das aparencias forçadas, era o templo romano. A Arte deprimia-se em predominantes ostentações de vida legalista e utilitaria, o que era o mesmo que expulsar dos templos o verdadeiro espirito religioso. Se nêles havia algo de belo, valia secundariamente, porque era cópia da Grecia. Mas que puro valor tinha essa cópia, se tudo ficava como que estrangulado pelo como que realismo mercantil e usurpador que distinguiu principalmente a vida de Roma?

Portanto, e mais uma vês, tal Religião, tal Arte.

Comtudo, até a respeito de Roma seria injustiça negar á Arte uma bastante procedencia da Religião. Duma maneira inferior ao que se deu na Grecia, o povo romano, esclarecido pelo grego e em parte, nas massas humildes, como que levado por um presentimento do cristianismo, deixou consideraveis pedaços de Beleza artistica, informes, desconexos quási sempre, principalmente

depois de Trajano, mas com certo valor ainda tanto na arquitetura — os gregos preferiam-lhe a escultura — como na poesia, na escultura, e parece que na música.

E a decadencia é fatal e ruidosa, mas sempre proporcionalmente á agonia do já de si fraco espirito religioso. Os artistas de Roma, apezar da insistente paixão pelo culto da força fisica — ou antes, por causa dessa cada vês mais exclusiva paixão — perdem toda a noção do Ideal. Nem verdadeira força, nem boa sensibilidade. Como diz um critico: *trabalho apressado e feio. Trabalha-se sem consciencia.* O critico podia ter dito tudo num logar comum: falta de Fé.

Depois, vem Constantino. Impera com êle o Cristianismo. Mas até onde descera a Arte? Até á anemia, julgando exteriorizar a força, a saúde, á custa da brutalidade. Dificil era ressurgi-la de pronto. Veio o bizantinismo, adaptação confusa da arte oriental que a Grecia depurara e magnificenciara muito? Assim o diz um critico, mas confessando a existencia dum largo periodo de tentativas dolorosas. Periodo logico. O Cristianismo pensava principalmente no Divino. Trazia, como distintivo admiravel, a Fé na Verdade com a Moral Superior.

Acima de tudo, era a clareza, apezar do misterio divino, era a ordem, apezar do amor da liberdade, era o amor, apezar do horror ao vicio e ao êrro, era a justiça, apezar da apoteose que fazia do amor.

O critico, acima aludido, não viu, por sinal, bastante isto. Mas, ao menos, não nega a superioridade artistica que deriva do ideal cristão.

E essa superioridade artistica — declara-o com

verdade — foi retemperar-se na arte grêga. Assim foi. O Cristianismo colheu de tudo que deixavam as velhas Civilizações o melhor, pois que o melhor das Civilizações, as conquistas de todo o Bem, são obra de Deus, e o Cristianismo é uma religião fundada por Deus. Assim, a Arte cristã, aproveitando a perfeição plastica da arte grêga, não aproveitou senão muito pouco da fria, prosaica e mercantil arte romana : bastante da sua poesia — afinal reflexo da poesia da Grecia — e, se artistico é um idioma, a lingua, não tão harmoniosa como a grêga, mas universalizada pela força irresistivel das circumstancias, e, entretanto, opulenta, magestosa, embora com a magestade dum conquistador que fala musicalmente de cima do Capitolio. Esta magestade, porêm, o Cristianismo a transformará em piedade.

Emfim, a Religião, verdadeiramente Religião como nunca, inspirará a Arte moderna, numa gestação que consóme alguns seculos, e depois saberá realiza-la, lentamente, procurando objetivar o progresso do Ideal dentro da alma dos povos. Tem havido soluções de continuidade. Mas, como o Cristianismo ressurge logo depois de deprimido, a sua obra, até á artistica, é imortal. No presente momento acentua êle uma vida nova que deve influir, não já sem tempo, na Arte.

IV

O Cristianismo e a Cruz—Uma verdade de Chateaubriand—Verdades de Renucci—Definição complexa e profunda—O amor—O Amor na Grecia e na Civilização Cristã—A **renovação** *artistica pelo Cristianismo—Porque é que a Arte cristã evolutiu lentamente—Preferencias lógicas por generos de Arte—Roma e a arquitectura—A superioridade da pintura quanto á escultura—Vitor Cherbuliez, Lessing e o* **Laoconte,** *Winckelmann, Platão, Oeser, Rumohr—Platonismo e cristianismo—Materialismo dissimulado—Qual o verdadeiro realismo—A existencia da Dôr—Realismo cristão muito bem definido por Laberthonniére — Cherbuliez e as suas Cartas sobre os quadros da exposição de 1872—O* **Hercules** *de Chere—Os embaraços de Cherbuliez—Resultados da falta de orientação filosófica—O materialismo em 1872—Palavras incompreendidas, as de Rittershaus—Mil anos de gestação—S. Paulo contra a Arte,—O tempo em que vivia o Apóstolo—O que então mais urgia—Dubufe ao lado de Cherbuliez—A Arte nas catacumbas—Evidencias lógicas—Constantinopla tesoireira da Arte antiga—Os cristãos não compreenderiam os monumentos de Roma?—As primeiras basilicas—A inspiração do Amor—Poesia, música e pintura—Contra os vulgares estetas—Exigencias absurdas—A basilica de Santa Maria Maior—Preconceitos irritantes—Constantino e Dario e Augusto—Santa Sofia, de Constantinopla—Stambul e Roma—A Religião Cristã e a Arte—***O Genio do Cristianismo** *de Chateaubriand—S. Basilio e a arte—Opinião de Rossi—Santo Eloi—Leão X e S. Francisco d'Assis—Exclamação de Renan—O Cristianismo definindo os campos da arte—Os artistas portuguêses—A arte vista na França.*

O Cristianismo emfim surgira como o Sol das Almas. As seculares profecias cumpriam-se. Jesus-Cristo fôra Verbo Divino, ferira no peito duro o paganismo, e á Espada opuzera, nas duas hastes dum patibulo, os braços da Cruz.

Mas o Cristianismo *vinha transmudar todos os principios*, como disse Chateaubriand. Filosofia e Moral, e, alêm disso, Religião verdadeira, a sua obra era tão scientifica como dogmática.

Poderia preocupar-se com a Arte? Podia e devia. O Cristianismo tinha de influir, como nenhuma das velhas religiões, em todos os trabalhos artisticos.

Nêste ponto, achamos tão incontestavel o que diz Renucci, que vamos transcrever as belas palavras que, sobre a influencia do Cristianismo na Arte, escreveu em 1901.

Nota o erudito publicista: — *A influencia do Cristianismo na Arte é perfeitamante racional. Explica-se pela propria natureza do sentimento que domina o Cristianismo e a Religião, e que é sua caracteristica, ao mesmo tempo que a sua novidade, fôrça e grandeza: o amor.*

Se, realmente, a Arte é, na sua manifestação exterior, a procura e a reprodução do Belo, tem por principio filosófico, por principio fundamental, o amor. Por isso, em ultima análise, a Arte poderia definir-se.—**O Amor corporizado**. *Era, pois, natural que, sendo o Cristianismo na sua Moral uma lei d'amor e revelando, afirmando e prescrevendo os seus dogmas o amor de Deus para com o homem e o amor do homem para com Deus e para com o seu similhante, exercêsse na Arte uma acção preponderante e directa. Não foi por amor, não foi unicamente para cantar, para glorificar Deus e dizer a gloria de Cristo, da Virgem e dos Santos, que os primitivos se tornaram os admiraveis artistas que fôram, atingindo a Arte pela própria fôrça da ideia, realizando, através duma fórma, que é pobre da sciencia da proporção, a graça e a pureza absoluta de linhas que a*

Antiguidade empregaria, a mais completa impressão do Além, do sobrenatural e do divino?

Não foi por amor e só para exprimir, louvores a Deus e aos seus Santos, que se compuzeram êsses hinos, essas poesias, essas orações, que os seculos se não cançam de admirar, e que, não satisfeitas por igualarem o que no genero a Antiguidade nos deixou de mais perfeito, ainda excedem as maravilhas antigas na sublimidade do seu fim e da sua inspiração?

Estas palavras de Renucci são luminosamente definidoras. Primeiro que tudo, no justo juizo feito sobre o caracter do Cristianismo, avulta implicita a indispensabilidade da influencia religiosa na verdadeira Arte. E' intuitivo o mais. Poderia, por muito gratuita hipótese embora, dar-se a anomalia de qualquer outra Religião não influir na Arte. A Religião Cristã é que, por ser superior como Filosofia, como Moral, como Verdade, e a única revelada depois do Sinai, não podia deixar de influir essencialmente na vida artistica.

Mas, sendo isto assim em pura teoria, mais evidente se torna, notando-se o sentimento basilar do Cristianismo; o Amor. Ora o Amor — verdade soberana! — é a arte corporizada.

E aqui temos plenamente comnosco Renucci. A Arte grêga foi notavel, porque esteriorizou primorosamente o Amor. Porque foi, comtudo, inferior á cristã? Pela lógica inferioridade do Amor exteriorizado. Continúa a ser positivo que o Espirito vence a Materia, que o Sentimento vale mais do que a Fórma, embora dela careça como instrumento, o qual será admiravel tornar, quanto possivel, condigno do seu Agente.

E' o Amor, mas o Novo Amor, o Amor desconhecido até então pelo mundo inteiro, que vai

fazer toda a Nova Civilização, toda a Nova Arte. Eis a *renovação*. E será tão sublime de espirito, que chegará a iluminar as imperfeições plasticas dos primitivos, a ponto de as tornar peregrinas e nunca vistas belezas. Porquê? Porque é imensa a superioridade espiritual. A Fórma vale muito, mas sem o Espirito é pouco. O Espirito, quando inspirado em Deus, é tudo, embora encerrado numa Fórma imperfeita.

E evidente fica ainda a lentidão natural com que a Nova Arte, superiorissima desde logo na inspiração, teve, comtudo, de esforçar-se durante seculos para igualar a expressão impecavel da Antiguidade.

Vamos observando apenas, que cada Civilização como que prefere o seu genero da Arte. A Arquitetura, como o nota Dubufe, é a predileta de todos os povos primitivos, porque o Templo é a primeira visão devéras artistica do homem. Logica realidade, por ser a Religião o primeiro facho da vida humana, e, além disso, a Fonte de toda a Sciencia e de toda a Arte.

Comtudo, se o Egito, se o Oriente, preferiram os templos, a arte arquitetónica, a Grecia, erguendo belos templos, pareceu preferir a escultura. Teve pintores célebres, mas primou em estatuarios, o que é natural, dada a paixão pela plastica humana, como primoroso anceio por um grande reflexo da beleza divina que os grêgos visionavam com ardor constante.

Roma preferiu a arquitetura. Já vimos porquê. Sem o ideal mistico do Egito, sem a graça e simplicidade da alma ateniense: por vangloria, por mercantilismo, por orgulho, por espirito de autolatria.

O Cristianismo preferiu, a principio, a pintura. Explica-se. Mais imaterial do que a escultura, menos concreta e, comtudo, com mais côr, com mais feição, com menos monotonia, como que com mais verdade, melhor condizia com o caracter espiritual da Religião Nova. Os estetas preferem, geralmente, a escultura á pintura. Palpam-se os môsculos, os contornos, as fórmas que encantam. Aquela Arte como que é mais real. Mas porquê? Por ser tangivel ao alcance dos nossos sentidos corporais? Em monumentos, como os Jerónimos, ha folhas e flôres que parecem vivas, e que as nossas mãos pódem acariciar, como realidades concretas, nos seus recortes de mármore. Assim é.

Mas a pintura, não nos dando tanto, dá-nos mais. Poisando a mão na téla, o relevo, a sensação do destaque, não existe. A téla é lisa sem saliencia de musculos, e, se fecharmos os ólhos, janelas da alma, nenhuma arte encontramos, porque nem sequer vemos a luz, meio indispensavel a todo o efeito artistico.

E' como se palpassemos uma táboa rasa. O cégo, póde, pois, pelo tacto avaliar bastante da beleza da estátua, e nada discriminar dos primores do quadro mais sublime.

Mas o que se aprecia na estátua é limitado principalmente á sensação, dando-nos o sentimento de maneira mais monotona, exibindo a carne sem o verdadeiro sangue, o olhar sem o verdadeiro relampago, o corpo sem toda a alma. Na melhor estátua — e ha-as prodigiosas de sentimento — nota-se muito do cadaver, pelo tom, por uma especie de vacuidade que teima em dizer-nos que está ausente dali uma alma. A escultura mais bela ólha com amor ou extasis, e póde iludir-nos alguns

momentos: pouco depois, temos a sugestão de que aquêle olhar maravilhoso está, pelo menos, velado pela amaurose. Assim, a Escultura — a Grecia — dista imenso da Pintura — a Arte Cristã por excelencia — e nós não nos esquecemos da admiravel arquitetura das catedrais.

A Pintura é mais alada e intangivel e, ao mesmo tempo, mais rica de realismo puro. Basta-lhe a superioridade da cor, a fidelidade e exatidão do tom das coisas. Os ólhos como que se movem, seguindo-nos. A carnação dos labios tem sangue vivo. Nas proprias roupagens ha a imitação perfeita. O homem, como a arvore, como o ceu, como o mar, são copiados com uma realidade maravilhosa, parecendo alto-relevarem-se mais na téla do que a estátua no seu pedestal, e tendo musculos que se palpam.

Mas, acima de tudo isso, ha a verdade fisionómica permitindo melhor a exteriorização da alma, ou antes, ha a mais fácil expressão duma alma que, pelo superior sentimento, nos fala de Deus.

A escultura, mesmo nas imagens coloridas dos Santos, parece destinada apenas á *evocação*. A Pintura, até quando limitada ao sentimento menor, não só *evoca*, como *fala* empolgantemente em nome do que é evocado.

Assim, a escultura póde servir devéras para exprimir o amor, volutuoso mas passageiro: para exprimir o amor sublime, o amor de Deus, não pensâmos que iguale nunca a Pintura.

E não só o amor de Deus, como tudo que exprima um estado d'alma, uma scena da Natureza em que flutuem a poesia superior, o misterio, o rapto, o extasis. Realize o escultor um poente

outoniço, modelando-o no melhor alabastro, no melhor muro de templo ou palacio, a charneca triste ou o prado que o vento despe, ao longe a ermida serena no seu viso, ao fundo a luz do sol a morrer em púrpura desmaiada. A obra póde ficar maravilhosa, que será incompleta. Por mais que o jaspe se adelgace e torture em admiraveis rendilhados como os dos Jerónimos, tudo será frio, como que cadavérico, mais *alusivo* do que palpitante.

O Cristianismo, pois, preferiu logicamente a Pintura, embora depois influenciando toda a outra Arte por fórma a torná-la a melhor, a mais pura e radiosa da Humanidade.

E agora nos encontrâmos com Vitor Cherbuliez, a gritar que o artista deve — grande novidade! — não *exprimir demais*. O que Cherbuliez diz a proposito de Lessing, e aplaudindo as teorias, hoje bastante caducas, da célebre obra critica *Laoconte* — vai direito ao espiritualismo de Winckelmann, embebido em Platão, e tambem — diga-se tudo — demais influenciado por Oeser, *o mais cadaveroso dos maneiristas* (frase que Cherbuliez encontrou no livro de Rumohr *Italienische Forschangen)*.

E' o caso que o critico francês combate o platonismo nas belas-artes,... como se êle *exprimisse demais*... Combate o platonismo e indica, ao mesmo tempo, que platonismo é espiritualismo e cristianismo, é tudo que não seja Arte grêga, a Arte que Lessing afirma ter dado na estatua de Laoconte *um homem que não grita .. porque seria um crime um grito esculpido.*

Compreendêmos. A Arte, para Cherbuliez, deve ser fria, impassivel, embora volutuosa, constan-

temente expressiva de optimismo sem extasis demasiados, e tanto na escultura, como na pintura, como na musica, como na poesia. Mas, sendo apenas isso, porque a chamam *realista?* A realidade será essa: a paz olimpica, o amor á luz do sol, mas efemero de significado psiquico, toda a vida nas fórmas, na superioridade animal, nada de supra-humano, ou, pelo menos, de misteriosamente pungido? A Dor, a verdadeira, a tão fecunda Dor, não existe?

Apezar de Cherbuliez e outros, o Cristianismo veio dizer que sim, e disse-o numa Arte, e numa Religião nova. E a Humanidade logo sentiu tanto aquêle realismo — que Laberthonniére tão bem contrapoz ao idealismo grêgo — que a Arte como a Religião do Cristianismo ficou o seu melhor e único progresso.

Muito bem podia Cherbuliez dissertar sobre os limites da poesia e da pintura que Lessing traçou com mais amor do escandalo do que visão superior: defender a Arte pela Arte, deprimindo a verdadeira Arte, é o que se não admite com facilidade em quem, nas suas *Cartas sobre a Exposição de quadros de 1872*, mostrou, lendo em Vasari a biografia de Luca della Rubia, conhecer até onde pôde, comtudo, e muito além do rigoroso platonismo, ir a Arte espiritualista-cristã. Pois que outra coisa é, se não reconhecer isso, o apregoar as dificuldades da moderna estatuaria — tão descristianizada como a Moral — e a proposito duma obra pagã, mediocre aliás, o *Hercules* de Clére?

Mas como poderia pensar doutra forma Cherbuliez, se na terceira dessas *Cartas* (Paris, Hachette, 1873, pag. 252), o assomadiço critico, contagiado pelas rebeldias de Lessing, diz isto, que chega a

ser duma boa jovialidade: — *Poderia repetir-vos, para me livrar de embaraços, que a pintura religiosa já fez o que tinha a fazer?* Os embaraços, porêm, são deploraveis: os da ausencia duma elevada orientação filosofica, ao menos. Cherbuliez parece singularmente um dos muitos criticos portugueses que até a proposito da Arte fazem propaganda politico-anti-religiosa. Se o terrivel autor dos *Estudos de Literatura e de Arte* possuisse uma solida educação filosofica, veria que a Arte religiosa, longe de estar esgotada, tem de recuperar o seu dominio inefavel, porque o Cristianismo não agoniza, o Cristianismo, ainda não compreendido deveras pelas multidões, pelos seus proprios crentes ás vezes, caminha, dia a dia, para a sua melhor identificação com a vida humana.

A aparente vitoria do materialismo era, bem sabemos, mais ilusoria em 1873. Mas, ha 39 anos, já havia estudos filosoficos, livres de sectarismos sem importancia duradoira, para uso dos proprios criticos de arte. E' pena que Vitor Cherbuliez, citando algures as palavras de Emilio Rittershaus *(Nene Gedichte, Zum neune Jahr)*: — *A Arte tem olhos de Profeta. A Arte é uma reveladora* — nem procurasse, ao menos, a austera filosofia que já no seu tempo livrava os criticos do precalço cruel das ôcas afirmações.

Seja como fôr, o Cristianismo, até na lenta evolução da sua Arte, revelou como tinha de acompanhar perpetuamente a vida da Humanidade.

Durante quasi mil anos, porêm, a Arte cristã não só balbuciou, como até falou. S. Paulo, é verdade, fulminara em Atenas as obras de arte grega. Os estetas indignam-se. Não admira. Não com-

preendem a missão do Apostolo, justificada, neste seu clamor contra a Arte da Grecia, não só pelo que então mais urgia, como depois pela necessidade de processos pacientemente evolutivos para a melhor solidez da mesma arte cristã.

O que urgia era a obra da Fé com a da Moral — a Base da Sciencia e da Arte, o que prova já quanto o Cristianismo é a unica Religião verdadeira, pois só êle soube fundar sólidos alicerces ao Progresso Humano, e como é uma Religião eterna, porque, conscio da sua perpetuidade, olhou para os seculos como para minutos, e quiz em tudo realizar a sua obra com verdade, sem as sofregas ansias de quem sabe que terá a vida efemera.

S. Paulo fulminou, pois, o que então era nocivo e até retrogrado para a vida dos espiritos. O cristão mais tarde poderá igualar, e até exceder, o primor plastico. Será quando conhecer bem o valor da alma, e como ela póde viver sem perigo, antes com soberania, dentro dum corpo de linhas modelares.

No tempo do Apostolo, a Fé rompia como uma novidade que tinha de chocar-se com velhos habitos, com a falta de sentimentos elevados que ninguem praticara, que ninguem revelara nem podia revelar. Havia belas estatuas. Para a vida espiritual, eram perfeitos cadaveres, lampadas cinzeladas, mas sem luz, ou com frouxos clarões de passional sentimento. Mas essas obras darte idolatrizavam as almas pagãs. Qual o dever do Apostolo? O que fez.

E assim é que Dubufe não vai muito adiante de Cherbuliez, escrevendo no corrente ano de 1912, pouco mais ou menos, isto: — *O dogma da*

nova Fé repelia toda a fórma, ensinava a odiar toda a beleza exterior.

Mas, respeitavel senhor Dubufe, que é a Arte primitiva, muito grosseira, mas evidentemente servida pela exteriorização do Belo, das sublimes catacumbas? S. Paulo, guerreando a Arte grêga, e os cristãos, procurando — o que é incontestavel — uma nova Arte, não amavam tambem a beleza exterior, sem a qual não podiam representar, ao menos, o seu Cristo que lhes déra o exemplo de se corporizar para remir o mundo? Admira, entretanto, que, sendo mais importante a renovação da vida espiritual, a ela se ligasse a primeira importancia? O mesmo sucede hoje, e hade suceder sempre: e tanto no tempo de S. Paulo como no do Senhor Dubufe, nenhum progresso artistico é possivel sem o preliminar progresso moral e scientifico, religioso. Em 1912 póde dizer-se isto dentro da plena Sciencia, pelo que o quasi inconsciente erro de Dubufe é muito mais palmar e escandaloso do que o de Cherbuliez em 1873.

Os cristãos, emfim, em tudo alicerçavam uma obra de sempre. Começaram, pois, pelo inabalavel. Repeliram, de momento, o que só mais tarde, e iluminado pela superioridade espiritual, viriam a aproveitar.

Não conheciam, sem duvida, os tratados da nossa moderna estetica. Mas favoreceram a Arte com solida orientação, permitindo-nos ter as maravilhas principaes dos nossos museus e exposições, o encanto melhor dos nossos olhos e dos nossos ouvidos — porque esse encanto vai direito á alma, unge-a de luz, e eleva-a, como uma hostia de cristal, á misericordia e amor de Deus.

Até o ano mil, Constantinopla conserva muito

dos elementos que a Arte cristã hade aproveitar na arte da Grecia. Mas, entretanto, os artistas cristãos revelavam-se já, sem toda a futura grande originalidade, mas com um sentimento que, de per si só, valia mais, a rigor, do que a conserva artistica feita na vida bizantina.

E os cristãos — tenha paciencia Dubufe — tocarão, entretanto, verão e compreenderão os monumentos da Roma pagã. E' preciso uma prova? E' que, apezar da inferioridade relativa dos templos romanos, o Cristianismo, quando o Poder foi vencido pela Fé, aproveitou e consagrou para si muitos desses templos, lendo tão maravilhosamente nas suas linhas, que os renovou com arte, como a Historia o atesta. E assim surdiram as primeiras basilicas. São apenas deformações das basilicas da justiça romana? Talvez. Ninguem afirma que a Arte Cristã fosse repentina nos seus progressos, pois que até a morosidade dêles é um seu elogio de solidês, e novidade pura.

Mas as primeiras basilicas!

No dia em que a primeira se abriu, a Arte nova germinou.

Que nos importa a confusão ainda das linhas arquitetonicas? O que ha de superior é o que ha de ser origem da superioridade cristã em todas as suas obras: o sentimento do amor. Se a Arte fraqueja ainda no plinto, lá está já ela inefavel no cantico, na poesia e na musica, no alvorecer, ainda que informe, duma nova pintura, inferiorissima decerto á de Apeles na correcção do desenho, muito menos primorosa, sem duvida, do que a do famoso Zeuxis, mas superior já em inspiração essencial, por mais que o Voltaire alemão, o Lessing, namorando todos os Voltaires — in-

cluindo o grego, o poeta Simonides — se aflija a pedir *que não atribuam á Religião demasiada influencia sobre a Arte.*

Dizemos isto contra Dubufe e, como é nosso vicio nacional seguir tudo que vem de Paris, decerto contra alguns refinados estetas portuguêses, por desventura, entretanto, quási todos mais oradores nos cafés doirados do que amigos das bibliotecas e dos proprios museus, do que verdadeiros escritores.

A Arte Cristã, porêm, porque não renovaria lógo a arquitetura, como parecem estranhar? Por incompreensão da Arte pagã? A basilica de Santa Maria Maior, deformação dum templo romano, não o prova? Não estava a Nova Arte esperando o *socorro* da vida artistica do Oriente? Pasmamos de tantas duvidas. A Arte Cristã, renovadora coerente e consciente, deveria fazer como que um inutil milagre, uma especie de golpe teatral a favor da Arte, como se esta fosse um *fim*, e não um *meio?* Cristã ou não, a Arte é sempre uma exteriorisação apenas. Não urgia mais, como muito bem o viu S. Paulo, consolidar o espirito, o sentimento, que depois teria expressão? Mas, se a Arte Cristã assim tinha de depender da evolução liberrima da vida mental e moral da Humanidade, da solidez e livre penetração da nova Fé, como exigir-lhe de golpe, nos seus primeiros vagidos, uma voz já cheia, perfeita, harmoniosa como um côro de grêgos no desfilar duma Teoria ateniense?

Como, afinal, impôr-lhe mais do que a adaptação por tentativas, a principio, e principalmente na arquitétura dispendiosa dos templos, se muito mais importante e urgente *edificio* era o das almas,

era cristianizá-las para, depois, poderem ter a sua arte espontanea, sincera, verdadeira?

Sim, a basilica de Santa Maria Maior — dizêmo-lo, infelizmente, só por gravuras e descrições de artistas — ainda lembra algo dum templo romano. Mas, se os templos romanos estavam longe de affirmar uma arte superior — mesmo dentro da vida pagã — o Cristianismo, não lhes extinguindo, ou substituindo por completo a expressão, quando cumpria devéras sepultar o Ideal que significavam, que menos foi do que lógico na sua vida evolutiva quanto á Arte, e quanto não foi superior na afirmação de preferir o primario ao secundario? Não queria, afinal, a Religião de Jesus Cristo renovar principalmente a vida das almas? Exterminou ela, porventura, os povos para os remir? Não. Aproveitou-os dentro dos corpos — paixões, velhos habitos, até superstições —, esclarecendo, de preferencia o espirito, o coração, começando austeramente pela base, pela vida interior, progresso que acalentou com amor até se refletir em toda a vida exterior á qual — pelo menos, julgâmo-lo até hoje — parece que pertence a Arte.

Não são beneficamente fecundos os preconceitos em nenhum ramo da mentalidade humana. Na estetica são, por demais, ridiculos e desonestos.

O que é certo é que a Arte Cristã até ao ano mil se desenvolveu com uma lógica progressão. O Oriente favoreceu-a? Constantino Magno foi mais Dario do que Augusto? Santa Sofia de Constantinopla é mais digna da pompa asiática do que a singeleza do Partenon, por ser *uma parenta de Horsabad*, como decreta um critico? Esse, aliás belo, templo, inaugurado a 11 de maio de 330, significa o desdem pelo ideal grêgo, o qual — no

dizer do mesmo plumitivo — *era tão profundamente racional, tão puramente humano?* Seja tudo isso assim. Influa o Oriente com rigor na Nova Arte. E' ainda lógico. Do Oriente vinha o Cristianismo. Chame-se, porisso, a Constantino mais Dario do que Augusto. O meio de Stambul era muito mais próximo da Persia do que da cidade da Loba, herdeira infiel da Arte grêga. A pompa asiática, porque na Asia fica a dôce Palestina, e porque a Arte grêga, vista atravez da incontestavel deformação romana, perdêra sem duvida muitos dos seus primores atraentes, havia de aborrecer os que não estavam, como nós estamos, longe da sua constante exibição, afinal sugestiva dum falso espirito religioso.

O que é falso, porém, é o que nas entrelinhas de tantas restrições dos criticos muito nitidamente se compreende: *que a religião pouco favorece a Arte.* Para provar o contrario, como o provou, escreveu Chateaubriand o *Genio do Cristianismo.*

Mas, na verdade, só uma contristante ignorancia admite êrro igual. S Paulo não impugnou a Arte: impugnou o paganismo na Arte da Grecia, e já vimos como e porquê.

Mas S. Basilio *(Hom. XX)* diz isto, que é inequivoco — *Os pintores beneficiam tanto a Religião com os seus quadros como os autores o fazem com a sua eloquencia.*

Bem conhecida é a obra — *Roma soterranea* — de J. B. de Rossi. São dêste autor tão substancialmente traduzido por Paulo Allard, estas palavras, que ninguem até hoje contestou: — *Poderia quási dizer-se da Arte Cristã nos primeiros seculos o que Pascal diz dos Evangelhos cuja divindade êle reconhece pela doçura com que falam dos verdugos. A*

pintura da idade das perseguições parece ter imitado esta inspirada doçura...

Isto indica, sem duvida, a mais renovadora progressão artistica, e ainda mais uma arte religiosa até á essencia, pois que toda depende do novo sentimento, da nova fé.

Mas J. B. de Rossi já notara: — *O estudo das pinturas liturgicas confirma as notas feitas precedentemente sobre a ordem pela qual se operou o sucessivo desenvolvimento da Arte Cristã, desaparecendo o simbolo gradualmente, e tomando, pouco a pouco, o seu logar a representação dos factos historicos.*

Temos, só nestas palavras, uma definição completa que responde a todas as insinuações e restrições. Infere-se não só que o cristianismo acalentou progressivamente a Arte dentro do seu fecundo espirito renovador, como tambem que a sua influencia artistica é incomparavelmente superior á dé qualquer outra Religião. As demais religiões pararam como que á porta do coração humano, e a Arte, sob o influxo delas, teve apenas vislumbres, atitudes, simples gestos, mais ou menos paixão sensual e leve: quási nunca sentimentos puros. Sendo assim, como hade Lessing, como hade Dubufe, querer limitar, dentro da austera realidade, a imensa influencia da Religião na Arte?

Mas, alêm do que iremos vendo no nosso estudo, quem desconhece a paixão artistica de Santo Eloi, o fundador do mosteiro de Solignax, das oficinas de Limoges? Quem não sabe o que pela Arte fez o Cristianismo, muito mais do que na pompa de Leão X, na gloriosa alma de Francisco d'Assis e dos seus filhos, desabrochando em poesia nova e adoravel, orientando e espiritualizando

o *naturismo*, levando o belo impulso de Cimabué até á perfeição de Giotto, produzindo baixos-relevos incomparaveis, desentranhando, emfim, tão esplendidos tesoiros, que Renan, o proprio Renan, (*Novos estudos de historia religiosa*, pag. 327-341), referindo-se ao filho de Pedro Bernardone Moriconi, chega a exclamar, no rasgo admirativo mais nitido: — *E foi, afinal, êste mendigo o Pai da Arte Cristã!* — Indispensabilidade da influencia da Religião na Arte, é hoje um axioma, como nunca, se quizermos referir-nos á verdadeira Arte, desde a mais mistica á profundamente humana, e essa índispensabilidade nenhuma Religião a prova tanto como a Cristã, porque, antes dela iluminar a vida humana, as proprias paixões, o proprio Mal, não tinham o justo destaque e expressão, a *verdade* pura, que inspira o amor do Bem. O Mal era sedutor sem resistencia moral que o desvelasse e algemasse. Ocultava-se facilmente nos esplendores da Natureza. Chamavam-lhe, emfim, o Belo.

E esse Belo — eis o que deveria ver o penetrante espirito de Lessing — tomava conta indistintamente de todos os generos da Arte. Só os discriminava quanto á impressão de prazer ou desgosto. Na essencia moral nada baseava.

Muito melhor do que os antigos, do que o proprio Aristoteles, o Cristianismo veio definir os campos da Arte. Não perdeu tanto o tempo a esmiuçar, como Lessing, o que convem mais á epopeia ou á tela, mas fez melhor: afastou da escultura o que na estatua só póde ser lição de animalidade licenciosa ou empedernidamente egoista; reservou para a pintura tudo que, graças ao claro-escuro, permite a saudavel antitese do

Mal e do Bem com a justa vitoria do ultimo; fez, da arquitetura, na catedral, aquela linguagem sublime que Ruskin admira, verdadeiros Evangelhos de granito e alabastro; restituiu, emfim, á poesia a liberdade que a faz ora hino, ora soluço, ora satira, ora devaneio enternecido, e deu á musica essa vibração sagrada, tão intensamente religiosa, que os mais incredulos dos criticos a encontram, catedralesca, medieval de raça, na propria revolucionaria e dramatica polifonia de Ricardo Wagner!

Vamos. E que é tudo isto? Não é o melhor, o mais eterno, da Arte Moderna? Os heresiarcas da Arte, os dissidentes materialistas, até esses, têm conseguido, porventura, na sua aberração que tão justiceiramente indigna o Conde de Tolstoï, ocultar a influencia profunda do Cristianismo?

Daremos de barato que nos respondam negativamente bastantes dos nossos estetas. Em Portugal, com diminutas excepções, o esteta é um *snob* muito pequenino de estatura mental, e apenas forte pela influencia do reclamo sem escrupulos. Não percebe muito bem as linhas da Batalha, dos Jeronimos ou de Alcobaça. Fica muito espantado, no intimo, por ouvir dizer que ha Arte no convento de S. João Batista de Tarouca, na Cisterna de Lamego, no Convento de Cristo, e só conhece o Bussaco por causa do Hotel do Luso, e só vai aos Jeronimos para ver os alunos da Casa Pia. Perguntem-lhe por Versalhes, pelo Louvre, por Florença, ou Roma, e repetirá coisas lindas, admirativas — não ha duvida: mas, dentro desse saber catalogante, inutil é pedir-lhe, mesmo sobre o que é de estranhos, sua paixão e moda, uma ideia critica que não escorra do Bairro La-

tino, do *boulevard* S. Miguel e adjacencias. E' obvio: póde este esteta, sem filosofia, sem fé, sem estudo, sem caráter mental, e até civico, concordar comnosco?! Mas absolve-o, com doce misericordia, a sua incoercivel irresponsabilidade, a êle, ao esteta que *nem artista pela Arte sabe ser*, que fala em Petronio por causa do *Quo Vadis*, que, afinal de contas, detesta a agua, o ar livre, o sol, o exercicio, a benefica massagem que dá vigor e harmonia aos musculos.

Mas que taes heresias digam os Cherhuliez e, com muito menos razão, o nosso coevo Dubufe, escrevendo neste âno de 1912, e tendo talento, saber, e vivendo naquela luminosa Lutecia que já Julio Cesar namorava, quando aldeia dos *Parisii*... eis o que custa a admitir sem mágua.

E, depois, que imensos testemunhos encerra a bela França a favor da supremacia da influencia da Religião Cristã na Arte!

E' um deslumbramento. Desde o seculo X, o que resta da igreja de Saint-Front, um portico, embora de tom bastante romano ainda, mosaicos, iluminuras, preciosidades que vão perdendo a influencia bizantina. Nos seculos XI e XII: esculturas já belas de novo espirito, no frontespicio de Notre-Dame-la-Grande, em Poitiers, no mosteiro de Souillac, na catedral de Ângoulême, na catedral de Sens; pinturas muraes, e pinturas em vidro, a desprenderem-se, pouco a pouco, do bizantinismo, em Saint-Savin, em Santo-Antonio (Isére), em Poitiers, em Liget (Indre-e-Loire), em Poncé (Sarthe); nas catedraes de Chartres, Sens, Angers, e Lião, nos templos de Saint-Remi (Reims) e da Trindade (Vendôme).

Vitraes maravilhosos, ourivesaria primorosa,

já florescente desde o seculo IX; os esplendidos relicarios, candelabros e vasos sagrados; as artisticas tocheiras; custodias duma preciosidade acima de todo o elogio; belas capas de livros santos, cinzelados turibulos, mil manifestações duma Arte magnifica e nova.

Já nesse seculo a Arte Cristã em França é tão poderosa, que se revela no proprio ferro, como o atestam as grades da catedral do Puy, ao passo que um *ingenuo realismo* — como diz Adolfo Germain — dá um particular sabor ás esculturas da catedral de Antun, da basilica de S. Diniz, dos templos de Ydes (Cantal), Charlieu (Loire), Madalena (Vézelay), Nossa Senhora de Semur (Auxois), etc.

No seculo XIII, ha o esplendor dos baixos-relevos, aliançando a Fé á vida humana em belas alegorias agricolas, como se nota nas catedraes de Paris, Reims e Amiens, com a representação artistica dos pintores e até das artes plasticas—como na catedral de Chartres—, como que estampando a vida terrena dentro da sua realidade pura, nas manifestações da sua atividade, em trechos vivos da Historia, em belos simbolos e em belos acontecimentos, em decorações tão inegualaveis de primor e originalidade, que ficaram até hoje sem competidor valioso.

A Arte Cristã trabalha em França com entusiasmo e inspiração desconhecida no ferro e no oiro, no vidro e no marfim, na pedra e na téla, elevando principalmente o vitral a uma categoria de novidade magnifica.

Emfim, e que maravilhas—como, noutra parte, a propósito da Arte Cristã em geral, veremos—não inspirou o Cristianismo á Arte Francesa até ao seculo XVI?

E uma Religião que tal Arte inspirou, cercando o bom senhor Dubufe de tantos testemunhos eloquentes, e sendo o mesmo critico um esteta afamado, hade ser injustamente apreciada no seu espirito devéras e conscientemente artistico?!

Preconceitos, sempre preconceitos. Entretanto, Dubufe nota afinal uma novidade artistica, devida exclusivamente ao espirito cristão: a dignificação dos mosaicos. Não tem, comtudo, a felicidade de explicar a origem dessa dignificação criadora que originou a verdadeira pintura.

Mas não é pouco já, dentro da sua mal figurada imparcialidade, que nos vá dizendo: — *Por uma curiosa coincidencia, então o mosaico — que é meio escultura pela materia e mais pintura pelo aspecto—torna-se o grande principio ornamental. E' talvez esta a verdadeira origem da pintura, se a quizermos encarar e compreender como libertada da sua escravidão no meio das artes, e procurando, por consequencia, exprimir autónomamente a futura Beleza-*

Sim, é isso mesmo. O Cristianismo, renovando a Arte, criou, afinal, um genero artistico, pois que a pintura dos antigos—Dubufe o confessa—não o era a rigor. E, confessando-o, encontra observações profundas, dignas dum bom espiritualista. Diz ele ainda:—*Realmente, a antiguidade civilizada servia-se do mosaico apenas para os pavimentos ou para revestir os muros inferiores dos seus monumentos. De golpe, os primeiros artistas cristãos servem-se dêles para representar as ideias e os sêres superiores, e colocá-los-ão logicamente nos baixos-relêvos, nos tectos, nas abóbadas. O que estava em baixo irá para cima.*

Aí temos a influencia inegavel e predominante da Religião na Arte pura e eterna. A Pintura, radiosa e espiritual manifestação artistica, deriva do

mosaico humilde como a atual Civilização derivou dos humildes apóstolos de Jesus-Cristo.

E' que o Cristianismo, em tudo renovando, criou uma obra que não póde viver, logo que do seu espirito se aparte. Que boa filosofia, que sciencia verdadeira, que pura Moral, subsistem sem o Evangelho? O mesmo tinha de suceder á Arte. Póde ela na Grecia e em Roma dispensar muito a velha Religião, como o desejava com ardor Lessing. Póde, nos scepticos, limitar-se a uma esterilidade torturada, que tanto desconsola hoje todo o mundo.

Desde os primeiros seculos volvidos depois da tragedia do Gólgota, a Arte, para ser legitima, fecunda, digna da sua missão, tem de ser austera e profundamente cristã.

Tudo o prova, até o tedio de Taine, comparando a atual decadencia artistica ás glorias da Arte grega, a qual, ao menos, como o provámos, tinha alguma fé.

V

A Arte Cristã afirma a sua originalidade logo nos primeiros tempos — De Constantino a Justiniano — Santa Sofia de Constantinopla — Depoimento de Vasari — O valor dos primitivos artistas cristãos — S. Berguerre. S. Columbans. S. Martinho de Tours — O bispo S. Fortunato e o **Pange** *e o* **Vexilla regis** *— A Arte na Idade-Média — O Oriente e o Ocidente — Reparos a varios reparos — A cúpula — Impulso novo e arte arquitetónica — A cúpula e o novo Ideal — Porque não aplaudimos os iconoclastas — As maravilhas artisticas dos cristãos — A ogiva, celula originaria duma nova Arte — Nobreza, frieza, tristeza, que são Beleza Nova — O Ocidente, vencendo o Oriente — As catedraes — Nossa-Senhora-de-Paris — Catedraes de Amiens, Bourges, etc. — A Arte Cristã na Espanha, em Portugal, na Italia, no Oriente — O exodo dos artistas de Constantinopla e a Renascença — Permanencia da inspiração religiosa na Arte — Multiplicidade de admiraveis manifestações artisticas — A Antiguidade e os seus pintores — A inferioridade da pintura na Grecia — Pintores verdadeiramente cristãos — Artistas da Renascença — O seculo XVII e a renovação da arte religiosa — Rembrandt, Poussin, Puget, Le Sueur — Carlos Dickens e as ruinas — A Música — Os córos grêgos — Gui-Aretino, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, Santa Cecilia, Hoendel, Boerio — O canto Gregoriano — Haydin, Mozart, Beethoven, Wagner, etc. — O salterio e o piano — A Poesia — Corneille, Racine, Dante, Camões, Shakespeare — Hugo, Herculano, etc. — O proprio Realismo e a influencia da Religião — Uma justa observação de Taine.*

Um facto soberano se atesta na Historia, ao narrar-se a decadencia, com a morte de Roma, da magnificente Arte da Grecia: *quási todos os artistas são monges cristãos.* A Religião Cristã, pois, compreende, ama e fecunda a Arte com uma devoção evidente. E a Arte renova-se com tanta vi-

talidade, que, sem uma nova influencia religiosa, estacionaría na confusão, na desordem, no incarateristico.

De Constantíno a Justiniado — o construtor da nova e imponente Santa Sofia de Contrantinopla, que Dubufe nos diz ter sido inaugurada com pompa a 27 de Dezembro de 537 — a Arte Cristã é inexgotavel de progressps em obras artisticas de todos os generos, principalmente arquitetónicas, alevantando templos sobre templos, sob a influencia ainda muito predominante da maneira oriental — é certo — mas já muito mais, aceitando a moldura para enquadrar uma nova téla do que servilizando-se em decalques como alguns criticos pretendem. Balta ler qualquer descripção de monumentos antigos cristãos.

Está provado que a Arte Cristã, mesmo a de então, procedia como em tudo procedeu sempre o Cristianismo: admitindo tranquilamente a vida material como se lhe deparou, até poder renová-la, depois de a encher dum espirito seu, completamente verdadeiro e puro.

E — porque o não querem notar alguns criticos? — nos primitivos artistas cristãos a originalidade, a consciencia do *novo espirito*, foram tão primaciaes, que, embora transigindo ainda com velhas fórmulas, principalmente na arquitetura e só emquanto procuravam a definitiva *maneira*, como uma alma nova procuraria cuidadosa e probamente a sua encarnação, as suas obras desde logo se impozeram como legitimas manifestações duma Arte nova.

Vasari, lamentando já a indiferença dos seus contemporânios por êsses cultores adoraveis do Belo Cristão, dizia: — *O nosso seculo, habituado a*

ver todos os dias os prodigios e os milagres criados pelos nossos artistas, chegou ao ponto de ficar quási indiferente diante das mais maravilhosas obras-primas, apezar de parecerem mais devidas á propria divindade do que ao genio do homem.

Eis o valor dos primitivos artistas cristãos. E não foi o Cristianismo logo incomparavel nos primeiros tempos da sua vida artistica? E afirma-se que a nossa Religião detesta a Arte?!

Sim, detesta a Arte, e, afinal, como acima dissémos, depois da quéda de Roma, *todos os artistas são monges:* S. Berquerre, S. Colombans, e tantos outros, grandes arquitetos; S. Martinho de Tours, admiravel na obra de talha, S. Fortunato, bispo de Poitiers, poeta e músico, o autor de dois magnificos hinos da Igreja — *Pange* e *Vexilla regis;* em toda a parte o monge, erguendo templos, decorando-os, pintando quadros, compondo hinos e litanias, ao mesmo tempo que erguia a Cruz no meio das procelas sociaes, nem sempre livre o monge dos velhos erros, nem sempre livre das paixões da terra — porque a cristianização verdadeira das consciencias foi, é, e ainda será, gradativa, até que toda a Humanidade reconheça a indispensabilidade absoluta da Religião, e até que dispa por completo o *velho corpo* para dar condigna morada á nova alma — : comtudo, com uma espiritualidade, cada vês mais triunfal, produzindo a cada hora genios mentaes, moraes e estéticos, sabios, santos e artistas, astros humanos no meio da penumbra a diluir-se, ás vêses, entre vendavaes de sangue e lagrimas, com esforços titanicos, mas sempre, e grandiosamente, invencivelmente, com a assinalada vitoria do Verbo Divino.

Sim, Arte sempre, até na celebrada noite da

Idade-Média, noite mais fecunda do que o quizeram julgar, noite com constantes e prodigiosas auroras-boreaes, gestação épico-tragica do Futuro, como que dantesca cisterna onde a Humanidade bebeu depois, e beberá ainda, a água refrigerante para tanta febre e dor.

O templo cristão afirma-se, pouco a pouco. Acham que se enturgesceu demais de luxo asiático. Acusam-no de ter manifestado em excesso a perfilhação da arte pagã e de, contrariamente ao espirito singelo de Jesus-Cristo, exibir muito das humanas vaidades.

A influencia oriental, aliás gradualmente repelida, ou antes limitada, foi por completo lógica e até justa. O Cristianismo vinha unir todos os povos, e rompia do Oriente. O Oriente e o Ocidente, pois, eram chamados em tudo á Sagrada Aliança. Antes da maior e mais pura cristianização do mundo, antes do como que casamento espiritual, perfeito e consciente, dos povos orientaes e ocidentaes, não era natural e até preciso que cada elemento a conjugar trouxesse a sua especial carateristica?

Dois noivos, só porque pretendem unir para sempre as suas existencias, não aparecem de golpe tão identificados, que percam logo a sua particular fisionomia, os seus costumes e atitudes habituaes. E' o tempo, a acção lenta da permuta de ideias e sentimentos, é a vida com as suas realidades e mil circunstancias, quem, solidarizando profundamente os esposos, os converte num só espirito, como que numa só consciencia, e como que num só corpo.

O Cristianismo em tudo foi, desde o principio, defensor da Fé pelo melhor livre-arbitrio.

Como seria intolerante na Arte, indo além do dever de a depurar á luz da nova doutrina, enquanto essa luz podia ir sendo compreendida e recebida?

Quanto ás exibições, nos templos, das vaidades humanas, lamentaveis são elas sempre, mas o Cristianismo, remindo os homens, não pretendeu diviniza-los, a unica maneira de os privar por completo de defeitos proprios de seres humanos. Pelo contrario, desses defeitos tolerou os menos nocivos, esperando a perfetibilidade social na sua evolução rigorosa, que o Evangelho vinha esclarecer admiravelmente.

Combateu logo decerto a vaidade, mas, abatendo toda a soberba, sem duvida não foi ferir bruscamente um ingenuo amor-proprio que, afinal, bem orientado, dá a cristianissima dignidade, individual e coletiva. E o luxo dos templos será, afinal — e se-lo-ia nos primeiros tempos cristãos? — sempre obra de pequena vaidade? Não haveria tambem nessa magnifica pompa cultual o entusiastico amor de Deus, o anelo puro de render ao Senhor uma homenagem cheia de arte e fé?

Cremos que sim. Homens de singelos costumes conhecemos nós ainda hoje que, privando-se quasi do necessario, não hesitam em consagrar á decoração dum templo haveres consideraveis. Dão esmolas com mão evangelica, o que prova a sua caridade pura, a sua humildade, e favorecem todo o esplendor do culto, porque assim julgam torná-lo mais condigno de Deus.

Onde está nisto a vaidade? Sê-lo-á o sorriso jubiloso, mas puramente modesto, com que esses homens, esses crentes, iluminam, do recanto do templo que ornamentaram, o ambiente impre-

gnado de perfumes puros, abalado de preces e canticos? Ah! mas então que é a vaidade, se taes crentes, sorrindo com tal jubilo, parecem, com tudo, como que vexados, se os notam na sua humilde penumbra?

Entretanto, a arquitetura e a escultura dos cristãos—a ultima, principalmente nas imagens dos Santos — florescia e progredia. Os templos, numa grande inovação artistica, alevantavam uma verdadeira maravilha: o zimborio, a cúpula. A Arte Cristã reencontrara-a apenas, como teima Dubufe? Concedâmo-lo. Mas, pelo processo critico de quem tal afirme, teriamos de desplumar muito mais cruelmente a propria Arte grega e, emfim, mas por fórma a deixar-lhe a epiderme toda nua, a pouco original Arte romana. Iriamos ainda, de Civilização em Civilização, pelo Egito, pela Caldeia, pela Assiria, pela Judeia, pela Fenicia, parando, por exemplo, diante da descoberta do alfabeto para concluirmos que . . . nenhum idioma é original, se todos eles se servem do alfabeto.

O que é certo é que a cúpula foi um progresso artistico, *aquela encantadora fórma arredondada, forte e esbelta como um belo fruto*, que o mesmo Dubufe celebra.

E aqui temos a evidencia da originalidade renovadora, muito coerente com a Religião, da Arte Cristã. Recebeu, na verdade, o que lhe deram o Oriente e a Grecia, adaptou-o, depurando-o, e depois, feita a assimilação serena, *criou*. Assim fez Virgilio depois de Homero. Assim o Tasso e Camões depois de Virgilio. As linhas retas, simples sem dúvida, os angulos, os quadrados, sugeriam demais já a rigidez, como que a esterilidade. A curva airosa e elevada do zimborio tinha muito

dos contornos do fruto, é verdade, e ainda mais — concordemos — do convexo da abobada absorvente do ceu, do firmamento.

A cúpula, quanto a nós, é um Ideal que se simboliza com magestade, subindo acima da árida geometria humana. E as imagens, perdoem-nos todos os iconoclastas, longe de serem idolos, ficam como novas e puras belezas artisticas. Idolos?! Mas pode-lo-ão ser representações belas de espiritos que lograram já a gloria divina? Que quer dizer a *imagem* na religião nova? Não é a similhança, o retrato, a estatua sagrada? Imagem de Deus é o Homem. Porque no Homem se vê uma *imagem* divina, nós, amando o Homem, levantando até um dôce culto á Humanidade, por ventura dela fazemos Deus?

Não, os iconoclastas, por sinceros que sejam, iludem-se. Iludem-se como espiritualistas, e iludem-se como artistas.

O idólatra, adorando o idolo, julga que o Espirito é servo da Materia e atribue a esta um poder divino que é absurdo e grotesco. E ainda assim é preciso que a sua mentalidade seja entenebrecida como nos primeiros tempos pagãos, porque, se a sua inteligencia fôr elevada, verá depressa que o idolo só póde ter valor, recebendo do Alto, do Invisivel, da sua Alma, a qual deve estar algures com uma vida que na imagem não palpita, o poder ou a força duma divindade.

O cristão, reverenciando uma imagem, não adora uma estátua. Se é a imagem dum Santo, não a adora, homenageia o espirito desse Santo, toma-o como seu intercessor junto de Deus. A imagem é como um retrato que nos lembra a pessôa amada por quem devemos orar, já que a

Eternidade no-la roubou da doce convivencia, ou a quem pedimos que rogue a Deus por nós. Porventura adorâmos nós o retrato?

Mas o iconoclasta é tambem rude inimigo da Arte, não a compreendendo, desconhecendo, afinal, uma das obras mais dignificantes e beneficas da Religião.

Compreendiamos o iconoclastismo, se a nossa comunicação com a vida dos espiritos pudesse ser directa, completa, sem intermedio do ambiente fisico. Então para que seria precisa a imagem? E, até: para que seria precisa a Arte?

A Materia, a existir, seria como uma inutilidade, como um residuo sem significação. Para quê pedir-lhe fórmas, se o que viamos com Vida as não tinha, se, para vermos um Santo, em plena gloria, não tinhamos de o representar dentro da sua encarnação, por avistarmos sem dificuldade o que mais vale do que ela — a sua alma?

E assim no mais. A Arte para quê? Para exprimir o Belo, o Verdadeiro? Mas a *expressão* quer dizer *tradução*, trabalho de significação segundo o talento, a videncia, o alcance estetico e mental de cada um: e, não havendo intermediarios fisicos entre nós e o Supra-Mundo, todo o Belo seria evidente e igual de aspecto, a expressão seria inutil, porque a Beleza, directamente acessivel a todos, seria um Ideal possuido plenamente e não procurado com tortura, abordoando-nos á filosofia, á sciencia, ás religiões.

Afinal, onde ha um iconoclasta coerente? Aquêle, destruindo as imagens, conserva e beija os retratos de familia. Este destrói os altares, e quer que saudem a Bandeira, o que é tocante e justo. Mas a Bandeira não é tambem um simbolo,

uma como que imagem da Patria? Ou só é idolo o que é antropomorfo?

Emfim, iconoclastas ha que, argumentando com o legitimo predominio do que é absolutamente abstracto, conservam, porém, a adoração da Cruz. Mas a Cruz não tem de ser representada concretamente? Mas que é, por exemplo, a Biblia sem a concreção do livro? Lendo, interpretando, a nossa Biblia, porventura é nela que pômos a nossa fé, ou no Espirito que a ditou? Não sucederá o mesmo com as imagens dos Santos?

Numa palavra, sendo concreto o nosso meio terreno, ou o ambiente em que vive na terra a nossa alma, não é, pelo concreto, embora vevificado e iluminado pela nossa vida interior, que temos de comunicar com o Infinito?

Mas os primeiros iconoclastas, cometendo atrocidades anti-artisticas durante um seculo, não puderam tolher os progressos da Arte Cristã. Emfim, o concilio de Niceia, (o 2.º, celebrado em 787), restaurou o culto das imagens, e ao mesmo tempo impeliu os novos progressos da Arte.

Foi verdadeiramente então que a cúpula triunfou. Dois grandes nomes de arquitetos se assinalam já: Anthémios de Trolles e Isidoro de Mileto. São incomparaveis os trabalhos de ourivesaria. Arqueiam-se abóbadas magestosas, naves explendidas. Sorriem primorosos mosaicos. O marfim serve prodigiosamente a escultura. Emfim, a Arte Cristã cria os vitraes.

E' muito? Falta ainda, porém, na arquitetura o novo prodigio. Não tarda, inconfundivel de originalidade. E' a ogiva. A ogiva, como observa muito bem um critico, é para a Arte Cristã o mesmo que a coluna para a do Egito e o capitel

para a da Grecia. E' a *celula originaria* duma nova Arte.

Assim é. Sumiram-se definitivamente os canones dos artistas do tempo de Vespasiano ou de Trajano. Nota-o, emfim, Dubufe, acrescentando, porém, *que os templos cristãos são nobres, frios, um pouco tristes.* Eis o seu melhor elogio. A nobreza vem da fé. A frieza significa simplesmente luta contra o calor mórbido das pequenas paixões. A tristeza é natural em quem, vendo o caminho, lamenta o longo tempo perdido em atalhos ilusorios. A Humanidade não podia logicamente oferecer ou tros templos á sua nova Fé. Porque assim foi sincera, é que a Arte Cristã, dando tanto predominio á Dôr, foi austeramente verdadeira.

O Ocidente excede o Oriente na profusão dos templos. Mais: a vida artistica oriental é suplantada pela ocidental. A França destaca-se como já portadora duma auspiciosa hegemonia.

Não ha hiperbole no patriotismo dos criticos de arte francêses. Se a Arte, com o Cristianismo, passa de nacional a mundial, a França soube ficar a metropole dessa Arte.

A catedral de Paris ergue-se em 1163, e logo as de Amiens, Bourges, Chartres, Beauvais, e tantas outras. A catedral de Colonia imita, como diz Felix de Verneilh, a Santa-Capela de Paris. Os grandes artistas cristãos são, na verdade, francêses: na catedral de Reims, João d'Orbais e Roberto de Coucy; na Santa-Capela, Pedro de Montereau; na catedral de Amiens, Tomás de Cormont e Roberto de Luzarches, etc. Franceses são os arquitetos das catedraes de Strasburgo, de Praga, de parte da de Cantorbery, na Inglaterra, da catedral de Lincoln,

da de Upsal, na Suecia, da de Utrecht, e na Italia, das de Bolonha, Padua e Milão.

Não nos esqueçâmos, porém, de limitar muito a afirmação de que a França teve o monopolio da Arte Cristã. A França, meio-latina e meio-celtica, encarnou sem dúvida admiravelmente, e em tudo, o espirito do Cristianismo, e por isso conquistou a hegemonia que mesmo hoje, abalada profundamente, é consideravel, e até certo ponto nociva.

Mas a Espanha e Portugal, e a Italia, quando mais livre esta da teimosa influencia pagã, não se demoraram muito em seguir-lhe o honroso exemplo. Não deixa de ter razão L. Dussieux nas suas reivindicações patrioticas, mas um melhor estudo da Arte Cristã nas Peninsulas, iberica e italica, e tambem no Oriente — que não adormeceu tanto para a Arte, como o querem Dubufe, Pichat e o mesmo Dussieux — daria decerto ao erudito publicista uma visão mais justa.

E, quanto ao Oriente, basta notar o facto assinalado pelo proprio Guilherme Dubufe: o da tomada de Constantinopola pelos Turcos em 1453, arrojando para o Ocidente uma verdadeira emigração de artistas. Bem sabemos qne Dubufe descobre, a proposito, nesse facto a nova invasão do amor á Arte grega e tambem á oriental. Para que nega-lo? O espirito gótico sofreu então no espirito classico a primeira ameaça da Renascença. Mas o Oriente nem por isso deixava de trazer uma arte cristã. Paganizada um tanto e bizantinada? Mas cristã no espirito, e tal que, apezar de tudo, mesmo em plena Renascença, o movimento reacionario de tantos artistas não a pode separar na essencia do influxo do Cristianismo.

Sim, o exodo dos artistas de Constantinopla

trouxe a fórma triunfante, assimilada nas ruinas da Arte grega e da Arte da velha Ásia, trouxe até a forte simpatia pelas linhas volutuosas, e, tambem muito, pelos tons passionaes e exclusivamente humanos; mas a Religião contivera quasi todos aqueles artistas no precipicio para a regressão completa, e obras houve até, com aspecto de pagãs, que não poderam ocultar, na fisionomia luminosa e comovida, a nova, a superior, inspiração, a de Jesus-Cristo. Assim sucedeu, afinal, em tempos mais proximos, assim sucede até hoje, ao julgar-se que, fazendo arte realista, se expunje dos trabalhos artisticos toda e a tão indispensavel como incoercivel influencia religiosa.

Seja como fôr, a Religião em parte alguma deixou de bafejar e orientar a Nova Arte.

Não são só as catedraes, com os seus tumulos, os castelos, com as suas ameias, os paços dos municipios com os seus pelourinhos; não são só os mosaicos, os vitraes, as imagens, os quadros; é a musica, soltando os primeiros vagidos, é a poesia desentranhando as primeiras trovas ao mesmo tempo que as primeiras odes cristãs.

Em tudo, uma alma nova, profunda da harmonia. Na magestade das catedraes aparece a novidade solene do orgão. No alto dos campanarios, dobram e repicam os sinos, funebres ou festivaes segundo o sentimento da solenidade. E até isto é nova Arte.

Nova Arte em tudo, e a melhor. a que vem do coração e o coração procura. As flores parece tomarem um aspecto novo na sua ascensão aos altares do Crucificado e que elas, perfumando as pratas cinzeladas, vão converter em verdadeiros jardins suspensos.

As colgaduras, as sanefas, as ricas tapeçarias, os panos d'Arrás, ora são molduras, doceis e tapetes, ora quadros muraes, telas policromas e maravilhosas que ilustram a Biblia, a Historia de Jesus, a Historia da Humanidade, o Evangelho, a nova Civilisação.

Triumfa a Beleza Suprema, a Beleza Interior. Resplandesce a Graça. Como chamar idolatras aos cristãos, se as suas esculturas, as suas imagens, como que adelgaçam a Materia para dar expressão soberana e tocante ao Espirito? E eis a essencia da Arte Cristã: realizar, afinal, como nenhuma outra, a Verdade, procurada pela Arte de todos os tempos — o Espirito, dominando a Materia, tornando-a seu instrumento e não seu objetivo.

Até nêste ponto, a vitoria do Cristianismo excede a de todas as demais Religiões. Na Grecia o espirito religioso não póde, senão vagamente, arrancar a Arte ao sensualismo terreno. Em Roma a Arte fica politica como toda a civilização da Filha da Loba.

A Arte Cristã é realista, por excelencia — a Verdade da vida interior vale mais do que a palpabilidade do concreto, efemero e mudavel — e é, afinal, dum idealismo inefavel, tão torrencial de verdadeira poesia, que nenhuma outra Arte, por muito que a ela regressem com paixão, póde dar mais do que traços graciosos e banaes, ou do que torturas de membros torcionados por um desespero satanico.

A Antiguidade, emfim, perdeu, como Arte, a vida palpitante, entrou na dos museus e das ruinas, mais como elemento auxiliar, como realização formal, do que como sentimento. Irão para os museus algumas obras-primas de fórma, conjun-

tamente com curiosidades e significados historicos: os quadros, as esculturas, os documentos numismáticos, alguns restos de colunas, de armas, de simbolos. A Venus de Milo, o Jupiter de Fidias, o Apolo de Belvedére, pedaços de colossos ao pé de vasos, de anforas, de preciosidades, repassadas decerto duma alma religiosa, mas imensamente imperfeita, mas inanimada devéras ao pé da mais incorreta imagem cristã—pois que a esta bastalhe o simples resplendor de prata para nos falar duma Beleza pura que nenhuma arte classica póde sequer visionar.

Quadros, alguns quadros das tres escolas: jónica, siciónica e ática. Zeuxis pintou o *Quadro das Uvas*, uma *Helena*, um *deus Pan*, um *Jupiter*, uma *Juno*. Apeles pintou *Diana*, *Venus*, *Alexandre Magno*, *Archelöus*, *Antigono*, *Belona*, *Clito:* Parrásio, pintou *Aquiles*, *Agamemon*, Deuses, Pontifices, Sacerdotes, combates, pórticos de templos; e o mesmo fizeram Polignoto de Tasos, Pamfilio, Timanto, Échion, Protógenes, Nicómaco, Apolodoro d'Atenas, Eufranor, Aristoläus, Cidias, Antidotas, Pausanias de Sicione, Artemon, emfim todos os pintores grêgos que Plinio enumera e critica, informando-nos sobre todos os seus quadros.

E' singular. A pintura grêga—quando se diz que a Arte classica era eminentemente realista—não passa de retratos sem expressão psiquica, da exteriorização pomposa, embora muito correta tambem, de mitos, de lances famosos nos quaes mais brilha o poder brutal das armas do que uma virtude, um sentimento puro, e nem uma paizagem, nem uma só tela de natureza fecunda, que, lembrasse ao menos duma maneira vaga, aquêle naturismo superior, tão elevadamente reli-

gioso, que derivou do incomparavel Francisco de Assis!

Na Arte Cristã, emquanto a escultura dá imagens assombrosas de Cristo e da Virgem, dos Santos, destaca estatuas primorosas nos túmulos e enflora com simbolos opulentos, as faces dos templos, das torres, dos castelos, dos solares realengos e aristocratas; emquanto a arquitetura levanta todos os monumentos da nova Civilização, arqueando zimborios, sorrindo em ogivas,, como que afilando cada vês mais os campanarios e bojando com mais magestade as naves, vai a Pintura sendo o que nunca fôra — filosofia e sentimento profundo, amor, fé, extasis, verdadeiro elemento da Religião. E vêm nisto as telas admiraveis de Cimabué, Giotto, Fra Angelico, Bellini, Filippo-Lippi, embora para serem continuados na Renascença, dentro dum forte regresso á Arte classica, por artistas célebres, devéras grandes de genio, como Rafael, Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Veroneso, Ticiano, muito inferiores aos primeiros no elevado sentimento religioso e, porisso, sendo tão primorosos, muito claros produtos do principio duma decadencia artistica.

Mas na propria paganização da Renascença, a Religião só é que conserva a Beleza verdadeira. Se lhe falta o que fês grande na Idade-Media a Arte Cristã—a evocação mistica; se Rafael, Miguel Angelo e Vinci, profanos em excesso, esqueceram muito a inspiração ardentemente religiosa, deleitando-se em excesso com a Arte pela Arte; de justiça é reconhecer que as Madonas, por exemplo, apezar de algumas tão co-irmãs, nas linhas, de varias Venus gregas, significam, comtudo, algo de novo e puro, vagamente porventura, mas

ainda assim com o prestigio dum como que inefavel perfume espiritual. Não são sempre as Virgens dos hiperdúlicos: frequentemente são belas crentes em Jesus.

E o seculo XVII renova com coragem o grande espirito religioso. Emfim, surgira Rembrandt, o pintor filosofo e mistico, o admiravel artista que, humanizando Deus, pinta, comtudo, Jesus-Cristo com uma verdade magistral, inspirada intensamente pelo sopro divino. Bem sabemos que, depois, a pintura cristã se foi deprimindo: mas tambem é certo que a sua inferioridade tem acompanhado sempre o amortecimento do espirito-religioso até á atual monotonia e aridez anti-social e anti-estetica que nota Tolstoï, o que continua provando a favor da indispensavel influencia da Religião na Arte. Além disso — insistimos — o que ha de belo ainda na nossa decadencia artistica tem um profundo cunho religioso, por isso mesmo que é comovidamente humano, ou seja, indiretamente divino.

E a escultura não se descristianizou tanto, e tão depressa, que não reagisse esplendidamente, por exemplo, no admiravel *S. Sebastião*, na *Assunção da Virgem*, na *Virgem* do Palacio Balli de Pedro Puget, o que teve, na pintura, o genial comentario, tão cristão e sincero, da obra de Poussin e muito mais da de Le Sueur, o artista enorme da *Vida de S. Bruno*, o homem raro que, não se enfeudando á graciosa monotonia, frivola e vistosa, de Lebrun, admirando, mas não seguindo, os nababos da Arte na Renascença — os Rafael e os Vinci — evitou o perigo de ser neo-pagão, como os artistas italianos — o sangue da Filha da Loba penetrara muito na peninsula italica — e foi emi-

nentemente francês, e, portanto, cristão, á similhança daquela grande alma, tão poetica em Domrémy e tão épica em Orleans: Joana de Arc.

Mas, relegada embora para os museus, a Arte Cristã continua a ter sempre, com a mesma intensidade, o que a Arte classica não tem já: vida palpitante. Mais do que modelo, do que exemplo da aplicação dum punhado de regras, como o é hoje a Arte classica, fala-nos do Ideal Superior, do Ideal Unico, sendo assim que contemplar uma téla ou estatua, inspiradas por um puro sentimento religioso, é para nós tanto admirar a perfeição artistica como viver a vida do Evangelho e, dentro dela, tudo que o coração humano tem de nobre, e o pensamento tem de eterno.

O mesmo sucede á arquitetura cristã. Póde apresentar-se aos nossos olhos naquele como que aperitivo estado de ruina que Carlos Dickens celebrou, ao defrontar-se-lhe, emfim, o Coliseu de Roma: *God be thanked: a ruin!* Essa *ruina* falará sempre a voz das catacumbas, a voz de Jesus-Cristo, a voz da Humanidade em jornada constante e redentora para a gloria de Deus.

E assim ainda a Musica. Na Antiguidade nunca ultrapassou, mesmo nos celebres córos das tragedias, o papel de simples comentario coletivo, da como que nota sonora de reforço á poesia apaixonada dos Eschilo, Sofocles e Euripides. Mais do que a Musica, valia para a velha Grecia a Dança, volutuosidade evidente, e, comtudo, tambem impulsionada, quanto possivel, diga-se a verdade, por um incompleto, mas insistente, espirito religioso.

O cristianismo fez deveras, da Musica, uma

Arte superior. Não acreditamos, por isso mesmo, na lenda cheia de intenções neo-pagãs, que atribue aos gregos o formidavel canto do *Oficio dos mortos* entoado nos nossos templos. Por desfortuna para os fanaticos pela Arte classica, nada prova até hoje, que essa musica imponente seja a mesma que, nos funeraes de Atenas, gemia e trovejava, no tempo de Pericles.

E porque é que só esse canto superior nos legaria a Grecia?

De resto, sabemos que as arias gregas conservadas por Burette revelam um canto-chão vago e sem largo folego. Como nota Chateaubriand: «*Antes de Gui-Aretino, a musica não se elevava acima da* **quinta,** *começando por* **ut**, *ou* **dó, ré, mi, fá, sól.**» O Cristianismo vivificou a Musica logo nos seus primeiros tempos de Religião. São admiraveis desde logo os psalmos, *especialmente* o *Dixit Dominus Domino meo*, o *Confiteor tibi* e o *Laudate, pueri*, como continua notando Chateaubriand.

Santo Ambrosio organizou admiravelmente a musica cristã. Reagindo contra a influencia demasiadamente voluptuosa do Oriente, fez uma selécção austera, uma grandiosa rapsodia que prestou o melhor serviço á Arte pura e á Fé religiosa.

Santo Agostinho amou profunda e artisticamente a Musica, impulsionando-a para a sua melhor vitalidade religiosa. Santa Cecilia protegeu tanto a arte musical, que lhe imprimiu sempre o maior sentimento cristão. Porisso, o grande Hœndel lhe dedicou a famosa *Ode*, tão conhecida e amada pelos nossos organistas e pianistas. Boécio foi o teorico mais cotado da nova expressão artistica, tão nova, que a sua anterior existencia tem

apenas o valor duma vaga bruma, dum vagido desconexo.

A Musica, emfim, a Arte mais proxima do Espirito, embora em muito pela força especial da sensação, rompia em *canticos*, em litanias dolorosas, em *Te-Deuns* duma grandeza triunfal, sobrehumana, exprimindo o amor divino, a piedade — sentimento novo — e conservando, mesmo ao degenerar em passionalismo mundano, o alento do cristianismo, pois que nos proprios bardos da Armorica e da Gotia, como em todos os maiores compositores que até hoje tem florescido, palpita, afinal, inconfundivel, a inspiração religiosa. Nem Massenet lhe escapou.

Não rejeitamos tanto, — dizemo-lo com justiça — como anti-religiosa, a Musica que foge á nitida gravidade, formidavel e bela, do Canto Gregoriano. Pergolezo, apezar de derramado de estilo, foi intensamente religioso. Cristão é o sopro genial que se acalma, a espaços, em belos extasis, nos cantos de Palestrina, de Marcelo, de Stradella.

Haydin, Hœndel, Mozart, acusam, até nas paginas mais *romanticas* de passionalismo, um profundo espirito religioso, incoercivelmente cristão. Chopin e Listz, devaneadores, não ocultam a intima religiosidade. E muito menos, Rameau, Bach, o gigante dos *oratorios*, Weber, Beethoven, o crente ardoroso, o monge da Dôr, dôr vibrada em *Sonatas* primaciaes, e numa incomparavel *Missa*, Gounod, o primoroso, quasi sempre tão espiritual na *Ave Maria*. Não sejamos excessivamente austeros com a Musica Moderna, porque o melhor dela vive, sem duvida, do influxo da Religião.

Quem o não vê, e com largos sopros medie-

vaes, no *Parsifal* de Wagner? Meyerbeer, basta preferir a *Dinorah* á fanfarra esmagante dos *Huguenotes* — Rossini, apezar do teatralismo do seu *Stabat Mater*, Bellini, Verdi, uns dentro duma especie de *romantismo* — não é ainda uma influencia cristã, embora, ás vezes, vaga? — outros, no fervor duma inspiração heretica, que, comtudo, pretende procurar Jesus-Cristo — o *Ein fest Burg!* de Lutero foi aproveitado nos *Huguenotes* —, todos acusam a sua inspiração essencial na Religião e, porisso, a Musica é um genero d'arte que se conserva religioso como poucos, até quando parece degenerar em sensualismo. Explica-se. O apanagio do Cristianismo é o vôo livre e comovido acima da Materia. Pódem assim paganizar-se bastante as artes plasticas, as objetivas. As subjetivas, até fugindo á sua directa influencia, têm de pertencer-lhe para produzirem verdadeiras obras-primas.

E não só a Musica como Arte pura progrediu e vive dentro da Religião. A' Religião deve o progresso dos proprios instrumentos. O *psalterio* do seculo XIII é o antepassado do *piano*, o qual vem a seguir ao *clavicordio* do seculo XVI, á *espineta*, ao *virginal*, emfim, ao *cravo* em que Mozart executou o seu *Requiem*, musica dos seus funeraes, que pareceu esperarem pelos ultimos compassos do canto do cisne.

Mas, soberanamente ainda como nenhuma Arte, a Poesia. Na propria escola classica dá genio a Corneille, arrojo á placidez artistica de Racine, fé ao proprio Voltaire. Shakespeare, apezar de todo o seu passionalismo descomunal, é grande por ser essencialmente cristão. Basta lê os *Hamlet* e o *Rei Lear*, o *Otelo* e o *Macbeth*. Lá terá

a Arte Cristã, a Verdade, procurando a vida interior, desentranhando-a, expondo-a em rasgos sobrehumanos, só possiveis dentro da austeridade religiosa. O Dante é uma catedral imensa. Milton é um enorme pedaço da Biblia. O Tasso é o culto catolico e o heroismo dos cavaleiros da Fé. Camões é a Fé abraçada á Patria com estes dois braços de jaspe e tambem d'aço: a Espada e a Bussola.

E, apezar do Seculo XVIII—periodo de grande silencio cristão na vida artistica e filosófica —o Romantismo é na Arte, em toda, pois não o foi só na Poesia, religioso no seu espirito liberal, devaneador, cheio de paradoxos, de heterodoxias mesmo quanto á Fé e á Moral, de falso realismo e até de falso sentimento, e isto em toda a parte, nos versos pomposos de Hugo, nas melodias de Lamartine, nos pessimismos de Alfredo de Vigny e de Musset; em Manzoni, no proprio Leopardi, no proprio Carducci; no proprio Goëthe, em Schiller, Uhland, Geibel, Riterhaus, Redwitz; em Herculano, Garrett, Castilho, Simões Dias, João de Deus, Antero . . .

Que, o Realismo, quando quiz dar grandes obras, não desdenhou a mesma Fonte, a Religião, embora pretendendo objetiva-la com um positivismo laivado de sarcasmo. Balzac, Flaubert, os proprios Zola e Eça, acusaram, e ás vezes sem querer, indelevel filiação da sua melhor Arte no espirito religioso. Emfim, os simbolistas, dignos de toda a colera de Tolstoï, que mais foram do que emergencias confusas da Arte Cristã?

Assim, a Arte vive deprimida, apezar de tantas genialidades apregoadas, e a prova maior de que só póde renovar-se, procurando a Religião, é que toda a critica superior lhe aponta como sal-

vação unica o regresso puro ao sentimento religioso. E isto em todos os ramos da Arte e em todos os paizes. E' que continua a ser verdade o que disse Taine: «*Examinando a alma moderna, encontram-se alterações, disparates, doenças, e, por assim dizer, hipertrofias de sentimentos e de faculdades que a sua Arte contraprova*».

Deve-se isto ao, embora já agonizante, espirito do Seculo XVIII. Não é ao espirito cristão, que tal se deve, como imbecilmente o têm pretendido; é, sim, ao golpe brutal e esteril vibrado pela incredulidade barata no inefavel sentimento do Cristianismo.

VI

A riqueza da Arte cristã em Portugal — Os Jeronimos — A catedral de Lisboa, S. Vicente de Fóra, S. Roque, templo de Jesus, Paulistas, S. Domingos, Madre de Deus, S. Francisco de Paula, Conceição Velha, Bemfica — Mafra e os Jeronimos — O Convento de Jesus em Setubal — S. Francisco, o Paço arquiepiscopal e a Biblioteca de Evora — Alcobaça, Tomar e a Batalha — Monumentos de Coimbra — O Bussaco — A Sé do Porto, os templos de S. Francisco e dos Clerigos — O monumento gótico de Leça do Bailio — A Sé de Braga e o Bom-Jesus — Monumentos de Viana, Caminha, Vila do Conde, Amarante, Lamego, Tarouca, Ferreirim, Salzêdas, Vizeu e Algarve — Os nossos melhores pintores — Os nossos musicos — Miguel Angelo, Sá Noronha, João Arroio, Keil, A. Guimarães, Gazul, V. d'Arneiro, Antonio Augusto da Fonseca, Casimiro — Os nossos escultores — Como notar-se o verdadeiro espirito religioso — A poesia — **Os Lusiadas** *— A profunda religiosidade de Camões — Gil Vicente, Antonio Ferreira, etc. — A poesia até ao seculo XVIII — O grande lirico Padre Caldas — Bocage e contemporaneos — Porque é cristão todo o português — A influencia franciscana até aos nossos dias — No proprio seculo XVIII — No Romantismo — Herculano, Garrett e Castilho — De Guilherme Braga a Antero — Gomes Leal — Junqueiro — Teófilo — A moderna corrente de naturismo, religiosa até nos materialistas — A Religião em toda a Europa — O que nos dá a incredulidade — Complexas consequencias da falta de Religião — Decadencia artistica da França — Opinião de Julio de Matos — Porque é que a nossa Arte não renasce — Patriotismo limitado — A França do Imperio — A nossa situação atual — O mensario portuense* **Arte** *— Porque nos continua faltando a vida artistica.*

Portugal encerra, como poucos paizes, verdadeiros brados artisticos a favor da influencia da

Religião. A Terra Portuguesa não tem Arte perfeita que não seja de origem cristã.

Cada povoação, por assim dizer, é um seu atestado artistico. Não ha uma só cidade que não ostente um primor de Arte, e quasi sempre religiosa. Inumeros logarejos se tornam notaveis por possuirem dessas boas obras artisticas.

São raros, ainda que bastante preciosos alguns, os restos da Antiga Arte em Portugal. Mas, estudados com serenidade, reconstituidos mesmo por completo nas suas mutilações, não desmentem, antes confirmam, a superioridade da Arte Cristã e, como é evidente, reforçam ainda, tudo quanto possa pensar-se e dizer-se sobre a indispensabilidade do espirito religioso em geral na formação duma verdadeira Arte.

Iniciando o nosso rapido volver de olhos pela feiticeira grandeza de Lisboa, vemos logo a Arte Cristã num dos mais belos monumentos da Europa: os Jeronimos. Estilo do ultimo periodo gotico, a mudar-se para o manuelino. Tres naves admiraveis, apoiadas em colunas, lembrando mastros, alteando-se numa elevação de 41 metros. Fachada com esculturas preciosas, com florões dum simbolismo pitoresco, suavidades de flora longinqua, o cunho forte da vida do mar á sombra da Cruz. Todo o mosteiro, e os claustros com admiravel beleza, como que bordados em pedra, vasto o templo e ao mesmo tempo austero — aquela nobreza e melancolia dos templos cristãos, aquela vastidão que parece indicar a igreja como lar sentimental e mental dos povos. A Religião palpita ali, e predomina, como pensamento e sentimento, ficando á vontade nos relevos simbólicos, nas

linhas caprichosas que, a cada passo, falam do Mar, da India, da navegação heroica.

A catedral de Lisboa vitima de 3 terramotos, é uma velharia remendada. Possuidora de diversas preciosidades artisticas, veneranda pela idade, bastar-lhe-ia ter tudo isso e possuir o melhor quadro de Pedro Alexandrino, o quadro do *Salvador do Mundo*, talvez o mais cuidado do febril artista, para nos falar do poder da Religião na Arte.

Na mediocridade da tela de Pedro Alexandrino — porque, afinal, a sua obra-prima é mediocre — ha, pelo menos, uma elevada exteriorização do sentimento religioso. E esta exteriorização nitida favorece tanto o artista, *faz tão boa Arte*, que os defeitos do quadro mais parecem voluntarios pretextos para destaque da Beleza Maior.

S. Vicente de Fóra póde ter sido um tanto banalizada pela fria reconstrução de Filipe II. Os seus lindos marmores, porém, valem boas obras de arte, iluminadas fortemente pelo espirito religioso. S. Roque é um templo de deploravel exterior, mas o mosaico precioso de S. João Batista, os quadros de Vieira Lusitano, Vieira Portuense, Coelho da Silveira, e outros muito notaveis ao pé doutras télas de estrangeiros, que lá existem, dão-lhe, com outras curiosidades artisticas, um belo valor como atestado do poder da Religião sobre a Arte.

O templo de Jesus — paroquia de Nossa Senhora das Mercês — tem amplidão e beleza, e quadros que, como o da *Ressurreição*, o qual talvez seja de Rubens, magnificam admiravelmente a Arte Religiosa.

A magestade do templo dos Paulistas e os

seus quadros de Vieira Lusitano; os esplendidos marmores do de S. Domingos; a beleza e vastidão dos templos dos Martires e da Encarnação; os primorosos quadros da sacristia do templo da Madre de Deus, e os do templo de S. Francisco de Paula (telas de Vieira Lusitano); fachadas como a da Conceição Velha; tantas antiguidades cristãs, que a frieza da arte pombalina — se chegou a ser Arte — mais valorisa e perpetua, deixam na face e no seio da capital portuguêsa, um forte cunho religioso-artistico, e que se prolonga até aos arrabaldes, em restos de conventos, como em Bemfica, nas casas realengas e aristocraticas de toda a linha suburbana, aquém e alem-rio.

O que ha além disto em Lisboa, como Arte, é ou friamente pombalino ou evidentemente desnacionalizado.

Mafra, apezar dos excessos arquitetonicos do seu convento gigante, fala com eloquencia bastante do poder da Religião na Arte. Mafra não vale Belem, como D. João V não vale Vasco da Gama.

O convento de Mafra, tendo 216 metros de frente, 886 salas e quartos, 5:200 portas e janelas, um templo magnifico com os seus dois maravilhosos carrilhões, e uma tapada com 20 quilometros de circunferencia, tem uma voz muito menos religiosa e nacional — bem o sabemos — do que os arabescos, as colunas, a graça e, ao mesmo tempo, a força e a poesia dos Jeronimos.

Mas bastar-lhe-iam os seus marmores, as estatuas do atrio, os mil lavores preciosos, para advogar com autoridade a superioridade da Religião na Arte.

E assim o Convento de Jesus em Setubal; em

Evora o templo de S. Francisco, com a sua capela estranha, feita de ossos humanos, com belos quadros (talvez de Grão-Vasco), e o Paço arquiepiscopal e a Biblioteca, encerrando telas que Raezynski admirou — tudo sem empalidecer, antes superior de nota humana, diante das reliquias do templo de Diana e do aqueduto de Sertorio, pois que a Arte Cristã tambem na capital do Alemtejo fala elevadamente de si por meio de ruinas, na formosa janela gotica do palacio Cadaval. Assim Alcobaça, com o seu admiravel mosteiro, com os dois tumulos celebres de Pedro I e Inês de Castro; Tomar, e o Convento de Cristo; a Batalha, esplendido monumento da arte puramente gotica, gloria da Fé como da Arte, da Religião como da Patria, nas *capelas imperfeitas*, obra do nosso grande arquitecto Mateus Fernandes, na magestosa casa do Capitulo (20 metros por lado e com uma abobada duma inefavel graciosidade pelo florão central, pela beleza dos arcos, pela singeleza ornamental de tudo), na magestade e primor da capela real, no encanto do claustro com a profusão de janelas ogivaes e rendilhadas, com fontes e galerias, com o seu incomparavel vitral da Paixão de Cristo; Coimbra, a fidalga da Arte Cristã, tão bem representada hoje, como consciencia artistica, pelo luminoso espirito de Antonio Augusto Gonçalves — A Sé Velha, informe e tão admiravel, no gotico altar-mór, nos tetos, no frontispicio — Santa Cruz, monumento gotico-manuelino, e nave esplendida, os belos azulejos, o pulpito maravilhoso, os tres claustros, sendo o do Silencio tão sugestivo, a casa do Capitulo, as capelas, a sacristia, os quadros, as estatuas que campeavam na cêrca — a suntuosa Biblioteca da

Universidade, apezar da sua nota fortemente jonica e, ao mesmo tempo, intensamente asiática nos lavores — o que resta emfim de tanta Arte pura nos velhos arruamentos, em fachadas de edificios, em arcos, em reliquias dispersas.

Depois, é ver o Bussaco. Grandeza e simplicidade cristã, o convento, fundado em 1630. A Cruz Alta acusa, pela magestade do viso, uma admiravel intuição artistica, que é incoercivelmente religiosa. Vale mais do que a coluna de Vendôme, e é tão singela! Duas esculturas admiraveis, duas imagens — a de Santa Maria Madalena e a de S. Pedro — atestam no templo a superioridade da Arte Cristã. Descreveu-as com verdade e comoção o há pouco finado e ilustre poeta Bulhão Pato. Sugerir Venus diante daquela Madalena seria apresentar uma joia mundana diante duma estrela. Diante do remorso vivo de S. Pedro, remorso que é uma sublime confissão da Fé, o Apolo de Belvedére ficaria banal como um egoismo servido por lindos músculos.

Em Aveiro, basta o magestoso tumulo de Santa Joana para nos dar da maior Arte a demonstração profundamente religiosa.

No Porto, é ver a Sé, tres naves belas, a riqueza da capela do Santissimo, a capela-mór, os altares, as torres, os claustros; os primores de S. Francisco e dos Clerigos; mil reliquias nos velhos bairros; primores dispersos nos arrabaldes — o templo gotico de Leça do Bailio é duma beleza veneranda.

Em Guimarães, a cada passo, restos de arte que o cristianismo vivificou, renovando-a, ou pondo ao par do que nos deixaram os moiros belezas goticas como as da Sé.

Em Braga, desde a Sé, repositorio de quadros de Glama, vasta, obra de godos, até o Bom-Jesus, tesoireiro de quadros de Sequeira, em mil pedaços de Arte pelos templos e conventos, o cunho religioso é profundo e predominante, indelevel.

Viana do Castelo, com o templo de Santa Cruz; Caminha, com os lavores graniticos da sua matriz; Barcelos, com a Colegiada; Vila do Conde, com o convento e matriz e o templo proximo d'Azurara; Amarante, com o convento e templo; Lamego, com a sua catedral de portico gotico (Seculo XIII), de tres naves imponentes, com os primores, embora pagãos por vêzes, do Santuario dos Remedios, mas corrigindo facilmente, no espirito religioso, o significado moirisco da Cisterna, que está na colina fronteira, no alto da cidade, e nos arrabaldes, os preciosos restos dos conventos, de Tarouca, Ferreirim e Salzedas; em Vizeu, a catedral, com a esplendida abobada, com os soberbos quadros do nosso Grão-Vasco; emfim, toda a Terra Portuguêsa, até no rincão arabe do Algarve — aquela delicia andaluza, no aspecto, e muito nossa, comtudo — não é mais do que uma verdadeira e constante demonstração da superioridade do Cristianismo como Fonte da verdadeira Arte.

Mas os nossos melhores pintores o mesmo confirmam nas suas télas. Cristão como artista foi Nuno Gonçalves, que teve fama europeia. Pintou o altar de S. Vicente na Sé de Lisboa. Francisco de Holanda, apezar da sua preocupação miguelangelesca, e de defeitos graves, além de preferir a arquitetura á pintura, deixou-nos uma obra repassada de religiosidade — o *Batismo de Santo Agostinho.*

Sanches Coelho, que os hespanhoes pretendem ser seu, refulge no Escurial com sete quadros magistraes, todos tocantemente religiosos, no assunto e na maneira.

Grão-Vasco, tão perfeito, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, Domingos Antonio de Sequeira — a sua obra-prima é o *Descimento da Cruz* —, (Rakzynski, nêste quadro, acha grandes e geniaes analogias com a maneira de Rembrandt) —, muitos dos nossos pintores contemporaneos, até quando mais parece preocuparem-se com o plasticismo realista, confirmam sempre a nossa tese — a Religião é indispensavel á Arte, e nenhuma Religião o é tanto como a Cristã.

E' pobre entre nós a Musica. Comtudo, o pouco que temos é essencialmente cristão. A nossa melhor opera, o Eurico, de Miguel Angelo Pereira, traduz fortemente o cristianismo austero de Herculano, embora objective tambem com esplendor a pitoresca e apaixonada vida arabe. Por desventura, aquela ópera ainda não é conhecida do publico em geral, quando, superior ao *Guarany* de Carlos Gomes, devia ser ouvída e admirada com patriotismo justo, e assim posta entre as nossas melhores obras d'arte de todos os generos. Os trabalhos de Sá Noronha, dentro do seu italianismo, são na essencia cristãos pelo sentimento puro e profundo. O *Amor de Perdição* de João Arroio exterioriza primorosamente o passionalismo, incoercivelmente cristão apezar da tara romantica, do Enorme Angustiado que foi Camilo, um crente até ao hiperbolizar a descrença.

A obra de Keil, menos correcta, com êrros mesmo de Arte, como avultam, por desgraça, no nosso proprio *Hino Nacional*, que bebeu numa

justa, mas triste, indignação anglófoba, é ungida de intima religiosidade, a qual é tambem evidente em Augusto Guimarães, em Gazul — a despeito da excessiva preocupação scientista — no visconde d'Arneiro, e nos poucos que mais se têm assinalado.

Um grande compositor, ignorado, caído na penumbra da vida provinciana, em Lamego, Antonio Augusto da Fonseca, genio autentico, disperso em pequenas obras, um Rossini na facilidade, um Schubert na graça e na delicadeza e, comtudo, com muito de Listz e Chopin na paixão, no devaneio, acentuou-se sempre como um crente no estro e na maneira sobria, por vêses entranhadamente eclesiastica. Em trechos leves, a *Hermengarda*, a *Visita ministerial*, *Ecos d'Aldeia*, etc., soube ter ora visão psicológica, ora a vivacidade fácil de Offenbach, ora a leveza idilica de Mozart, mas com tão nitida religiosidade intima, que o proprio entusiasmo mundano de algumas composições tem sempre o comentario delicioso dum — como diremos? — monge que transige com a vida terrena, sorrindo ás suas paixões e delirios.

E então nas *Missas*, nos *Te-Deuns*, em tantas joias desconhecidas, nem um laivo de teatralismo banal. Hœndel, Haydin, Bach, aprovariam aquela gravidade sincera, convicta.

Como êle, o glorioso Casimiro, pai da ilustre poetisa e escritora D. Angelina Vidal. Casimiro foi essencialmente religioso, ao fazer musica sacra, o que é menos vulgar do que parece em homens que, como êle, têm genialidade antentica, inspiração fremente.

Não é mais rica do que a Musica entre nós a Escultura, pois, afóra o que povôa alguns frontespi-

cios de templos, as imagens, e uma ou outra estatua, não possuimos obras de grande destaque.

A Arte Cristã, tem, porém, visivelmente a primazia, embora nos não esqueçamos de algumas esculturas modernas nossas, bastante nitidas do naturalismo pagão, apropositado, como que sectario.

Comtudo, Soares dos Reis, Augusto Santo, a Duqueza de Palmela e outros, que foram, no intimo do seu sentimento, senão religiosos?

Conhecem a imagem de S. José por Soares dos Reis? E, sendo religiosos — de tanto que o seu romantismo é devéras, conscia ou inconscientemente, evocador da grande vida espiritual pois, nas mais terrenas paixões, deixa um cunho da piedade divina — fôram incontestavelmente cristãos.

Não nos prendâmos com rótulos em coisa alguma. Obras d'arte abundam com o objectivo nitidamente religioso, e, comtudo, pagãs na expressão. A Renascença fornece-nos disso copiosos especimes. Pelo contrário, obras d'arte com intuito mundano e até negativas de qualquer espirito religioso, acusam indelevelmente como que uma religiosidade intima, inequivoca, indominavel.

O espirito religioso não se possue ou deixa de possuir só porque o artista se pronuncie ruidosamente, formalmente, por esta ou por aquela fórmula. Frémiet nunca poderia fazer uma pura Joana d'Arc, tão materialista é o espirito do, aliás primoroso, escultor. Wagner nunca poderia dramatizar a Musica dentro da impiedade, tão profundamente espiritualista é o genial compositor do *Lohengrin*.

A poesia, em Portugal, deve todas as suas obras-primas á Religião. Melhor diriamos: que

não só a poesia, como toda a literatura, principalmente na prosa artistica que tão razoavelmente poderia classificar-se de poesia de lei.

E' quasi ocioso lembrar os poêmas portugueses até ao Seculo XVIII. Os *Lusiadas* são uma constante manifestação da influencia admiravel do Cristianismo. Apezar de escritos sob o imperio reacionario da Renascença, o que deu ao nosso épico a necessidade de transigir, até por desculpavel amor-proprio, com muito da Arte dos eruditos, seus coevos, os *Lusiadas* têm muito de biblico e de evangelico e, mesmo nas tiradas pagãs, denunciam que Deus e Cristo aviventam todo aquêle sôpro genial. Camões, de resto, era profunda e comovidamente cristão ou, antes, arraigadamente catolico. Os conflitos com a Reforma apaixonam-no, como o dizem varias estancias, vibrantes de ortodoxia irredutivel.

O imortal épico, portuguezissimo como era, não podia sentir doutra maneira. Poeta enorme e não menor patriota, mas, ao mesmo tempo, muito mais ardente apostolo da Humanidade do que o supôs Oliveira Martins, a prova melhor da sua fé como da amplitude dos seus ideaes humanos, são os *Lusiadas*, se fôrem compreendidos com despaixão e verdade.

O cristianismo de Camões, entretanto, implicitamente demonstra a grandeza do amor-patrio do Poeta, porque a Religião Cristã, fortificando as Patrias, nunca deixa esquecer a felicidade e progresso da grande Familia Humana. Este elevado sentimento demonstra, por seu turno, quanto Luiz de Camões não podia colher do paganismo se não o que a moda impunha como formal, em sinal de cultura do espirito.

Assim, tudo no cantor dos *Lusiadas*, ainda que o grande poema o não evidenciasse com clareza a cada passo, revela o crente, o cristão, nitidamente o catolico.

Mas ha mais: ao passo que o paganismo, a arte classica, são em Camões verdadeiros e flagrantes *incidentes*, como que *fórmulas* dum predominio fatal, o espirito religioso, cristão, palpita como fonte e como impulso, dando até ao feito de Vasco da Gama a maior e superior razão de ser: a propagação da Fé.

Todos os demais poetas e grandes pensadores — por vezes poetas enormes na surpresa — em Portugal deveram tudo á Religião.

Nela encontraram a alma do Povo com o melhor da sua propria. A ela dedicam estro, entusiasmo, melodia ou harmonia, vôos livres do coração e do espirito, estimulo á vontade, e consciencia pura.

Gil Vicente, que homens frivolos dão como irreligioso, foi, afinal, um grande crente. Satirizando o mau clero, o grande comediografo zelava o puro Cristianismo. Assim fez na historia Damião de Goes, com alma cristã, embora o suspeitassem de heterodoxia, a heterodoxia de Erasmo, seu amigo.

Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Côrte Real, Diogo Bernardes, Bernardim Ribeiro, Cristovão Falcão, e não falamos por emquanto dos poetas carateristicamente misticos, todos manifestam a caudal religiosissima da sua inspiração.

E nem só esses poetas, todos os poetas portuguezes, até ao seculo XVIII, bebem na luz cristã a sua Arte. O proprio Bocage, Filinto, todos os árcades, apezar da sua envergadura classica, são

adoçados pela religiosidade cristã. O eminente lirico religioso Caldas não entôa sósinho as suas odes sublimes.

Bocage terá relampagos de contrição profunda. Macedo escreverá o nosso maior poêma didatico dentro dum sentimento elevadamente cristão, o qual, porém, o poeta e poligrafo, por desgraça, enxovalhou demais com fanatismos politicos em outras obras, algumas indignissimas do seu enorme talento.

Em vão o classicismo fala das Graças, de Venus, de Mercurio e doutros deuses e até devas. A poesia portuguêsa, a despeito do decalque dos canones de França, tem, como em França, no proprio paganismo de André Chénier, um sôpro cristão indefinivel, e, quando lhe falta, fica fria, postiça, banal, como nas letras francêsas, se Voltaire não invoca a Verdade Celeste *(Henriade)*, ou, se, á custa de sibaritismos artisticos muito estéreis, os incredulos não deixam ouvir a voz comovida de grandes poetas malogrados, como Malfilatre, Gilbert . . .

E' que na alma portuguêsa o Cristianismo, pelo lado artistico, penetrara complexamente, ficando assim, profundo e perpetuo de pureza idealisadora, até aos nossos dias.

Donde nos veio então a Fé Cristã? E' de justiça e oportunidade analiza-lo.

Veio-nos das tendencias etnicas? Veio-nos da ambição emancipadora, ontem contra os moiros, hoje contra os espanhoes, como necessaria fonte de coragem, como aliança com a indignação por nos não deixarem cumprir toda a missão que livremente anelávamos desempenhar,

conquistando mundos? Não falta quem o afirme, contorcendo subtis argumentos.

Quanto a nós, a vida politica não foi causa: foi meio. A razão etnica — seremos mais celtas do que latinos? — foi amparo e não impulso. Dum modo geral, se predominava em nós o elemento godo, se este elemento nos limpava da maior influencia romana, nós, variando tanto os limites do nosso belo sólo, eramos tambem, e em muito, lusitanos, ou seja, regionalistas apaixonados. Tinham-nos esmagado sucessivas invasões e, inteligentes e sentimentaes, o que delas mais nos ficava no intimo, ao passarem como tempestades, eram as ideias religiosas que iam semeando a ferro e fogo: mas o amor do sólo, a paixão pela terra poetica e tão cortada de constantes vendavaes humanos, aproximava-nos tambem facilmente da fé nobre que ia iluminando e fecundando o mundo.

O Cristianismo poetisa, como nenhuma religião, a vida do lar, o amor da gleba, o entusiasmo pelas tradições nacionaes. Nenhuma religião assim sugestiona o amor da liberdade e, ao mesmo tempo, o culto puro pela Humanidade.

Isto nos impeliu ao Cristianismo para o qual, aliás, nos preparavam excelentemente os como que residuos do que de melhor, no sentido religioso, nos tinham deixado os invasores, e que, por condizer mais com a nossa idiosincrasia fortemente contemplativa, guardáramos em usanças e lendas que ainda hoje predominam á flôr da fé catolica do nosso povo. Não o ocultemos: romanos e árabes legaram-nos, inconscientemente, bastantes germes de vida religiosa, imperfeitissima, absurda por vêses, mas bastante progressiva para arrancar-nos da grosseira mitologia aborigene.

Quando o Cristianismo veio, achou-nos, não crentes, mas expectantes duma crença pura e nova. Nenhum povo da Peninsula como nós o podia amar, tão adoravelmente profunda foi sempre a nossa vida sentimental. E que assim é o atesta a diferença radical entre portuguêses e quaesquer espanhoes, apezar de proximos vizinhos. O que neles é dureza, é em nós comoção, tolerancia.

Intendemo-nos, comtudo, com os diversos povos de Espanha, recebendo até dêles passivamente o governo? Naturalmente.

Com êles fômos, por solidariedade simpatica, de ferro nu contra os moiros. Mas, cristianizados, compreendemos logo o Cristianismo dentro do sentimento maior: o da emancipação. Emancipação por orgulho? Mas só ha orgulho quando ha personalidade. Portugal, já era, antes de emancipado, e graças á Fé Cristã, uma personalidade capaz de autonomia. O Cristianismo dignificara-lhe e iluminara-lhe a consciencia. Como? Inspirando-lhe que podia realizar, sósinho e livre, o que executava com heroismo, vivendo subjugado, ou como que aliado á força, e fazendo-lhe ver talvez — sonho? visão clara? presentimento? — o misterio de alem-mar.

Porque o Cristianismo dignifica sempre as consciencias integras, e Portugal, lutando com os leonêses contra os agarenos, já era uma consciencia, como o provou nas epopeias de Afonso Henriques e, ainda mais, na grandeza moral de Egas Moniz. Quem possue taes energias e sentimento, tem um caracter colectivo já definido. Ora develo-ia aos residuos confusos de tantas influencias religiosas contraditorias, e nos romanos já eivadas dum grande scepticismo, o maior prejuizo

duma fé elevada e conscienciosa? Não, decerto. Deveu-o principalmente ao Cristianismo, acalentador magnifico da força de consciencia, da solidez do caracter, da luminosidade da inteligencia, da doçura e sinceridade do sentimento.

Prova-o toda a nossa Historia, e durante a primeira dinastia em clarões de esplendido amor á liberdade e á fé. Afonso IV teve de reinar numa democracia admiravel. Na segunda dinastia, D. João I foi um eleito que em Nunalvares teve o povo, santo e heroi, e em João das Regras, o povo politico e culto.

D. João II não abateria uma casta com o patibulo e com o seu proprio punhal, se não recebesse do Povo, essencialmente cristão, como que o clamor contra a decadencia da aristocracia, que, a consolidar-se-lhe o poder feudal, retalharia o reino em pequenos reinos, atraindo a gula da Espanha, desvirtuando assim o puro sentimento do Cristianismo libertador. D. Manuel, sem o Povo assim cristão, não compreenderia o Infante D. Henrique.

Assim Portugal é cristão por pendor proprio e por lógica inteligencia do que deve ao Cristianismo: a autonomia, a gloria, a fecundização das suas qualidades nativas, a atenuação dos seus defeitos de contemplativo e, ao mesmo tempo, de naturista como o clima lho indicaria com paixão.

Mas, neste cristianismo, tão radicado e lógico, tão incoercivelmente amigo da liberdade, veio ainda depositar um novo e grande influxo o espirito das ideias franciscanas. Espirito como que divino!

S. Francisco de Assis é, depois de Jesus-Cristo, talvez o melhor dos apostolos cristãos. Ninguem

se aproximou tanto do Divino Mestre, nas palavras e nos atos; ninguem, como o Patriarca admiravel, pôs em pratica, dentro de verdadeiros prodigios, e com tão profundo intendimento e sentimento, as doutrinas imortaes do Evangelho. Defensor das liberdades individuaes e comunaes contra o feudalismo, criador do socorro mutuo, paladino do naturalismo superior que, na Natureza, vê uma obra sublime e tocante de Deus: purificador dos costumes, sugestor da serena alegria dos justos, da religiosidade que, muito profunda, não condena o crente ás tristezas trigulares, S. Francisco de Assis teve, em Santo Antonio de Lisboa, um dos mais ardentes e prestigiosos filhos.

O ilustre franciscano português influiu poderosamente no entranhado cristianismo dos seus compatriotas. Demonstram-no a sua popularidade, o que contam dos seus milagres todos os dias, as festividades tocantes que em todo o paiz lhe consagramos. Mas como não seria assim? Santo Antonio, além de português, era puro franciscano e o espirito do Santo d'Assis tem intimos pontos de contacto com os pendores nativos da raça portuguêsa.

Assim, a nossa Arte mais ficou devendo á Religião Cristã, logo que tivemos esta muito vivificada pelo franciscanismo. A Poesia foi a manifestação artistica que mais se resentiu em Portugal dessa nova e generosa corrente.

S. Francisco d'Assis fôra tambem um glorioso Poeta. O *Cantico do Sol*, e o *Amor in foco mi mise* atestam o seu genio primacial. Seus filhos espirituaes S. Boaventura e Jacomino, e principalmente, Jacopone de Todi seguiram o seu estro adoravel, conseguindo o ultimo (*Poesie spirituali)* uma su-

blimidade que S. Francisco perlibaria com complacencia.

O seu imortal *Stabat Mater Dolorosa* ficou como um dos melhores tesoiros da musica sacra.

Emfim, o Dante, como êle proprio o confessa, bebeu na poesia franciscana — em Jacopone, em Jacomino, frisa o famoso gibelino — elementos fundamentaes da sua *Divina Comedia*.

Depois, no seculo XIII, o espirito franciscano insufla a Tommaso da Celano o *Dies irae*, tão terrivel e imponente, fogo, rapto, impulso, que escaldam e gigantizam todos os sermões, misticos e elevadamente naturalistas, eloquentes e piedosos, de Santo Antonio de Lisbôa.

Nessa fonte viva bebeu directa e indirectamente a poesia portuguêsa, como bebeu, retemperando-se, a fé popular. Antes doutro, do grande artista franciscano, que foi S. Bernardino de Sena, antes do seculo XV, tiveramos, além *dos poêmas em prosa duma eloquencia ao mesmo tempo fogosa e estilizada, de magestosa envergadura, de Santo Antonio*, como diz Afonso Germain, trovas e canções dum sabor popularmente cristão, evolado da magnifica torrente poetica de S. Francisco.

O' fogo santo, vida e luz! é um rosario de estrofes franciscanas, gemidas por D. Filipa no convento de Odivelas, e desde esses extasis misticos até os de Fr. Antonio das Chagas, a poesia portuguêsa continúa atestando o adoravel espirito do Patriarca — espirito que inspirou uma das melhores obras humanas, delicia de Augusto Comte: *A Imitação de Cristo*.

Como Gil Vicente no seu caustico reformismo de costumes, em todos os seus *vilhancicos* e *vilancetes*, o proprio Antonio Ribeiro Chiado apezar

de se ter feito *goliardo*, fugindo do convento de S. Francisco, revelou, até na alegria franca das chocarrices, o cunho do cristianismo franciscano, nada avêsso á boa ironia, ao jubilo intimo e, ao mesmo tempo, à limpida sinceridade das consciencias boas e crentes.

O mesmo caráter acusa, na essencia, o lirismo arroubado de Fr. Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes. A obra lirica de Camões, tanto como os *Lusiadas*, manifesta o mesmo cristianismo, puro e vivificado, do grande Patriarca, pois que, ao contrario do que o vulgo cuida, o poeta religioso não desaparece de todo nos mais apaixonados transportes de amor terreno. A questão é sabe-lo procurar sem preconceito, e nos versos de Camões, nos mais amorosos, só o não encontra o espirito frivolo ou sectario sem cura.

De Fr. Antonio das Chagas a Soror Violante do Ceu, a Bernarda Ferreira de Lacerda, aos melhores poetas gongoristas, a poesia portuguêsa é, além de sempre cristã, mais ou menos nitidamente repassada do grande espirito franciscano — naturismo puro e elevado, paixão ardente pelo Divino até no que o poeta mais julga ser sentimento exclusivamente humano, ou aquela tristeza sublime que conduz á perfeita humildade, quando não é á placidez sorridente duma fé que em tudo encontra a resignação, a paciencia.

Predomina, comtudo, a melancolia? Explica-o talvez um arraigado pendor etnico, pendor que, ao mesmo tempo, explicaria a frequencia da nota caustica, muito satirica.

Para se verificar isto, não devemos, porém, só atentar no que é formalmente mistico e franciscano. Guiar-nos-á, sim, com insuspeita segurança,

a maneira de quintessenciar o sentimento, como que a *maneira de amar e de ter fé* que cada poeta acusa. Quem não sentir o espirito robusto para tal exame, desistirá com prudencia do seu empenho de ver, sem preconceito, a vida literaria da nossa patria. Esse decerto não compreenderá, por exemplo, que é que tem o bucolismo de Rodrigues Lobo com o mais acendrado sentimento cristão.

No seculo XVIII, o espirito cristão atenua-se, tambem entre nós, como se atenua qualquer influencia religiosa.

Comtudo, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita e o proprio muito classico Correia Garção fizeram arte pagã com evidencias de inspiração baseada no cristianismo, quando quizeram ser originaes.

A serena filosofia do amoroso Tomás Gonzaga, modelo talvez constante de João de Deus, não podia encontrar-se na fonte classica. O delicioso causticismo de Nicolau Tolentino nada tem de pagão, embora tendo tanto de mundano... e até de servil ás vêses. Filinto não conta muito. E' um metrificador cheio de rigidez, caluniado de *sublime* por Lamartine, tradutor opulento, mas duro, de obras ungidas de um espirito cristão que êle nem sentiu devéras, nem tentou senti-lo, mesmo dentro da sua revolta contra o que se chama fanatismo. E, comtudo, foi cristão ainda.

O *Caramurú* é deveras uma profunda nota religiosa, belamente épica. Fr. José de Santa Rita Durão, de resto, não empalidece, como poeta poetico, ao par de Gabriel Pereira de Castro ou de Vasco Mousinho Quevedo. E' um epico verdadeiro.

Emfim, o Romantismo, em Portugal como em

toda a parte, é uma reação religiosa e libertaria. Chateaubriand inicia-o, em França onde o Cristianismo déra Corneille, Racine, Fenelon, Bossuet, Pascal. Como já notámos, Lamartine, Vitor Hugo, Musset, Vigny, por mais heterodoxos, pessimistas e torturados que alguns dêles sejam, fortalecem a nova corrente com novas obras-primas. Assim Manzoni e Silvio Pellico na Italia. Assim tantos outros em toda a Europa.

Entre nós, o Romantismo tem por chefe legitimo um cristão ardente: Alexandre Herculano. Não discutimos a sua ortodoxia. O que é evidente é que o seu cristianismo, simples e austero como o de muitos franciscanos, dos que perderam na penitencia a inefavel alegria do Patriarca, se impõe como astro principal da sua obra, e com nitidez soberana, na *Harpa do Crente*.

Garrett foi um cristão fervoroso em toda a sua obra, aliás delicada de graça mundana. Castilho, neo-classico, nunca escondeu a grande fé religiosa, profundamente cristã. Os novos poetas, Soares de Passos, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Ramos Coelho, Xavier da Cunha, Candido de Figueiredo, etc., incluindo o sectario Guilherme Braga, continuaram a ser de nitida religiosidade, embora em muitos transviada. Antero, o maior, foi um cristão enternecido que o pessimismo e a doença levaram à ilusão do Nirvana pela porta sinistra do suicidio. Gomes Leal, o maior Poeta depois de Antero, foi cristão na propria arte placida das *Claridades do Sul*, nos proprios panfletos em que a blasfemia devia ser Musa, e deliciosamente, com muita pureza, na *Historia de Jesus*. E que o seu anti-cristianismo, como é facil ver, era mais superficial do que sentido, prova-o não tanto a

sua conversão como os indicios claros que em toda a sua obra palpitam num constante anceio pela Beleza Absoluta.

Simões Dias, o lirico eminente, João de Deus, o lirico consagrado, João de Lemos, o proprio ultra-plastico Gonçalves Crespo, Antonio Nobre, e tantos, continuam inspirados principalmente pelo sentimento cristão, e em alguns com um singular perfume franciscano — como em Antonio Nobre se nitidiza tanto.

Guerra Junqueiro, desigual de fé como de maneira, ora subversivo até se aproximar de Proudhon, ora religioso até lembrar o Povo Português—, que é o nosso maior Poeta—, ora baudelaireano, ora com extravagancias piedosas de Verlaine, ora aspirando á tripode dos *Chatiments*, ora erguendo *Orações* com fortes reminiscencias dos *Canticos* do Patriarca, é, sem querer e tambem querendo-o, essencialmente cristão, pois que em formaes blasfemias e em invectivas anti-clericaes, nêle vibra mais a paixão do som, como que do escandalo — iamos a dizer do requerimento ao aplauso da incredulidade triunfante — do que um brado sentido, convicto, iconoclasta por fé rigida.

Emfim, as poucas vêses—embora então com um brilhantismo que não cede ao de muitos grandes poetas — que Teófilo Braga fês poesia pura, espontanea, elevada, o sentimento religioso impõe-se, crístianissimo, tão singular de expressão magistral, que lembra, sobreposto á rudeza do positivismo do autor da *Visão dos Tempos*, uma roseira-chá trepando pelo lenho áspero dum pinheiro.

Mas bastar-nos-ia, afinal, lembrar a franca adopção do espirito de S. Francisco d'Assis por grande numero dos nossos artistas contempora-

neos. São conhecidas declarações recentes de Junqueiro e doutros que tomam a peito o resurgimento da Arte nacional.

Pódem ridicularizar os anceios de Renascença que se evidenciam, e achar confusa, até contraditoria e pessoalista, a obra dos seus apóstolos.

Pódem até êsses apóstolos chocarem-se em varios mal intendidos.

Nem por isso, por exemplo, Julio Brandão, poeta delicado, deixa de vir, desde o tempo em que Luís de Borja escreveu os *Nefelibatas*, na corrente verdadeira com R. Brandão, D. João de Castro, com Roberto Maria, etc., encontrando-se com L. Coimbra, Angelo Jorge, etc., etc. com o belo poeta do *Tarcisio* e *Claridades divinas*—P.e Francisco de Sequeira com Queiroz Ribeiro, e tantos...

A propria corrente do naturismo, como medicina, compreendida a preceito por cristãos cheios de pura simpatia pelo Patriarca—entre êstes, sobresai o dr. Jaime de Magalhães Lima—e julgada vitoria do materialismo por outros, decerto sinceros, e alguns com talento, apezar dos preconceitos scientistas, essa propria corrente é, na essencia, mais religiosa do que o pensa a maioria dos naturistas. Porque pouco importa a desorientação, mais inofensiva do que absurda, de alguns, e até a hiperbole fantastica com que qualquer dêles pensa amarrar-se á antropolatria. A Critica livre sorri mesmo ás possiveis autosugestões de infalibilidade megalómana, e aplaude com honradez os frutos puros duma corrente que, saneando os corpos, hade, cêdo ou tarde, sanear os espiritos. Ora os espiritos sãos—de inteligencia, sentimento e caracter—são profundamente religiosos. Pódem hesitar,

por influencias do *meio*, ou dos residuos mórbidos que só muitos anos de regime puro debelam, na livre e honesta confissão duma Fé que vive principalmente da saúde—do corpo e da alma. Na sua própria abstenção do que, apetitoso, é nocivo, do que, tornado hábito, passou de artificial a natural, no próprio esfôrço fisico, enrijando músculos, fazendo-os primeiro doer, como nota Müller, sujeitando a carne a uma mortificação que só mais tarde é prazer e equilibrio, nisso mesmo está já um sentimento religioso que o naturista por panteismo-materialista dirige ao Cosmos, e que os progressos da saúde do espirito dentro da do corpo levarão forçosamente a Deus.

E, que o confessem ou não, que prefiram a popularídade fácil dos menores incrédulos, ou tenham a coragem de exteriorizar, dentro duma perfeita sciencia, os seus progressos intimos, não menos positivo é que as ideias caminham, julgando embora os seus portadores e apóstolos que consistem apenas em melhorar corpos, como se a Matéria não fosse mudavel e contingente.

Mas, nêste periodo elaborador, a religião sofre, como nunca, em Portugal e em bastantes paizes da Europa, os golpes mais rudes. Hora de provação? Já longa, pois que vem de há muitos anos, pois que, a rigor, essa hora bateu no Século XVIII.

Comtudo, é providencial a angustia nos espiritos superiores. A História, quanto á Religião, o confirma centenas de vezes. A incredulidade é estéril directamente, mas fecundissima sem o querer. Vejamos.

Que nos dá, muito a rigor, a incredulidade? Nem o puro amor da Sciencia. O verdadeiro in-

crédulo descrê tanto da lei da gravitação como da existência de Deus. No seu intimo, sorri do que afirma, como positivo. Admite a mais inverosimil hipótese scientifica? Sim, quando tal hipótese se coaduna melhor com o egoísmo de quem não pode, não sabe, nem quer, ter Fé. Para se ser sábio, é preciso fé, ao menos fé scientifica, e essa fé, levada á verdadeira liberdade do pensamento, conduz por força á Religião.

Assim o incrédulo, aceitando tudo que favoreça a incredulidade, evítará confessar a melhor Sciência, se ela dér um só relampago de fé superior.

Que nos dá mais a incredulidade? Nem a paz dos povos, nem a dos indivíduos, nem Moral, nem Saúde, nem Liberdade, nem Justiça, nem verdadeiro Amor.

Não ha ninguem mais triste e infeliz do que o incrédulo. A sua alegria é, quando muito, sarcasmo pungente. A sua ventura é o passageiro prazer do apetite bestial. Egoista, por mais que se bata pelo altruismo, é irredutivelmente o maior dos hipócrítas, e tem de o reconhecer, ocultando-o embora com uma monstruosa agonia que não terá nunca a coragem de confessar.

O incrédulo é lógico inimigo da Religião e, no estrondo dos modernos progressos materiais, tem êle fortificado não só a sua como que voluntària ignorância do Ideal Superíor, como até uma certa razão de superioridade e verdade, aureolada por maravilhas e confortos, embora os humildes mais tenham nos progressos materiais o suplício de Tantalo do que o paraizo cantado e prometido.

Porêm, a Religião, ferida e até detestada,

deixa passar a nuvem, oferecendo constantemente o seu sol tranquilo ás almas, ás consciências, e o mundo vai sentindo os efeitos sinistros da interposição da nuvem. Quando não são vendavais, são dias brumosos, tristes como um silencioso inverno.

Não vem só a Democracia, constantemente prometida, mas constantemente falsificada. Não é só a criminalidade crescente, apezar das leis e dos programas da moral laica. Não é só a bestial supremacia das plebes, com prejuizo do Povo, a anarquia dos lares, a anemia das pátrias, a ancíedade dolorida da Humanidade.

Não é só a intolerancia moderna, excessiva, anti-democrática, anti-humana. Não é só êsse fruto do progresso material a máquina, aniquilando o operário na paz, fazendo dele pavimento ensanguentado, na paz e na guerra.

É tambem a Arte, decadente em toda a Europa, porque em toda a Europa a Religião é ferida com rancor e demencia, embora com maior fúria em certos países, antigamente primaciais de fé.

Notava, ha dias, o ilustre homem de sciencia Dr. Julio de Matos, que na própria França só ha um eminente literato: Anatole France. Não é Anatole, num país onde escrevem Paulo Bourget, Loti, E. Daudet, Faguet e onde vive Mistral, o primeiro literato. O dr. Julio de Matos, apezar da sua lúcida inteligencia, viu assim, porque ha muito se enclausurou, voluntária ou involuntariamente, num positivismo irreligioso, sistemático, rígido como um preconceito, e só Anatole — arte sibarita — lhe parece, pois, progresso e valor.

Mas, na verdade, a vida literaria e artistica da França é decadente. Porque? Melhor é perguntar: desde quando?

A resposta é só uma: desde o afrouxamento da fé religiosa.

Não ha neste ponto, que armar controversias. Basta estudar e compulsar os factos.

Ora em toda a parte a mesma causa produz os mesmos efeitos.

Baldadamente se pede Arte a um Povo que não tem Fé ou que vê a sua Fé agredida.

Ao mesmo tempo, em vão lhe rogam que manifeste coerentemente, profundamente, o seu amor pátrio.

Pátria?! Mas porventura julgam que o Povo a pode separar das suas tradições? Se o direito e urgencia da legítima defêsa, se o orgulho nativista podem levar o Povo a sacrificar-se pelo Exercito e pela Armada, julgarão que o amor-pátrio chegou emfim?

Iludem-se. Pode um Povo armar-se até aos dentes, repelir com triunfo o estrangeiro, e não ceder mais do que a um efémero e estéril patriotismo. Defender-se-á como o assaltado, ás vezes apático, mas que ganha energia para defender a vida, e isso, sendo muito, será pouco. Livre da invasão, da agressão, em nada mais revela o patriotismo, e antes mergulha na velha e sceptica atonia, fatal chamariz de agressões novas, cada vez mais justas, daquelas que deixam indiferentes e neutraes os povos avançados e conscientes da sua missão.

Sim. Armem Portugal. Defendam-no, porque muitos perigos o ameaçam. Mas com que armas? Só as de aço? só canhões, cruzadores, aeroplanos? Isso pode ser bastante, mas nada será se a consciencia portuguesa não tiver paz, liberdade, liberdade de ensino, de cultos, de associação, de

reunião, de imprensa, fé pura no regime politico, concordancia espontanea com o espirito das leis, amando-as e respeitando-as com sinceridade.

Só, tendo tudo isso, Portugal será forte, porque será consciente e progressivo. Ainda que então o vençam pelas armas, êle vencerá pela vontade integra. Cada aldeia será uma fortaleza superior ás mais célebres, levantadas pela sciencia militar. José Povinho excederá Vauban.

Foi o scepticismo galante do Império — e portanto, a corrução e desagregação do espirito do povo francês — quem deu a palma a Bismark. Bismark foi simplesmente um penetrante leitor da anarquia doirada da França. Leu nela ignorancia e tibieza de fé. Armou-se á cautela com forças formidaveis — porque é sempre perigoso invadir a casa alheia, embora o dono viva sem moralidade perfeita, sem verdadeira consciencia — e rompeu, para logo vencer, esmagar, humilhar o pavão brilhante e fátuo.

E' que a Fé tudo dá: a consciencia e a força, a inteligencia, o sentimento e o caracter.

E, se não, vejamos os factos no ponto de vista da Arte. A Arte Portuguesa é uma prova nitida. Ha anos que é decadente, quasi nula. Porque? Porque o scepticismo predominou e predomina. Ha cincoenta anos que tal decadencia se acentua. Mudam as instituições e nem um poema nem um hino de vida nova. Porque? Porque o scepticismo, em vez de se extinguir, agravou-se, excitado pelo desastre fatal duma questão religiosa que urgiria solver dentro da liberdade pura na supremacia da vida economica e moral.

E agora? Temos um povo, que todos impelem, girandolando planos e berrarias, para o pro-

gresso, e que não tem pernas para dar um passo com entusiasmo e confiança.

Temos, emfim, o terreno mais sáfaro para que brote qualquer coisa de elevadamente estetico.

A vida pratica ha-de ser fiticia, aparente, com um ou outro relampago, logo extincto.

Os factos já o dizem.

A vida artística — e já o demonstra a continuação da mesma critica, pessoalista, sem honesta justiça — não só não renascerá como se apagará funebremente.

Basta-nos um exemplo. Com uma coragem e brilho que enternecem, sustenta o eminente gravador Marques Abreu, no Porto, uma revista primacial: *Arte*. Ali ensina, em gravuras e artigos excelentes, o que de melhor tem a vida artistica no estrangeiro e entre nós.

O que todos lhe devemos! Além das obras-primas exoticas, quadros do nosso Sequeira, de Vieira Lusitano, de Grão Vasco, etc., revelações para profanos como as das preciosidades do Museu de Aveiro, do Museu de Arte Sacra de Coimbra, cruzeiros goticos como a de Leça do Bailio, conventos como os de Tarouca, Serra do Pilar, templos como os de Lourosa, Balsemão, etc., paizagens deliciosas da boa terra portuguesa, retratos, emfim, gravuras de reliquias adoraveis de toda a Arte.

Pois a imprensa, que tanto lamenta a nossa decadencia artística, mal se refere áquele primoroso e glorioso mensario. Nem um só estudo consciencioso de tantos magnificos espécimes de arte pura.

Apregoam que é preciso desenvolver o nosso sentimento estetico, e mal dedicam á revista *Arte*

um registo de favor. Os nossos famosos estetas desconhecem-na quasi.

Porque? Pela má vontade que, num país, onde se diz faltar tudo, se acolhe sempre a iniciativa de talento, honesta e conscienciosa? Isso é muito, mas só o é porque não temos já gosto, devoção artistica.

O espirito religioso amorteceu-se. Onde basear a Arte pura? E, sem ela, onde basear a critica elevada e educativa? Sem a Religião não ha Arte, como não ha Moral nem verdadeira Sciencia. Porque nos queixaremos, pois, de outro factor de todos os nossos males, que não seja o scepticismo?

Ah! mas o mal maior da nossa vida é, afinal, a hipocrisia. Tartufo não nos larga. Por vêses, nos estragou o melhor da Cruz. Se o Cristianismo não fôsse divino, tê-lo-iam aniquilado como o culto de Baal, em varios lances de febre politica, pelo menos.

Veio o Livre-Pensamento, e já ha ânos, ainda monarquico, com áres de fazer voltar o Cristianismo á sua pureza primitiva.

Mas era o reformador á Rodrigo, um Tartufo de nascença.

Fingiu reformar, e queria matar. Fingiu amor ao Evangelho, e trazia apetite de fera sem meza posta.

Porisso mexeu em tudo até chegar a demolir, pelo menos na aparencia, a Cruz. Ruinas, absurdos, ódios, despotismos, eis a sua obra, começada ha 30 anos,

Na propria vida material, esta hipocrisia: abundancia de *planos*, e nenhuma realização perfeita. Hoje como ontem.

E que fazermos? Queremos Arte, Economia, Moral, Liberdade, Fé?

Mas Tartufo não está mais invencivel? Pois não tem agora a pior máscara — a duma Vida Nova que parece ocultar só velhas manhas?

Porventura se desconhece que, como nunca, vamos resvelando na mais infecunda, embora disfarçada e viscosa, Anarquia?

FIM

Casa Editora de Antonio Figueirinhas

PORTO

EXTRATO DO CATALOGO

Catalogo geral franco de porte a quem o pedir

DEPOSITARIO GERAL:

Livraria Portuense LOPES & C.ª,—Successor

119, Rua do Almada, 123—PORTO

José Agostinho

Lusiadas, prefaciados, parafraseados, anotados e com um vocabulario, cada tomo ou canto, br. 150, enc.	250
Lusiadas, em 2 vol., br. 1$500, enc.	2$000
Lusiadas, em 1 grosso vol. os dez cantos, enc.	1$600
A Mulher em Portugal, br. 500, enc.	700
O Homem em Portugal, br. 600, enc.	800
Tragedia Maritima, (romance historico em 3 vol.) br. 1$200, enc.	1$800
O Poema do Lar, br	400
O Caminho das Lagrimas, (romance histórico) br. 600, enc.	800
O Padre Antonio, (2.ª edição refundida), br. 400, enc.	600
Poema da Paz, br.	400
O Evangelho, br. 400, enc.	500
Definições, (verso).	200
AS NOITES DO AVOZINHO — Belezas da Historia de Portugal, cada vol. br. 100, enc.	200
Noemia, (romance infantil), br.	100
Mez de Maria, enc.	400
Fabulas, (verso), br. 1 0, enc.	200
El-Rei da Barbaria, (verso)	50
Cristo, cada fasciculo (poema).	100
OS NOSSOS ESCRIPTORES:	
Guerra Junqueiro	100
Teofilo Braga	100
José Pereira de Sampaio (Bruno)	100
Éça de Queiroz (2.ª edição aumentada)	300
Alexandre Herculano, br. 500, enc.	700
Jaime de Magalhães Lima	100

Enviam-se catalogos a quem os pedir

Casa Editora de Antonio Figueirinhas — PORTO

EXTRATO DO CATALOGO

Deposito geral: Livraria Portuense de Lopes & C.ª, — Successor.

119, Rua do Almada, 123 — PORTO

Bossuet

1.º volume dos **Sermões de Bossuet**, tradução de Manoel de Melo — obra aprovada pela autoridade eclesiastica, 1 vol. de 400 paginas, br. 500, enc. . . . 700

2.º volume dos **Sermões de Bossuet** — obra aprovada pela auctoridade eclesiastica, trad., br. 500, enc. . 700

* * *

Imitação de Jesus Cristo — versão ponderação e metodo de missa de Antonio Figueirinhas com um prefacio do Snr. D. Antonio, Bispo do Porto, enc. . . . 300

Imitação de Jesus Cristo — tradução sem ponderações sem metodo de missa, br. 140, enc. 200

P.e Luiz Alberto Cid

O Codigo dos Parocos, nas suas funções, Ritos e Cerimonias. Obra, com nova revisão, aprovada pelo snr. D. Antonio, Bispo do Porto, br. 800, enc. . . . 1$200

O Ritual Romano e os Rituais Nacionais, Provinciais e Diocesanos — Refutações ás objéções levantadas contra o **Codigo dos Parocos**. 200

Cerimonial dos Parocos e *Compendio de Liturgia Sacramental*, em harmonia com o *Ritual Romano de Paulo V* e a edição tipica de S. C. R. de 24 de Março de 1884 para uso do clero e seminarios de Portugal e Brazil — obra aprovada pelo sr. D. Antonio Bispo do Porto, 1 vol. enc. com muitas gravuras . 600

José Agostinho

A Existencia de Deus — *Os erros de Haekel*, ... 100
Os Sofismas Materialistas 100
Deus provado pela Sciencia 100
A Escola sem Deus 50
O Trabalho sem Deus 50
A Familia sem Deus 50
O Estado sem Deus 50
O Cristianismo e a Questão Social 50
O Cristianismo e a Patria 50
As Blasfemias dos que acham crimes em Jesus Cristo 50
As Blasfemias dos que acham mentiras em Jesus Cristo 50
As Blasfemias dos que acham ignorancia em Jesus-Cristo 50
Versos para as Crianças, br. 300

Enviam-se catalogos a quem os pedir

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 6699

Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia

Volumes publicados

I—**Os erros de Haeckel,** por José Agostinho 100
II—**Sofismas materialistas,** » » 100
III—**Deus provado pela Sciencia,** » 100
IV—**A Caridade,** por P.e José Lopes Cancela 100
V—**Alem-Tumulo,** por A. P. S. 100
VI—**A Fé,** por Pedro Marques 100
VII—**A Religião e a Arte,** por José Agostinho 100

A SAIR:

VIII—**O Sacramento do Batismo,** por D. João, Bispo de Angola e Congo. . . . 100

Biblioteca de Propaganda Popular

LIVRINHOS PUBLICADOS

DE

JOSÉ AGOSTINHO

I—A Escola sem Deus. II—O Trabalho sem Deus. III—A Familia sem Deus. IV—O Estado sem Deus. V—O Cristianismo e a Questão Social. VI—O Cristianismo e a Patria. VII—As blasfemias dos que acham crimes em Jesus Cristo. VIII—As blasfemias dos que acham mentiras em Jesus Cristo. IX—As blasfemias dos que acham ignorancia em Jesus Cristo. X—A Religião e o Ensino do Povo.

Cada livrinho, 50 reis

LIVRARIA PORTUENSE, de LOPES & C.a, Suc.or

119, Rua do Almada, 123

PORTO